

A Ocupação Alto-Medieval do Povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo)

Tiago André Simões Pereira

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

**Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do
grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica
da Doutora Catarina Tente**

Versão corrigida e melhorada após defesa pública

Outubro, 2013

Aos meus pais

Aos meus tios

Por tudo

Agradecimentos

A elaboração deste trabalho revelou-se uma verdadeira maratona do qual não seria possível sem o contributo e o apoio daqueles que me ajudaram a ultrapassar todas as dificuldades ao longo deste último ano, e a quem eu agradeço.

O eterno agradecimento à minha orientadora a Professora Dr.^a Catarina Tente, que sempre me acompanhou e aconselhou neste percurso, pela paciência e desafio que foram estes últimos meses. Pela oportunidade de poder continuar a fazer o que mais gosto e de continuar a aprender, motivo que me levou a investigar em arqueologia medieval.

A todos da Crivarque pela forma como sempre me receberam. Em especial à Filipa Rodrigues e ao Pedro Souto. Ao Gonçalo Lopes e à Cristina Gonzalez pela companhia e discussão de ideias.

À Célia Ribeiro por todo o esforço que fez, infelizmente em vão, mas que agradeço profundamente.

Ao Vasco Vieira por não conseguir dizer que não aos amigos, pelos magníficos desenhos: um muito obrigado!

À Sílvia Casimiro que me ajudou com os ossos e com o inglês, à Sara Prata e Fabián Cuesta por uma olhadela aos metais, aos três agradeço a amizade e disponibilidade sempre que necessito.

Ao João Romão e à Catarina Bolila, companheiros de muitas batalhas e que eu nunca esquecerei e agradeço a vossa amizade.

À Susana Silva, por estares ao meu lado, pela paciência e apoio que fez com que todo o trabalho valesse a pena.

Ao apoio incondicional dos meus tios João e Conceição, sem eles este trabalho não poderia ser realizado. Pelos conselhos e por serem também meus amigos um muito obrigado.

Aos meus avós, pela humildade, pelo trabalho e pelo exemplo que sempre foram para mim.

E por último um eterno agradecimento aos meus pais José e Maria, sempre inextinguíveis no apoio que me deram, nos bons e nos maus momentos.

Muito obrigado a todos!

A Ocupação Alto-Medieval do Povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo)

Tiago André Simões Pereira

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia, Minimização de Impactos, Comunidades locais, Espólio Cerâmico, Fauna, Metais

A presente dissertação teve como objectivo estudar o espólio alto medieval proveniente do povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo). O mesmo foi recolhido nas intervenções arqueológicas realizadas em 2009/2010, no âmbito da minimização de impactos sobre o património cultural neste sítio arqueológico pelo projecto de infra-estruturas *Bloco de Rega de Ferreira, Figueirinha e Valbom*, promovido pela Empresa de Desenvolvimento de Infra-estruturas de Alqueva, S.A. (EDIA, S.A.). A partir da análise do espólio arqueológico, pretendeu-se caracterizar as produções oleiras e as actividades económicas e sociais que se depreendem da utilização do conjunto do espólio identificado.

A escavação permitiu identificar várias estruturas negativas do tipo “fossa”, abertas no solo e entulhadas num único momento. Estas funcionaram como zonas de descarte de lixo doméstico, sendo o conjunto caracterizado pela presença maioritária de cerâmica, mas marcam também presença artefatos metálicos e alguns restos de fauna.

Os materiais arqueológicos exumados inserem-se no período emiral, sugerindo-se um enquadramento em redor do século IX. Conjuntamente com esses, foram ainda reconhecidos alguns materiais arqueológicos que se enquadram no período tardo-romano.

A maioria do espólio estudado são cerâmicas que se enquadram na denominada “loja de cozinha”, de armazenamento e de construção, correspondendo sobretudo, a cerâmica comum de produção local.

Entre o conjunto dominante foram igualmente identificadas produções exógenas que se caracterizam por apresentarem pastas claras, com ou sem pintura a vermelho, e com numerosos paralelos datados do século IX no espaço do al-Andalus. Estas produções aparecem ainda associadas a alguns fragmentos de cerâmica vidrada tipicamente islâmica.

A quantidade de importações não é significativa mas reflecte um comércio de produtos de excepção, que chega a áreas profundamente rurais e que são adquiridas pelas comunidades locais.

ABSTRACT

KEYWORDS: Archaeology, Action to Minimized Impacts, Local Communities, Pottery Remains; Faunal Remains; Metals

This thesis aimed the study of the early-medieval archaeological remains from Porto Torrão settlement (Ferreira do Alentejo) arising from the archaeological interventions of 2009/2010, carried out under an action to minimize impacts on the cultural heritage in this archaeological site, by the infrastructures project *Bloco de Rega de Ferreira, Figueirinha e Valbom*, promoted by *EDIA, S.A.- Empresa de Desenvolvimento de Infra-estruturas de Alqueva, S.A.* Based on analysis of the pottery set it was intended to characterize the pottery production and the economic and social activities flowing from the use of the archaeological remains identified set.

The excavation allowed the identification of several negative structures like “fossa” opened in the ground and littered in a single moment. These “fossa” functioned as household waste disposal areas, the whole collection is characterized by the main presence of ceramics, but there are also metallic artifacts and some remains of fauna.

The exhumed archaeological materials can be inserted in the emiral period, suggesting a framework around the ninth century. Along with these, were also identified some archaeological materials that fit the late-Roman period.

Most of the studied archaeological remains are ceramics that fall into the so-called “cooking ware”, storage and construction pottery and corresponds mainly to common ceramic from local production.

Among the dominant set were also identified exogenous productions which are characterized by clearer pastes with or without red painting and with several parallels dating from the ninth century, in the al-Andalus area. These productions also appear attached to fragments of glazed pottery typically Islamic.

The amount of imports is not significant but reflects a commercial trade of exception products that reaches the deep rural areas and, which products were acquired by the local communities.

Índice

Capítulo 1 – Introdução	1
1.1 - Objectivos e âmbito do trabalho	3
1.2 - Organização e apresentação da dissertação	4
1.3 - Estado da arte	5
Capítulo 2 – Porto Torrão: Caracterização geográfica e intervenção arqueológica	13
2.1 - Localização e contexto geográfico	15
2.1.1 - Localização geográfica e trabalhos realizados	15
2.1.2 - Inserção geológica e geomorfológica	18
2.2 - Intervenção arqueológica de 2009/2010	19
2.2.1 - Contexto da intervenção e objectivos	19
2.2.2 - Trabalhos de escavação e resultados da intervenção	21
Capítulo 3 – Questões metodológicas	27
3.1 - Metodologia de análise do espólio	29
3.1.1 - A cerâmica	29
3.1.1.1 - Critérios de análise das produções cerâmicas	31
3.1.2 - Os metais	35
3.1.3 - Os ecofactos	35
Capítulo 4 – Análise do espólio	37
4.1 - Cerâmica	39
4.1.1 - Cerâmica de construção	55
4.1.2 - Catálogo das peças	55
4.2 - Metais	137
4.2.1 - Catálogo dos metais	137
4.3 - Vidros	141

4.3 - Ecofactos	141
Capítulo 5 – Inserção cultural e cronologia	143
Conclusões	155
Bibliografia	163

Anexos:

ANEXOS I – Documentação gráfica e fotográfica relativa ao sítio e à intervenção arqueológica

ANEXOS II – Documentação gráfica e fotográfica do espólio

Capítulo 1 – Introdução

1.1 – Objectivos e âmbito do trabalho

Esta dissertação, intitulada *A ocupação alto medieval do povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo)*, centra-se no estudo do espólio resultante das campanhas arqueológicas realizadas entre 2009 e 2010 no povoado pré-histórico do Porto Torrão.

Estas intervenções revelaram uma diacronia cronológica de ocupação do espaço desde o Neolítico final/Calcolítico, prolongando-se até à Alta Idade Média.

Neste âmbito, foi detectado um grande número de estruturas negativas, que consiste sucintamente em grandes fossos delimitadores do povoado pré-histórico, em associação com silos ou fossas escavadas no substrato geológico ou no solo e em estruturas alto-medievais do mesmo género das anteriores, reaproveitando estas como lixeira e cujo preenchimento resultou na coleção de materiais aqui analisada.

O espólio, cedido pela empresa de arqueologia Crivarque, que foi alvo deste estudo provém de alguns contextos que se identificaram como posteriores à ocupação pré-histórica do sítio e mostrava ser resultante de uma utilização do espaço durante a tardo-antiguidade e a alta idade média. Foram precisamente estes últimos que se estudaram profundamente, tendo-se incluído o escasso espólio romano na análise geral pela proximidade das épocas em questão, mas não se efectuando um estudo mais profundo. O conjunto é constituído maioritariamente por cerâmica comum medieval de uso doméstico, alguma cerâmica vidrada e pintada islâmica, e um pequeno conjunto de metais e macro-restos faunísticos.

O contexto estudado é bastante limitado na possibilidade de relacionamento do espólio com estruturas concretas, uma vez que se trata de contextos secundários resultantes de descartes. Esta limitação impossibilita relacionar o espólio com actividades concretas ainda que o tipo de cerâmicas permita tecer algumas considerações sobre essas mesmas actividades.

Ainda que o espólio permita perceber que se está perante um descarte de cariz doméstico, efectivamente, as estruturas que documentam o quotidiano da comunidade que usou o espólio estão ausentes, bem como estão ausentes estratigrafias que permitam afinar as cronologias relativas. Tendo em conta esta limitação fundamental a inserção cultural e cronológica do conjunto revela-se como a análise mais relevante deste estudo.

Nesse sentido, a presente dissertação tem como objectivo primordial contribuir para um maior conhecimento das realidades artefactuais da fase inicial do domínio islâmico, designado por período emiral, uma vez que se trata de uma faixa temporal pouco investigada e estudada em Portugal.

Para o concretizar definiram-se os seguintes objectivos: caracterizar as produções cerâmicas no seu tipo de fabrico, forma e funcionalidade; identificar igualmente a proveniência das produções cerâmicas e enquadrá-las no contexto local/regional. Consequentemente, esta análise resulta na aferição cronológica do espólio em estudo, e na identificação do processo de aculturação desta comunidade desse momento de transição cultural do período visigótico para o mundo islâmico.

1.2 - Organização e apresentação da dissertação

A presente dissertação foi organizada em seis partes distintas. A primeira corresponde a esta introdução, onde se definem os objectivos e âmbito do trabalho que constituíram a base do seu desenvolvimento, e referência ao estado da investigação em Portugal no início deste trabalho.

O capítulo II trata o enquadramento geográfico e geomorfológico do Porto Torrão, assim como todos os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no sítio desde a década de 80 do século XX.

No terceiro capítulo abordam-se as questões metodológicas que nortearam esta investigação e onde estão definidos os parâmetros de análise da cerâmica, dos metais e dos ecofactos.

O quarto capítulo corresponde à análise do espólio e encontra-se subdividido em quatro, dedicado ao diferente espólio em estudo: no primeiro é apresentada a descrição geral da cerâmica e das formas registadas no NMR, bem como da tecnologia de fabrico e cozedura das peças, inclui-se igualmente o catálogo descritivo das peças do NMR, e uma breve análise à cerâmica de construção; no subcapítulo seguinte é apresentada uma descrição geral dos metais e respectivo catálogo descritivo; no terceiro é feita referência às faunas por espécies identificadas; e por último um pequeno subcapítulo onde são

descritos outros materiais que não se enquadram nos anteriores mas que importa referir, neste caso material vítreo.

No capítulo V é desenvolvida a inserção cultural e cronológica através da análise efectuada no capítulo anterior, integrando o espólio num contexto cultural, exemplificando com outras realidades arqueológicas semelhantes com cronologia segura.

Finalmente, temos o capítulo VI que corresponde às considerações finais onde se tecem os últimos comentários acerca do trabalho desenvolvido e principais conclusões e linhas de investigação a seguir.

Optou-se por inserir no final dois tipos de anexos: o Anexo I, de documentação cartográfica, onde se inclui a implantação do sítio na malha regional e outros mapas de análise; e o Anexo II, de documentação gráfica, onde se insere todo o registo gráfico da escavação - plantas e perfis das estruturas, e o catálogo gráfico da cerâmica e dos metais.

1.3 – Estado da arte

A arqueologia medieval peninsular tem vindo gradualmente nos últimos anos a produzir um considerável número de trabalhos científicos sem antecedentes. O surgimento de inúmeros trabalhos de investigação e minimização no seio dos contextos medievais, particularmente sentida a partir dos anos 80 do século XX, levou ao início de uma maior reflexão e discussão sobre a história e arqueologia medieval no contexto peninsular.

Em Portugal, a primeira referência sobre arqueologia medieval do período islâmico¹ reporta-se às escavações realizadas nos finais do século XIX por Abel Viana, Santos Rocha e Estácio da Veiga. Contudo, é apenas em 1971 com o início das

¹ Sobre a investigação em arqueologia medieval em Portugal ver Fernandes, 2005, p. 149-173. Para o caso particular da arqueologia islâmica em Portugal a excelente síntese de Helena Catarino (Catarino, 1995-1997, p. 457- 484), e a recente publicação sobre arqueologia medieval islâmica e cristã de Isabel Fernandes e Santiago Macias (2011, p.153-177).

campanhas de escavação no Cerro da Vila (Vilamoura) dirigidas por José Luís de Matos, que a investigação em arqueologia medieval para o período islâmico “arranca” definitivamente. Esta intervenção arqueológica revelou-se pioneira nos trabalhos de campo realizados, pelo registo e caracterização da cerâmica muçulmana proveniente de contextos seguros. Este investigador, após estudo da cerâmica deste sítio arqueológico, inicia o reconhecimento da cerâmica deste período que se encontrava em diversos museus a sul do país inclusive no Museu Nacional de Arqueologia.

Até aos anos 70, a arqueologia medieval não conheceu grande desenvolvimento, e durante o Estado Novo, surgem as grandes obras nos monumentos históricos: *“A partir dos anos 40, a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais iniciou, como se sabe, de um modo quase sempre arbitrário e pouco científico, os restauros de castelos, e fortalezas medievais, acompanhados, normalmente, de grandes remoções de terras sem que se tivessem feito escavações arqueológicas prévias. Do espólio exumado durante esses restauros, o que se encontrava bem conservado foi depositado em arrecadações de museus, ou guardado em colecções particulares, e ainda hoje se encontra, infelizmente, por estudar.”* (Catarino, 1995-1997, p. 462).

No fim dos anos 70 do século passado, iniciaram-se em Portugal os primeiros projectos de investigação arqueológica dirigidos especificamente para o estudo do período islâmico.

As principais referências científicas no nosso país, no estudo deste período, cingem-se aos trabalhos desenvolvidos pelo Campo Arqueológico de Mértola sob a coordenação de Cláudio Torres e iniciados em 1978 na vila de Mértola; aos trabalhos efectuados por Helena Catarino no Algarve Oriental a partir dos anos 80 e na cidade de Coimbra na última década; à investigação efectuada por James Boone na região de Mértola; aos trabalhos realizados no barlavento algarvio por Rosa Varela Gomes; à investigação levada a cabo em Tavira pelo Campo Arqueológico de Tavira na última década, assim como outros projectos e intervenções arqueológicas em curso nos últimos anos no Algarve e focados para o período islâmico. Por último, é de salientar alguns trabalhos monográficos resultantes de escavações arqueológicas, como é o caso do estudo sobre o Castelo de Palmela por Isabel Fernandes (Fernandes, 2004), os diversos trabalhos realizados na cidade de Lisboa, e a norte do Tejo com os trabalhos arqueológicos efectuados na cidade de Santarém.

Em Portugal, o interesse pela cultura material islâmica, que despontou no século XIX, estava focado principalmente para os elementos arquitectónicos e decorativos. Numa primeira fase, a história da arte foi a disciplina que mais se destacou, pela visibilidade e estética dos seus elementos em estudo, na investigação sobre os vestígios de época muçulmana no actual território português. A partir deste período, surgiu um interesse particularmente maior na recolha de materiais islâmicos, e paralelamente, aparecem os primeiros estudos de diferentes áreas da investigação como a numismática, a toponímia e a epigrafia. Relativamente ao estudo das cerâmicas, é também nesta altura (finais do século XIX) que existe referência à recolha de alguns materiais no Alentejo e no Algarve, nomeadamente por Santos Rocha, Bernardo de Sá e Leite de Vasconcellos. Contudo, em relação à cerâmica, apenas as peças inteiras e de grande valor estético, logo de maior interesse museológico, eram consideradas em alguns estudos sobre a cultura material de época medieval islâmica.

Os estudos de cerâmica medieval islâmica, até aos anos 80 do século XX, são praticamente nulos sendo apenas relevante mencionar os trabalhos realizados por Abel Viana no Alentejo, designadamente no Castro de Nossa Senhora da Cola em Ourique. É já nos anos 80 do século passado, que os trabalhos de investigação sobre as produções cerâmicas de época medieval se iniciam efectivamente em Portugal com a organização do IV Encontro sobre Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, organizado pelo Campo Arqueológico de Mértola no ano de 1987. Este evento marca definitivamente uma nova etapa da arqueologia medieval em Portugal e como consequência disso é o aparecimento de diversos investigadores em arqueologia medieval islâmica. Paradigma da investigação iniciada na década anterior em Espanha, com os trabalhos realizados por Rosselló-Bordoy (1978), André Bazzana (1979 e 80) e Juan Zozaya (1980), contribuindo para uma primeira definição crono-tipológica das cerâmicas e sua nomenclatura. Estes trabalhos foram o resultado de uma nova perspectiva em arqueologia medieval, abordando conjuntos de materiais exumados de escavações com maior rigor científico.

Na década posterior, arranca em Tondela as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval com quatro edições em apenas oito anos (1992, 1995, 1997 e 2000). A partir de então, os trabalhos produzidos em arqueologia medieval islâmica aumentaram significativamente, resultando em diversos projectos e trabalhos de investigação nesta área já mencionados anteriormente. O crescente número de trabalhos em arqueologia

medieval islâmica a norte do Tejo levou à realização de dois seminários realizados no porto sobre “Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (VIII-XIII)” em 2003. Nestes encontros, abordou-se pela primeira vez realidades arqueológicas outrora ignoradas, onde a informação produzida através da intervenção de contextos islâmicos nesta área geográfica é ainda muito escassa.

Os congressos internacionais sobre “Cerâmicas Medievais no Mediterrâneo”, realizados desde os anos 80 do século passado, tiveram também a participação de investigadores portugueses em número crescente. *“As muitas possibilidades de abordagem nesta temática motivaram nos últimos tempos teses de mestrado e de doutoramento e a persistência da participação portuguesa nos congressos de Cerâmicas Medievais do Mediterrâneo.”* (Fernandes, 2005, p. 161), sintetiza Isabel Fernandes, sobre o estudo da cerâmica medieval em Portugal.

Em relação a publicações de trabalhos no nosso país, além da publicação das actas dos encontros já referidos, é igualmente importante mencionar a coleção da Arqueologia Medieval publicado pelo Campo Arqueológico de Mértola, e que já leva doze volumes publicados desde 1992, entre outras publicações relevantes para o período islâmico.

O intercâmbio científico que estes encontros proporcionaram, entre investigadores de diversas nacionalidades, no debate e discussão sobre a problemática do material cerâmico, estimulou novas linhas de investigação conduzindo ao ensaio de classificações tipológicas, análises químicas e mineralógicas para determinar proveniências e intercâmbios, diversidades técnicas e decorativas.

Porém, o conhecimento produzido sobre o período emiral (séculos VIII a IX) que reflecte a transição cultural do mundo tardo antigo para o mundo islâmico, é ainda bastante exíguo no nosso país especialmente para contextos de âmbito rural.

A realidade arqueológica a sul do país é profícua no que respeita a sítios de cronologia pré-histórica e romana em comparação com o número de sítios medievais. A investigação levada a cabo nestas regiões reporta-se sobretudo ao estudo das *villae* e a vestígios pré-históricos, existindo um generalizado desinteresse pelo estudo do período medieval. É sobretudo nas cidades que a maioria dos estudos de época medieval, particularmente no que respeita à história de arte, se desenvolve. Neste campo, no âmbito da arqueologia preventiva ou de salvamento dos centros históricos, as

intervenções arqueológicas permitiram um maior conhecimento da ocupação desses espaços em época medieval.

Sobre o panorama geral da arqueologia medieval islâmica, nos finais da década de 90, Helena Catarino descreve essa pobre realidade: *“Mas o certo é que as poucas referências a escavações de sítios muçulmanos e o respectivo estudo do espólio encontrado em contextos estratigráficos aparecem, normalmente, dispersas em publicações locais, ou incluídas em alguns relatórios de escavações pontuais, sem terem em vista, na maior parte dos casos, uma análise do conjunto sobre unidades geográficas de povoamento islâmico em território português.”* (Catarino, 1995-1997, p. 460).

Em termos práticos, são as intervenções arqueológicas realizadas no baixo Alentejo na última década, motivadas pela construção de uma enorme rede de infra-estruturas relacionadas com o Alqueva, que levaram ao reconhecimento de alguns contextos medievais em contexto rural, embora ainda sem publicação de resultados. Efectivamente, *“A distribuição geográfica das intervenções, por distritos (...), revela-nos uma preponderância de intervenções em Beja, o que deve prender-se com a grande dimensão do distrito mas também com outros factores: a riqueza arqueológica da região, a facilidade de intervenção justificada pela baixa densidade populacional e algumas grandes obras viárias que exigiram acções de prospecção.”* (Fernandes, 2005, p. 163), conclui Isabel Fernandes na análise global que faz para o nosso país.

São praticamente inexistentes os projectos e estudos interdisciplinares que permitam caracterizar da melhor forma as comunidades medievais, e a relação com a paisagem de que são exemplo os trabalhos desenvolvidos por James Boone (2007 e 2012) para o baixo Alentejo. Escasseiam principalmente os estudos sistemáticos de materiais arqueológicos deste período. Existe um insuficiente número de monografias locais e regionais no nosso país, que permitam estabelecer um melhor termo de comparação, e a existência de fósseis directores que possibilitem uma melhor atribuição cronológica dos contextos emirais.

Resulta neste contexto o recente projecto de investigação, no qual colaboram diversos investigadores em arqueologia medieval islâmica, designado por CIGA (Projecto de Sistematização para a Cerâmica Islâmica do Gharb al-Ândalus), que procura desenvolver uma síntese do conhecimento actual sobre a cerâmica islâmica do

Gharb al-Ândalus. Tem como principal objectivo aferir a existência de grupos cerâmicos coerentes no que respeita à distribuição geográfica, formas, técnicas de fabrico e ornamentação. Pretende ainda, analisar o contexto socioeconómico dos sítios de proveniência dos materiais em estudo, e as suas dinâmicas entre contextos rurais e urbanos (AA.VV, 2010, p. 455-476).

Numa recente publicação, do grupo de trabalho do CIGA, sobre o estado actual do conhecimento da cerâmica islâmica entre os séculos VIII e IX, é esclarecedora a síntese feita para o nosso país: *“Les connaissances relatives à la céramique des deux premiers siècles sont encore très fragile. D’une part, les sites apparaissant dans les sources écrites à l’époque emiral (Egitania, Beja ou Osonoba), n’ont pas encore livré de niveaux attribuables à cette période. D’autre part, lorsqu’il existe des vestiges significatifs, l’absence de stratigraphie empêche l’établissement de séquences typologiques pouvant servir de référentiel pour notre territoire.”* (AA.VV, 2012, p. 429).

Concluindo, sobre o conhecimento científico produzido nos últimos anos no nosso país, os estudos de cerâmica de época islâmica correspondem a materiais com cronologias mais tardias, entre os séculos XI e XIII, sendo praticamente nulas as publicações de estudos sobre materiais arqueológicos de época emiral.

Neste sentido, existe um desconhecimento generalizado de realidades históricas mais antigas, que não corresponde ao desenvolvimento nas últimas décadas da arqueologia medieval em Portugal. Por oposição, o desenvolvimento do conhecimento científico que se tem vindo a observar noutros países da Europa (particularmente em Espanha) é muito maior. O volume de publicações científicas em Espanha ultrapassa em muito ao que se tem produzido no nosso país, reflectindo-se de igual modo em encontros científicos realizados no ocidente europeu sobre esta temática.

Os congressos internacionais sobre Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental, iniciados em 1978 em Valbonne (França), conta já com 10 edições, e destas, apenas duas foram organizadas em Portugal. Foi realizada pela primeira vez em Lisboa (IV^a edição), no ano de 1987, organizado pelo Campo Arqueológico de Mértola, e Silves em 2012 (X^a edição), com a organização do Campo Arqueológico de Mértola e do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto.

Comparativamente, a arqueologia medieval em Espanha revelou-se mais precoce, com a realização dos congressos de Arqueologia Medieval Espanhola, iniciados em Huesca no ano de 1985, com temáticas de âmbito peninsular, incidentes tanto no território espanhol como no português (Gutiérrez Lloret, 2002).

Em todo o caso, verifica-se que o processo de afirmação da arqueologia medieval portuguesa foi lento e tardio, só conhecendo um verdadeiro impulso a partir da década de 90, após uma fase de escasso desenvolvimento científico.

Capítulo 2 – Porto Torrão: Caracterização geográfica e intervenção arqueológica

2.1 – Localização e contexto geográfico

2.1.1 – Localização geográfica e trabalhos realizados

O sítio arqueológico do Porto Torrão está localizado na freguesia e concelho de Ferreira do Alentejo, no distrito de Beja (Anexo I, Figura 1). O sítio localiza-se nas seguintes coordenadas (Coordenadas militares, Datum de Lisboa): M: 200934.912; P: 122788.525 a uma altitude média de 111.96 metros (Anexo I, Figura 2 e 3).

Conhecido há já três décadas, encontra-se amplamente mencionado na bibliografia arqueológica peninsular. Este importante sítio arqueológico é hoje reconhecido como um dos principais lugares para o estudo das primeiras sociedades agro-metalurgistas da Península Ibérica. Descoberto nos anos oitenta por José Morais Arnaud, foi alvo das primeiras campanhas de escavação ainda nos anos oitenta, sob a sua orientação. Foi desde logo interpretado como um dos maiores povoados do Calcolítico na Península Ibérica, e com uma extensão calculada em 100 hectares.

Previamente à escavação, foi realizada em 1982, sob a responsabilidade de José Morais Arnaud, uma prospecção sistemática com magnetómetro de protões, com o objectivo de aprofundar melhor o conhecimento do povoado, embora o responsável ter verificado que as condições geológicas do local não eram as ideais. Foram ainda efectuadas nessa campanha recolhas de amostras para análise de fosfatos, tendo o responsável atribuído pouco valor às mesmas, referindo que a área em questão foi durante muitos anos coberta por vinhas que devem ter alterado consideravelmente a distribuição de fosfatos da acumulação de ossos e outros tipos de matéria orgânica (Arnaud, 1982, p. 48-64).

Em Julho de 1982 foi então realizada a primeira campanha de escavação. Teve como objectivos principais a delimitação de forma rigorosa do perímetro do povoado, a determinação das áreas de ocupação preferenciais e as actividades nele praticadas, e o estudo estratigráfico da sequência de ocupação da estação e respectiva datação cronométrica. A intervenção incidiu numa área localizada na margem sul da ribeira do Vale do Ouro, onde supostamente se situaria um dos principais focos de povoamento. Os trabalhos realizados resumem-se à abertura de um corte onde foram definidos três estratos. Os resultados desta intervenção permitiram identificar algumas estruturas. No

estrato 3 registou-se restos de um muro de blocos de calcário, cobertos por uma camada de argamassa. Em conexão com esta estrutura, foi encontrado um pavimento de calça e uma camada de pedras de dimensão média, formando uma plataforma semi-circular, que o responsável sugere ter funcionado como uma ampla lareira ou pavimento de uma pequena habitação circular. Sob este pavimento identificou-se outro empedrado construído com pedras de pequena dimensão misturadas com restos de fauna e cerâmica. Os materiais arqueológicos, segundo o responsável, apontam a ocupação do local para o Calcolítico Médio.

Os trabalhos de escavação retomaram em 1985, com uma campanha realizada entre Julho e Dezembro. Determinar a extensão do povoado e verificar a existência de descontinuidades na ocupação do vasto povoado foram os principais objectivos traçados para esta campanha. Os materiais exumados permitiram balizar uma vez mais a ocupação do povoado para o período do Calcolítico, associando a forma como se distribuíam pelo povoado que permitiu concluir pelo responsável que a concentração de materiais tendia a diminuir do centro para a periferia. Foram ainda realizadas durante esta campanha, prospecções de superfície e prospecção geoquímica, na área que parece corresponder ao centro geométrico do povoado, recolhendo-se uma grande quantidade de materiais, cronologicamente inseríveis no mesmo período.

Os trabalhos posteriores realizados na área do povoado remontam já a 2002. Esta intervenção foi motivada pela implantação de três apoios da linha de alta tensão Alqueva-Ferreira do Alentejo-Sines, e foram efectuadas pela empresa de arqueologia E.R.A, tendo como responsáveis António Valera e Iola Filipe. A campanha realizou-se entre Junho e Agosto de 2002 e consistiu na realização de diversas sondagens nos locais de implantação dos apoios da linha de alta tensão. Neste contexto foram identificadas duas fossas sub-paralelas escavadas no substrato rochoso, com uma profundidade de cerca de 3 metros e entre 4 a 6 metros de largura. Os fossos foram datados um do Neolítico e o outro do Calcolítico, e no espaço entre fossos registaram-se três fossas (tipo silo), com materiais arqueológicos e fauna (Valera e Filipe, 2004, p.28-61).

No ano seguinte, em 2003, foi efectuado um levantamento no âmbito do projecto do estudo de impacte ambiental para a construção da IP8 entre Beja e Santiago do Cacém, e da responsabilidade de Ana Gervásio e Sílvia Roberto. O resultado deste trabalho concluiu não existir impacte negativo sobre o sítio arqueológico do Porto Torrão.

Entre 2005 e 2006 foram realizadas duas campanhas de prospecção no local. A primeira teve como intuito integrar o sítio no levantamento arqueológico do concelho de Ferreira do Alentejo, no âmbito da carta arqueológica do concelho que foi elaborada, sob a responsabilidade das arqueólogas Maria João Pina e Sara Ramos.

Em 2006, foram realizados os primeiros trabalhos motivados pelo projecto de estudo de impacte ambiental (EIA) da obra a realizar para a implantação dos blocos de rega Ferreira do Alentejo-Valbom, Beja pela empresa EDIA, SA. Este estudo foi da responsabilidade de Armando Sabrosa.

Após o trabalho de prospecção foi definida uma primeira fase de escavação no povoado do Porto Torrão entre Outubro de 2008 e Março de 2009, da responsabilidade única da empresa de arqueologia Neoépica. Esta campanha teve como objectivo fundamental, proceder à realização de trabalhos arqueológicos de diagnóstico na área que foi traçada para a implantação das condutas de rega projectadas para o perímetro do povoado calcolítico. Na sequência dos trabalhos arqueológicos foi efectuada uma decapagem mecânica e abertura de sondagens manuais. Foi possível determinar nesta fase os diferentes graus de concentração de vestígios, definir as áreas limites do povoado e a recolha de uma quantidade diversificada de materiais, delineando-se as áreas dos diferentes sectores, e propostas medidas de minimização para a fase subsequente.

Numa fase posterior, entre 2009 e 2010, foi então executada uma segunda campanha no povoado no âmbito do mesmo projecto, realizando-se a escavação em área dos locais previamente decapados. Surgiu da impossibilidade de alterar o projecto inicialmente delineado pela Empresa de Desenvolvimento de Infra-estruturas de Alqueva, SA (EDIA, SA) para o *Bloco de Rega de Ferreira*, mais concretamente no que respeita à passagem das condutas no interior do perímetro de ocupação reconhecido para o Porto Torrão, tendo o Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR, IP), conjuntamente com o Departamento de Impactes Ambientais e Patrimoniais (DIAP) da EDIA, SA, traçado um plano de mitigação de impactes específico para essa área. Devido à extensa área a escavar, os trabalhos foram entregues a três empresas distintas: a Neoépica, a Crivarque, e a Archeoestudos, sob a coordenação científica do Dr. António Faustino de Carvalho. Foi nesta fase, além das estruturas e materiais pré-históricos já recolhidos no povoado, que se registou de forma

inédita uma ocupação alto-medieval num dos sectores intervencionados pela Crivarque, sob a responsabilidade da arqueóloga Filipa Rodrigues.

2.1.2 – Inserção geológica e geomorfológica

O sítio arqueológico do Porto Torrão, geomorfológicamente, está inserido na denominada Peneplanície do Baixo Alentejo, uma deformação de uma superfície de erosão generalizada. Esta zona é também referida por alguns autores como “Superfície de Beja” (Feio, 1952 e Brum da Silveira, 1990). Segundo os autores é a unidade fundamental do relevo do sul do país. Relativamente estável, dela deriva por deslocação tectónica e por erosão, a maior parte dos elementos morfológicos da região. É uma aplanação extensa, umas vezes perfeita, outras vezes com suaves ondulações correspondentes a relevos residuais ou resultantes do rejuvenescimento de erosão lento. Tem os seus limites a Norte pela serra de Portel, a Oeste pela Bacia do Sado e pela Serra da Vigia, a Este pela fronteira espanhola e a serra de Barrancos. Para sul eleva-se gradualmente até formar a serra do Caldeirão. Na área de Beja a altitude varia entre os 200 m e os 230 m, mas aparecem com frequência cotas de 160-180 m e áreas bastante elevadas no leste e no sul, troços bem conservados da Peneplanície atingem os 250 e 300 m. Neste local, a altitude média da Peneplanície encontra-se entre os 80-180m, exceptuando algumas zonas rebaixadas correspondentes aos colectores superficiais (ribeira de Canhestros e ribeiro da Capela), onde as cotas oscilam entre os 80-90m (Feio, 1952).

Geologicamente, o sítio do Porto Torrão enquadra-se na Bacia do Sado. A Bacia do Sado é preenchida por camadas sobretudo continentais do miocénico e do pliocénico e convergem em direcção à península de Setúbal. Corresponde a extensas séries detríticas resultantes de transgressões marinhas e fossilizada por depósitos detríticos continentais, que se formam desde o Paleogénico, também designado por Substrato Hercínico.

A área correspondente à implantação do Porto Torrão caracteriza-se pela presença de conglomerados, arenitos, margas, concreções calcárias e argilas (Formação de Esbarrandadoiro) e argilas, margas, calcários e conglomerados (Formação de Ervidel), de origem miocénica.

A hidrografia da zona do Porto Torrão é pouco desenvolvida, pouco encaixada e com um reduzido número de linhas de água, tanto temporárias como permanentes. Geograficamente, correm a oeste o rio Sado e a este o rio Guadiana. As principais linhas de água mais próximas ao sítio do Porto Torrão são as ribeiras de Canhestro, Capela e Vale do Ouro, que detêm uma orientação e uma escorrência este-oeste. Esta última ribeira atravessa o sítio arqueológico do Porto Torrão.

Em relação ao clima, este tem características mediterrânicas com degradação continental para a região interior. A zona do povoado do Porto Torrão está inserida na designada província continental sul (Beja). Corresponde aos campos de Beja e à região do transguadiana. Caracteriza-se por um verão muito quente e seco, e um inverno húmido e frio.

A precipitação nesta região tem uma grande variabilidade intra e interanual. A precipitação anual é de 350 a 500 mm, e quatro a seis meses de tempo seco. A humidade do ar é relativamente fraca no pino do verão (45%).

A vegetação na região em estudo é caracterizada por algumas espécies autóctones como as faias, os freixos, os salgueiros e os choupos. Predomina actualmente na paisagem da região as oliveiras e os sobreiros.

2.2 – A intervenção arqueológica

2.2.1 – Contexto da intervenção e objectivos

Como já foi referido anteriormente, a intervenção arqueológica realizada pela empresa Crivarque no sítio arqueológico do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo), foi efectuada no âmbito das medidas de minimização preconizadas para a execução do *Bloco de Rega de Ferreira, Figueirinha e Valbom*, promovido pela Empresa de Desenvolvimento de Infra-estruturas de Alqueva, S.A. (EDIA, S.A.). Os trabalhos arqueológicos desta empresa foram dirigidos pela arqueóloga Filipa Rodrigues.

O plano de intervenção desenvolvido pela EDIA foi faseado em três momentos distintos que corresponderam sucintamente a três etapas – numa primeira fase foi realizada uma decapagem mecânica dos solos agrícolas até ao topo das camadas arqueológicas, sendo posteriormente efectuadas as sondagens de diagnóstico na área de implantação das condutas, que atravessam o perímetro definido para a ocupação do sítio arqueológico, com base na cartografia produzida por José Arnaud (Arnaud, 1993) e António Valera (Valera, 2008). Esta primeira fase foi executada pela empresa Neoépica, sob a responsabilidade científica de Nuno Neto, Paulo Rebelo e Raquel.

Por se tratar de um sítio arqueológico amplamente conhecido e com reconhecida importância à escala peninsular, e tendo em atenção que o mesmo seria parcialmente atingido pela infra-estrutura de rega, foram definidos à partida objectivos para todas as intervenções a serem ali realizadas:

- Determinar a existência de contextos arqueológicos e avaliar o seu grau de conservação;
- Identificar a estratigrafia dos vários contextos e sequenciar as diversas ocupações;
- Realizar o registo integral dos contextos e estruturas identificadas e caracterizá-las;
- Inventariar, estudar e caracterizar a cultura material que ali foi identificada, bem como realizar estudos dos ecofatos ali exumados;
- Por fim, propor eventuais medidas complementares de mitigação dos impactes previstos com a obra.

Ou seja, foi posta em prática a premissa da conservação pelo registo, tentando que este fosse o mais completo possível.

Numa segunda fase, realizou-se a escavação em área das zonas decapadas na primeira fase, e que foram executadas por três empresas/equipas de arqueologia distintas.

Por último, a terceira fase corresponde ao estudo e publicação da intervenção arqueológica no recinto de fossos do Porto Torrão. Nestas duas últimas fases houve uma coordenação científica geral da responsabilidade de António Faustino de Carvalho.

A empresa Crivarque ficou com a execução da escavação arqueológica em área dos Sector 3 Este, Sector 4 e Sector 6, conforme a definição atribuída na primeira fase dos trabalhos.

A área da sua intervenção fez um total de cerca de 1000 m² de escavação arqueológica manual.

Os sectores, cuja escavação foi atribuída à empresa Crivarque, detêm distintas implantações no perímetro definido para o sítio arqueológico (Anexo I, Figura 4 e 5):

1. O **Sector 3 Este** localiza-se na margem esquerda da Ribeira do Vale do Ouro.
2. O **Sector 4** situa-se na margem direita da Ribeira do Vale do Ouro, a este da estrada nacional nº 2.
3. O **Sector 6** encontra-se igualmente na margem direita da Ribeira do Vale de Ouro, junto à estrada nacional nº 2.

No decorrer dos trabalhos de obra, em torno do perímetro do sítio, foram sendo identificadas pela equipa do acompanhamento arqueológico diversas estruturas arqueológicas. Na eventualidade de estarem associadas à ocupação já conhecida e por se localizarem próximo das áreas de intervenção supramencionadas, estas novas áreas foram integradas nos sectores previamente estabelecidos, mais concretamente nos designados Sectores 3 Este e Sector 4.

Em termos de resultados, em todos os sectores foram identificadas estruturas negativas relacionadas com o recinto/povoado pré-histórico que se podem resumir em:

- Quatro troços de fossos delimitadores de recintos, dois situados no Sector 3 Este e outros dois no Sector 6.
- Estruturas do tipo fossa, de diferentes dimensões (tanto de diâmetro como de profundidade), e correspondendo, eventualmente, a funcionalidades diversas.

2.2.2 – Os trabalhos de escavação e resultados da intervenção

A escavação arqueológica realizada pela empresa Crivarque nos três distintos sectores do sítio arqueológico (Sectores 3 Este, 4 e 6) teve diferentes estratégias de abordagem.

No Sector 3 Este optou-se por subdividir em sete áreas de intervenção distintas (da Área 0 à Área 6) (Anexo I, Figura 6), para ser mais fácil o registo uma vez que o corredor onde seria implantada a infra-estrutura tinha uma grande extensão (cerca de 300 m).

Nos Sectores 4 e 6 considerou-se que era desnecessário uma subdivisão da área, já que as áreas a intervir eram de muito menor dimensão, comparativamente.

Em todos os sectores procedeu-se à implantação de uma grelha de escavação devidamente georeferenciada, subdividida em unidades de 2 x 2m. Em alguns casos específicos, tais como a Área 0 do Sector 3 Este, ou a Área C4.1 do Sector 4, a escavação arqueológica não foi realizada em área, mas sim por sondagens arqueológicas de diagnóstico, cujas dimensões foram previamente definidas pela equipa de arqueologia da fiscalização da obra, o IGESPAR, IP e a EDIA, SA.

A metodologia de escavação aplicada assentou nos *princípios da estratigrafia de Harris* amplamente conhecido por “método Barker/Harris” (Barker, 1977; Harris, 1991). Escavação por *unidades estratigráficas*, o que pressupõe a escavação de depósitos, estruturas ou interfaces arqueológicos, seguindo uma lógica inversa ao seu processo de formação.

Segundo a responsável pela intervenção, a escolha desta metodologia de escavação arqueológica deveu-se fundamentalmente ao grau do impacto antropogénico na estratificação, embora no decorrer dos trabalhos se tenham reconhecido igualmente processos de formação geológica dos estratos.

Em relação às unidades estratigráficas foi atribuído um número sequencial por unidade de escavação considerando: o Sector; a Área; e o registo sequencial de Unidade Estratigráfica (UE), obtendo-se assim uma numeração na ordem das dezenas de milhar.

Resultando desta forma em unidades com cinco dígitos, as quais contêm em si o número do sector, da área e a respectiva unidade estratigráfica. Exemplificando com a unidade [34044], o número 3 corresponde ao Sector 3, o número 4 designa a Área 4, e o 044 corresponde à unidade. Para o registo das estruturas negativas identificadas nas áreas intervencionadas, foi igualmente atribuído um número sequencial a cada uma delas. Para diferenciação das unidades estratigráficas foi usada a numeração romana. Assim, a título de exemplo, a unidade [34044] corresponde a um interface ou a um depósito da estrutura negativa número XXVIII.

Todas as unidades estratigráficas foram registadas através do preenchimento de uma ficha adequada ao método proposto para cada.

Para um maior controlo estratigráfico de algumas unidades, correspondentes a depósitos mais complexos e profundos, realizou-se uma subdivisão em níveis artificiais de 10cm ou 20 cm.

Em alguns casos, procedeu-se igualmente à coordenação geográfica dos contextos mais significativos, recorrendo-se à georreferenciação com GPS diferencial.

No que diz respeito ainda às estruturas negativas, foi procedido à recolha de amostras de sedimentos das unidades que se consideraram mais pertinentes e devidamente georreferenciadas. Nos restantes casos, o procedimento utilizado foi a recolha dos materiais tendo em conta a estrutura negativa, quadrado, unidade estratigráfica e nível artificial.

Para a descrição formal das estruturas negativas foi utilizada uma tipologia adequada às realidades intervencionadas. A tipologia escolhida foi a definida por Cavulli (2008), adequada para a descrição destas estruturas: a abertura ou planta, paredes, fundos e perfis.

Os resultados da intervenção arqueológica atestam sobretudo a ocupação pré-histórica deste local. Todavia, as escavações permitiram igualmente a identificação de contextos alto-medievais.

O tipo de vestígios identificados, de ambas as épocas, consiste fundamentalmente em estruturas negativas normalmente designadas como “*fossas*”, quando limitadas a buracos mais ou menos profundos de morfologia circular ou sub-circular, e fossos, que comportam grandes estruturas delimitadoras e que estão associados exclusivamente à ocupação pré-histórica deste sítio arqueológico.

Assim, no Sector 3 Este foram identificados e escavados dois troços de fossos, cerca de quarenta e duas estruturas negativas pré-históricas do tipo *fossa* e cerca de vinte estruturas negativas preenchidas com materiais arqueológicos romanos e alto-medievais (Anexo I, Figura 7). Estas estruturas situam-se tanto na área intra-fossos como no exterior do recinto de fossos, e são de diferentes tipologias e também com ampla cronologia de utilização. Apesar de neste sector a maioria das estruturas negativas ser pré-histórica, os contextos alto-medievais têm uma grande representatividade material, e em maior número que os vestígios romanos.

Os vestígios da alta idade média foram identificados nas áreas 3, 4 e 5, sendo que a maioria do espólio integrado nesta cronologia advém das áreas 4 e 5.

A intervenção arqueológica destas áreas revelou desde logo a existência de um relevante conjunto de materiais arqueológicos desta época. Nesta perspectiva, é importante referir de seguida os respectivos contextos arqueológicos das áreas mais pertinentes. Nestas áreas, foram identificadas cerca de 20 estruturas negativas do tipo fossa.

Na área 3 identificaram-se uma grande mancha escura - com 5,5 metros de diâmetro, 4,5 metros de profundidade e forma abobadada - preenchida com materiais pré-históricos, e duas “fossas” cujos materiais associados se integram na alta idade média (Anexo I, Figura 7 e 8).

Na área 4 do Sector 3 Este (Anexo I, figura 7 e 9) foram descobertos vestígios arqueológicos à superfície, que apontavam desde logo para uma cronologia de ocupação mais recente, diferindo da baliza temporal que se conhecia para este sítio. A escavação veio a revelar três grandes estruturas negativas do tipo fossas designadas como EN XV, XVI e XVII que foram usadas como espaços de despejo de lixo na alta idade média. Para o efeito as populações medievais utilizaram estruturas que haviam sido escavadas no substrato geológico durante a pré-história, num claro reaproveitamento das estruturas pré-existentes. O depósito de preenchimento da EN XV foi realizado numa só fase, e corresponde à unidade estratigráfica [34007].

Foi identificada no preenchimento da EN XVII e da EN XVI uma unidade estratigráfica de grande dimensão, registada como [34003] (Anexo I, Figura 10), com abundantes materiais arqueológicos. No caso da EN XVI (Anexo I, Figura 11 a 14), esta unidade corresponde ao preenchimento integral da estrutura. Na EN XVII (Anexo I, Figura 15 a 19) identificou-se uma unidade designada como [34005] sob a [34003], correspondente a um primeiro despejo. Registou-se ainda, junto à EN XVII, vestígios de uma estrutura anterior que terá sido cortada e estava preenchida apenas com materiais pré-históricos, apresentando uma estratigrafia mais complexa. Além da existência de alguns materiais pré-históricos associados, identificaram-se alguns materiais residuais de cronologia romana, que corresponderão a uma deposição secundária.

Na área 5 (Anexo I, Figura 7 e 20), à semelhança do que ocorria com a área 4, foram registadas estruturas negativas de época alto-medieval, algumas delas cortaram

fossas de cronologia pré-histórica, sobrepondo-lhes. Um exemplo desta realidade foi observado na EN XXXVII, aberta no interior da EN XXXII com cronologia estabelecida para a pré-história. Nesta estrutura foram identificadas diversas unidades de enchimento, das quais a [35027] e a [25029] revelaram uma maior quantidade de materiais arqueológicos face às unidades [35031] e [35033] (Anexo I, Figura 21 e 22).

Uma outra situação verificada foi a intersecção entre a EN XXX e a EN XXXI, estruturas aparentemente com a mesma cronologia (Anexo I, Figura 24 e 25). A abertura da EN XXX (Anexo I, Figura 23 a 29) afectou parcialmente a EN XXXI (Anexo I, Figura 24, 25, 27, 28 e 30). Para delimitar estas estruturas foi construído um pequeno “murete” de sustentação em pedra seca (Anexo I, Figura 26 a 28). No preenchimento da EN XXXI registaram-se a unidade [35011] (Anexo I, Figura 25) e sob esta a [35022] (Anexo I, Figura 27), uma pequena unidade de carvões e cinzas. As unidades estratigráficas [35010] (Anexo I, Figura 25 e 26) e [35009] (Anexo I, Figura 31) preenchiem a EN XXX. Esta última unidade corresponde ao preenchimento do topo da EN XXX, e da EN XXXI que foi afectada pela abertura da estrutura negativa anterior.

Foram ainda identificadas nesta área, com materiais atribuíveis à alta idade média, as estruturas negativas EN XX, XXI, XXIII, XXVI, XXVIII, XXXIV, XXXV. As mais representativas do conjunto correspondem às estruturas EN XX, XXI, XXVIII e XXXIV.

A escavação das unidades estratigráficas [35005] e [35015], correspondentes ao preenchimento da EN XX (Anexo I, Figura 32 e 33), forneceu uma grande quantidade de materiais arqueológicos. O mesmo se verifica para a EN XXI preenchida integralmente com a unidade [35007], e também na EN XXXIV, com uma estratigrafia mais complexa registando-se diversas unidades de enchimento: [35024], [35028] e [35030]. A EN XXVIII foi preenchida pelas unidades [35017] e [35018], incluindo-se no grupo que mais espólio proporcionou.

As restantes estruturas negativas revelaram escassos materiais enquadráveis na alta idade média. Destas, a EN XXIII estava preenchida com as unidades [35006] e [35008], a EN XXVI preenchida pela [35014] e a EN XXXV preenchida pela [35025].

Estas estruturas negativas foram interpretadas como “lixeiros”, cujos despejos foram efectuados num mesmo momento, o que é atestado pela cultura material recolhida. De referir ainda, que foram identificados alguns materiais arqueológicos de

época romana associados às fossas de época medieval. Estes vestígios poderão estar relacionados com uma eventual ocupação romana existente nas imediações deste sector.

Capítulo 3 – Questões metodológicas

3.1 – Metodologia de análise do espólio

Na elaboração de qualquer dissertação, a abordagem metodológica seguida é essencial para uma melhor organização e argumentação científica do trabalho desenvolvido pelo investigador. Estas questões metodológicas fazem parte da opção do próprio investigador, e são estabelecidas consoante as questões apresentadas previamente ao estudo a desenvolver.

Nesta dissertação apresenta-se o conjunto de materiais arqueológicos recolhidos nas intervenções arqueológicas do Porto Torrão em 2009 e 2010, relativos às estruturas negativas que foram utilizadas em época alto-medieval. Os materiais arqueológicos estudados comportam as categorias de cerâmica e metais aos quais acresce uma breve abordagem aos ecofactos associados a estes contextos.

3.1.1 – A Cerâmica

Numa perspectiva geral, o estudo da cerâmica procurou responder a algumas questões pertinentes: caracterização das produções cerâmicas; a determinação da funcionalidade dos contextos arqueológicos – depreender que actividades tiveram lugar nesse sítio através da análise da dimensão e morfologia dos contentores cerâmicos; e procurar estabelecer para este conjunto a sua origem de produção.

No geral, as produções cerâmicas alto-medievais, no que concerne à sua tipologia formal e decorativa, são bastante heterogéneas tendo em conta as suas especificidades locais/regionais consoante a área em estudo. Na abordagem a esta realidade considerou-se adaptar os princípios e métodos de análise definidos por C. Orton, P. Tyers e A. Vince (1993, p.67-86 e 113-165). Os critérios de análise das produções cerâmicas são apresentados no final deste sub-capítulo. Em termos analíticos, incidiu-se sobre três parâmetros temáticos principais: tecnologia e matérias-primas; análise formal; e análise decorativa.

Numa primeira fase do trabalho, foi feita uma contagem sistemática do número de fragmentos das cerâmicas e dos metais por área, unidade estratigráfica e estrutura negativa. Esta contagem foi registada numa base de dados em EXCEL respeitante ao

número de bordos, bases, bojós, asas, peças de jogo e cossoiros por área e unidade estratigráfica associada a cada estrutura negativa, que permitiu efectuar uma primeira avaliação dos mesmos. Em relação à cerâmica, foi elaborado um inventário específico da tipologia e decoração para os fragmentos de bordos, bases e bojós por área e unidade estratigráfica. Esta tarefa de contabilização envolveu igualmente um processo de correlação de fragmentos, tendo como principal objectivo a determinação do *número mínimo de recipientes* (NMR) e a recuperação das formas existentes.

O NMR foi obtido pela contagem dos bordos (posteriormente à colagem e/ou associações possíveis), tal como determinado por S.Raux (1998).

Este critério de análise não nos fornece o número real de peças existentes no registo arqueológico, no entanto, é método mais eficiente na abordagem ao estudo de uma coleção deste género. Apesar das limitações já referidas, o NMR tem sido a unidade de análise por excelência aplicada ao estudo de conjuntos cerâmicos.

Numa fase posterior, após o cálculo do NMR, elaborou-se um catálogo descritivo de cada peça e o registo individual dos atributos numéricos numa tabela.

No capítulo dedicado à análise do espólio será feita uma análise global da coleção e apresenta-se o catálogo onde são descritas em pormenor as peças individualizadas pertencentes ao NMR. Para a descrição dos recipientes catalogados foi considerado a sua caracterização formal, que incluiu a análise das matérias-primas e tecnologia empregues no fabrico cerâmico através de análise macroscópica. Estes parâmetros genéricos tiveram em conta a especificidade do conjunto analisado, tendo constantemente presente as limitações e imprecisões inerentes ao tipo de abordagem que se efectua num estudo sobre cerâmica. Inclui ainda, a referência à proveniência estratigráfica dos fragmentos constituintes de cada peça e à respectiva estrutura negativa.

A análise formal dos recipientes, por seu lado, encontra-se sempre muito limitada pelos índices de fragmentação dos mesmos, pelo que a reconstituição da morfologia dos recipientes, quer física, quer graficamente, é por vezes impossível, considerando-se nesses casos a forma como indeterminada. Deste modo, na elaboração gráfica do catálogo foram considerados alguns critérios prévios: a dimensão das peças - bordos com mais de 5 cm de dimensão – salva raras exceções em que o bordo apresenta uma morfologia singular em todo o conjunto; e a grande homogeneidade de formas que conduziu à seleção das peças mais representativas de cada grupo formal. Não foram por

isso, desenhadas todas as peças descritas no NMR, efectuando-se apenas o registo gráfico por amostragem com a representação de todas as formas, seleccionando-se as peças mais completas. Resultando assim, num registo gráfico de cerca de um terço do total do NMR, o que permitiu igualmente fornecer uma visão global de todo o conjunto.

Em relação à análise das decorações, procurou-se produzir balanços que levassem em consideração a totalidade dos fragmentos cerâmicos incluindo as peças do NMR. Esta análise assenta, numa primeira fase, na quantificação da relação entre material liso e decorado, para se proceder de seguida à descrição das técnicas decorativas presentes.

3.1.1.1 – Critérios de análise das produções cerâmicas

I. Proveniência e conservação

Área
Unidade
Estrutura Negativa
Número da peça (segundo o NMR)

Tipos de fragmentos

- Asa
- Bordo
- Bordo decorado
- Bordo em Aba
- Base
- Bojo
- Bojo decorado
- Colo estrangulado
- Colo decorado

Estado de conservação

- Inteira
- Fracturada
- Fragmento

II. Tecnologia: análise macroscópica de pastas

Técnica de fabrico

- Manual
- Torno lento
- Torno rápido
- Mista (manual e torno)

Cor da pasta (segundo a *Munsell Soil Color Chart*, versão de 1

Tipo de cozedura

- Oxidante
- Oxidante-Redutora
- Redutora
- Redutora-Oxidante

Consistência da pasta

- Compacta (quando se fractura com dificuldade, mesmo com a utilização de uma ponta de aço)
- Média (quando, embora sólida, a pasta fractura facilmente com o emprego de uma ponta de aço)
- Friável (quando basta uma pequena pressão com a unha para fracturar a pasta)

Textura da pasta

- Homogénea (quando dificilmente se distinguem os elementos constituintes)
- Xistosa (quando os elementos constituintes se dispõem em lamina grosseiramente paralelas)
- Granular (pasta aglomerada em grânulos de diâmetro > 1 mm)
- Arenosa (pasta aglomerada em grânulos de diâmetro < 1 mm, por vezes de consistência friável e forte presença de areias)

Tipo de ENP

- Micas
- Quartzos
- Feldspatos
- Xistos
- Calcários

Dimensão dos ENP

- < 1 mm
- 1 a 3 mm
- 3 a 5 mm
- > 5 mm

Concentração de ENP

- Fraca (1-15%)

- Media (15-30%)
- Elevada (> 30%)

III. Tipologia formal

Forma

- Talha
- *Dolium*
- Pote
- Panela
- Alguidar
- Taça
- Tigela
- Caçoila
- Prato
- Jarro
- Bilha
- Garrafa
- Indeterminado

Morfologia do bordo

- Redondo
- Direito
- Bisel
- Espessamento duplo
- Espessamento interior
- Espessamento exterior

Orientação do bordo

- Direito
- Para o interior ou invertido
- Para o exterior

Forma da base

- Plana
- Côncava
- Em ônfalo

Tipo de asa

- Fita
- Rolo

IV. Tipologia da decoração

Técnica de decoração

- Incisões simples
- Caneluras
- Impressões simples
- Digitação
- Aplicações plásticas - cordão digitado
- Pintura
- Estampilhado

Localização da decoração

- Bordo, superfície externa
- Colo, superfície externa
- Bojo, superfície externa
- Bojo, superfície interna

Motivo decorativo

- Linhas / bandas verticais
- Linhas / bandas horizontais
- Linhas / bandas onduladas

V. Atributos métricos (em milímetros)

D - diâmetro máximo

dm - diâmetro do colo ou gargalo

d - diâmetro do bocal

db - diâmetro da base

E - espessura máxima

e - espessura mínima

H - altura total

h - altura do colo ou gargalo

3.1.2 – Os metais

O grupo dos metais é mais limitado em relação ao conjunto da cerâmica. Para a sua análise, realizou-se um catálogo descritivo contendo apenas as peças metálicas das quais foi possível identificar a sua funcionalidade original. Os elementos descritivos corresponderam essencialmente à sua função, caracterização física das peças e atributos métricos. Foram integralmente elaborados todos os desenhos das peças consideradas no catálogo. Pela dificuldade de definição cronológica dos metais, procurou realizar-se uma análise global do conjunto e a comparação com outros artefactos metálicos de contextos que considerámos mais fidedignos em termos cronológicos. Convém mencionar ainda, que os artefactos metálicos se encontram em mau estado de conservação, razão pela qual não foram incluídos todos os fragmentos na sua análise, por não ser possível numa parte significativa identificar a sua função, tal como supra mencionado.

3.1.3 – Os ecofactos

Juntamente com os artefactos, os contextos arqueológicos continham ainda materiais faunísticos e que apresentam uma percentagem significativa no conjunto total dos artefactos e ecofactos identificados durante as intervenções. Não obstante, foram apenas considerados os ecofactos referentes às unidades estratigráficas relacionadas com a ocupação medieval do Porto Torrão, referentes especificamente às áreas 4 e 5.

Por não ser domínio científico dominado pelo autor deste estudo, mas julgando-se pertinente focar a sua existência neste contexto, optou-se apenas por mencionar genericamente o tipo de faunas identificadas e as respectivas famílias ou quando possível a espécie, para tal tarefa recorreu-se à ajuda de colegas com maior formação na área específica da zooarqueologia. A intenção não era estudar especificamente a coleção faunística, cuja abordagem especializada poderá evidenciar muita informação pertinente para as estratégias de abate, alimentação, fenómenos pós-deposicionais, etc., mas simplesmente não ignorar que a coleção existe e que se encontra misturada com os

artefactos estudados, esperando-se que esta menção possa suscitar o interesse de investigadores especializados no seu estudo.

Capítulo 4 – Análise do espólio

O espólio arqueológico identificado nas escavações é abundante e relativamente diversificado. A categoria mais representativa deste conjunto é a cerâmica, aspecto característico da maioria dos contextos arqueológicos medievais em meio rural.

Tal como já mencionado para o presente estudo foram apenas seleccionados os contextos identificados nas áreas 4 e 5 por se apresentarem como o conjunto mais significativo de materiais arqueológicos e aquele que é mais representativo da ocupação alto-medieval do sítio.

Este conjunto comporta para além da cerâmica de uso doméstico, cerâmica de construção, um conjunto de faunas, alguns metais e dois fragmentos de vidro.

4.1 – Cerâmica

No conjunto dos materiais arqueológicos exumados do Porto Torrão, o grupo da cerâmica é o mais expressivo de todos. Entre estas predomina a cerâmica utilitária de cozinha e mesa produzida sobretudo a torno lento, mas está também representada a cerâmica manual e peças que foram construídas recorrendo a ambas as técnicas e que se consideram como técnica mista. As peças elaboradas a torno rápido correspondem sobretudo a exemplares de cerâmica de mesa e a cerâmica importada, ou que correspondem a cronologias mais recuadas claramente enquadráveis em época romana.

Foram identificados alguns exemplares que se integram na categoria de cerâmica lúdica. Correspondem a peças de jogo ou pequenas tampas de dimensões variáveis (Anexo II, Figura 1), entre 7,51 mm e 3,95 mm de diâmetro e 21,4 cm e 0,94 cm de espessura que reaproveitam fragmentos de talhas ou *dolia* e de telhas, polidos com a intenção de lhes dar forma arredondada. As pastas apresentam uma elevada concentração de ENP sendo observados macroscopicamente quartzos, feldspatos e micas, com uma dimensão entre os ≤ 1 mm e os 4 mm. As cozeduras foram oxidante, redutora-oxidante e redutora, apresentando as superfícies tons que variam entre o vermelho (2.5YR 4/6) e o cinzento (2.5YR 4/1). Neste conjunto existem algumas peças que pelas suas dimensões (entre 6 e 7 cm), se podem atribuir a função de tampa, e que poderão estar associadas a contentores de líquidos como as bilhas. A existência de fragmentos de cerâmica romana reaproveitada em peças de jogo pode relacionar-se com a proximidade de um sítio arqueológico romano.

Foram identificados ainda, alguns objectos associados à produção têxtil. O objecto mais comum desta actividade, o cossoiro, está representado apenas com uma peça encontrado na área 5 (Anexo II, Figura 2). Foi elaborado através do reaproveitamento de uma telha, peça que se pode inserir entre a época romana e a alta idade média. Apresenta desgaste no orifício, resultado da sua intensa utilização. O cossoiro tem um diâmetro máximo de 7,14 cm e 1,52 cm espessura, tendo o orifício central 0,92 cm e 0,96 cm de espessura. Apresenta uma pasta com abundantes ENP de quartzos e feldspatos de dimensões entre ≤ 1 mm e os 3 mm. A cozedura é redutora-oxidante e as superfícies têm uma coloração alaranjada (5YR 5/8).

Associado a esta actividade, regista-se neste conjunto alguns fragmentos de tijolo de grande espessura, reutilizados como base de apoio para fuso de roca. Não obstante, admite-se um outro tipo de interpretação para estes objectos, usados como bases de apoio à estrutura da roda do oleiro, já que se observa o uso intensivo do torno na realização de um grande número de cerâmicas. Correspondem a três peças, que apresentam pequenas covas circulares, provocado pelo desgaste das superfícies devido ao intenso uso (Anexo II, Figura 4 a 6). Apresentam superfícies de cor avermelhada (2.5YR 4/5) com abundantes ENP de quartzo e feldspatos de dimensões entre ≤ 1 mm e os 4 mm.

Tal como já referido é o conjunto da olaria que domina o pacote artefactual em estudo e pese embora o grau elevado de fragmentação das peças foi possível realizar a reconstituição total da forma original de alguns exemplares (cerca de 15 peças). O elevado nível de fragmentação inviabilizou a análise do espólio cerâmico em alguns contextos. Tal ocorreu por exemplo com os materiais provenientes da área 3, onde para além da fragmentação se observou uma baixa quantidade de fragmentos o que inviabilizou a determinação de um NMR e que, por isso, não se integrou na presente análise. No quadro IV.1 estão inventariados todos os fragmentos recuperados nas áreas

Área	Bordos	Bases	Bojos	Asas	Peças de Jogo/Tampas	Cossoiros	Total
4	175	179	1252	77	24	0	1707
5	134	164	1119	46	14	1	1478
Total	309	343	2371	123	38	1	3185

4 e 5, classificados por tipo de fragmento, os quais ascendem, na sua totalidade, a 3185.

Quadro IV.1 – Inventário geral dos fragmentos de cerâmica

Nos quadros IV.2, IV.3 e IV.4 optou-se por especificar as tipologias de decoração dos fragmentos de bordos, bases e dos bojos com referência aos tipos de decoração.

Quadro IV.2 – Inventário dos fragmentos de bordos

Área	Lisos	Incisões simples (a)	Caneluras	Cordão	Engobe	Digitações	Brunido	Pintura	Total
4	146	9	11	0	5	0	1	1	173
5	107	14	13	1	0	1	0	0	136
Total	253	23	24	1	5	1	1	1	309

(a) – Correspondem apenas a linhas incisas direitas

Quadro IV.3 – Inventário dos fragmentos de bases

Área	Bases Planas	Bases em Ônfalo	Bases Côncavas	Total
4	176	1	2	179
5	164	0	0	164
Total	340	1	2	343

Quadro IV.4 – Inventário dos fragmentos de bojos decorados

Área	Incisões simples (a)	Caneluras	Impressões não digitadas (b)	Pintura	Engobe	Brunido	Estampilhado	Total
4	22	129	26	35	24	2	1(c)	239
5	19	161	14	0	1	0	0	195
Total	41	290	40	35	25	2	1	434

(a) – São aqui consideradas as linhas incisas direitas e as linhas incisas onduladas, estas últimas apenas associadas aos *dolia*/talhas

(b) – Estão apenas associadas a fragmentos de *dolia*/talha

(c) – Corresponde a um fragmento de bojo vidrado a verde

O NMR foi calculado a partir da análise da totalidade dos bordos e respectivas associações entre si, depois correlacionou-se, sempre que possível com estes, outros fragmentos de base e de bojo. Para a contabilização do NMR não foram incluídos alguns fragmentos por apresentarem uma dimensão reduzida, pois dificultou a sua individualização face a outros fragmentos de bordos. Assim, foram unicamente considerados fragmentos de bordos para os quais não havia dúvidas quanto à sua individualização, excluindo-se os que não permitiram esclarecer se pertenciam ou não às já individualizadas.

Foram, assim, inventariados 219 recipientes cerâmicos, 51 dos quais correspondem a peças cuja forma não foi possível determinar (Gráfico 1). No geral, as peças fechadas correspondem a 60,3% do conjunto, enquanto as peças abertas representam apenas 16,4 % das peças contabilizadas no NMR. No quadro IV.5 é apresentada distribuição das formas identificadas por área.

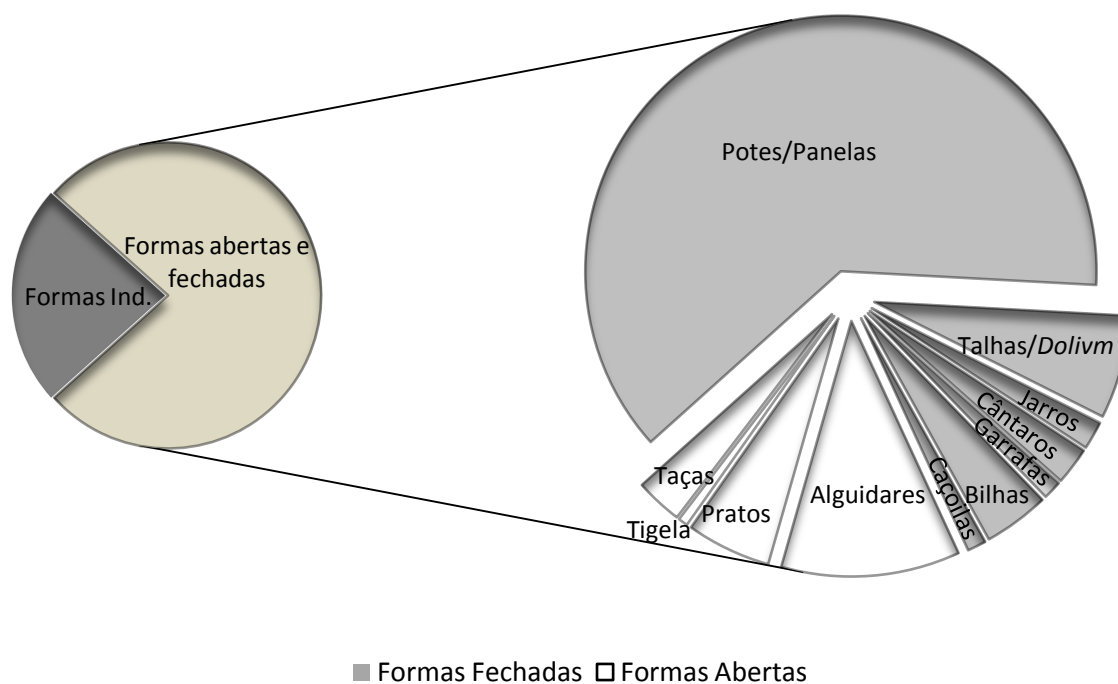


Gráfico 1 - Representação das peças de olaria do NMR, com diferenciação geral das peças fechadas e abertas

Quadro IV.5- Distribuição das formas por área

Forma	Área 4	Área 5	Total
Potes/Panelas	65	40	105
Talhas/Dolivm	6	5	11
Caçoilas	1	1	2
Jarros	2	1	3
Cântaros	2	2	4
Alguidares	7	12	19
Garrafas	1	1	2
Pratos	7	3	10
Bilhas	7	0	7
Tigela	1	0	1

Taças	4	0	4
Indeterminados	28	23	51
Total	131	88	219

Em termos de análise global das peças integradas no NMR relativamente às técnicas de fabrico (Gráfico 2), há a referir que o uso do torno, principalmente o torno lento, foi a técnica mais utilizada para montar a maioria das peças, representando 75,8% do total do NMR. A utilização do torno rápido representa apenas 12,3% dos recipientes. O recurso à técnica manual foi utilizada para o fabrico das peças 45, 178, 187 e 218, e a técnica mista (torno e manual) foi usada na montagem de 11 peças.

Porém, existem 11 peças do NMR para as quais não foi possível identificar o tipo de fabrico utilizado, por apresentarem dimensão reduzida ou devido à erosão da superfície de alguns dos fragmentos cerâmicos.

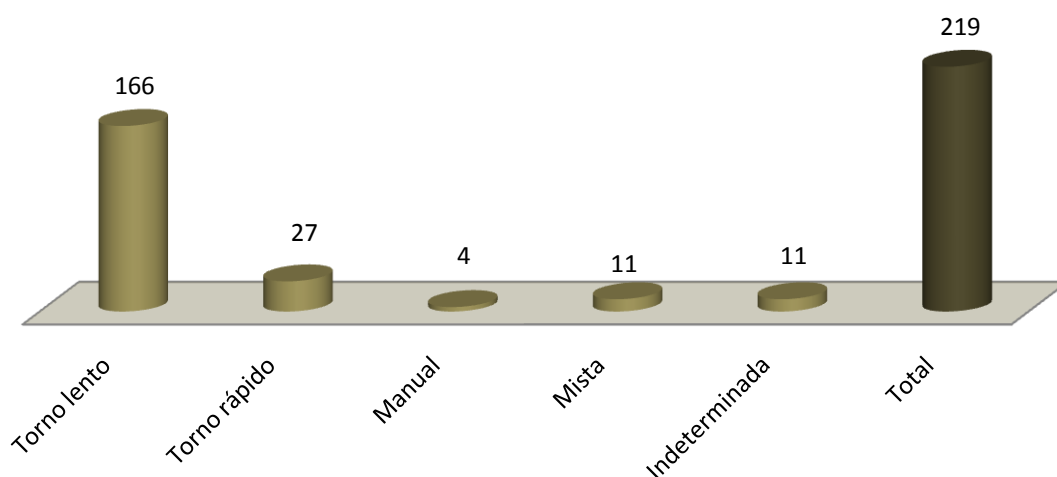


Gráfico 2 – Técnicas de fabrico das peças do NMR

As pastas das peças do NMR têm praticamente todas uma consistência compacta (99% desse total) e textura granular (85,4 %) ou xistosa (10,5%), sendo escassas as pastas de textura homogénea (4,1%). Geralmente, apresentam concentrações médias a elevadas de ENP, os quais foram usados elementos mineralógicos locais como o quartzo, as micas, os feldspatos e calcários de dimensões variáveis, podendo registar-se na mesma peça elementos de dimensões inferiores a 1 mm e iguais a 9 mm.

Existe um grupo de peças que partilha algumas características ao nível da pasta e cozedura que as distingue das demais. Trata-se das peças 29, 55, 56, 57, 58, 59, 60 e

137, que possuem pastas mais depuradas, com ENP de reduzida dimensão e em concentrações baixas, com textura homogénea e cozidas em ambientes oxidantes, apresentando colorações creme e alaranjadas. As formas identificadas neste conjunto correspondem a formas fechadas, onde estão presente as bilhas (4 peças), um pote, um jarro e duas garrafas. Estes recipientes pertencem ao lote de cerâmica importada existente no porto torrão que as populações alto-medievais conseguiram adquirir.

O tipo de cozedura maioritariamente utilizado nas peças estudadas é a redutora com 36,1%, em simultâneo com a redutora-oxidante (33,8%) (Gráfico 3). Estão igualmente presentes as cozeduras oxidantes com 61 peças (27,8%), e um número reduzido de peças com cozedura oxidante-redutora (2,3%) correspondentes a potes/panelas (peças 8, 20 e 108), um prato (peça 178) e uma tigela (peça 106). As peças, na sua generalidade, apresentam pastas em vários tons de cinzento e negro, avermelhados, castanho-avermelhados, e também, algumas superfícies de tons alaranjados e cremes.

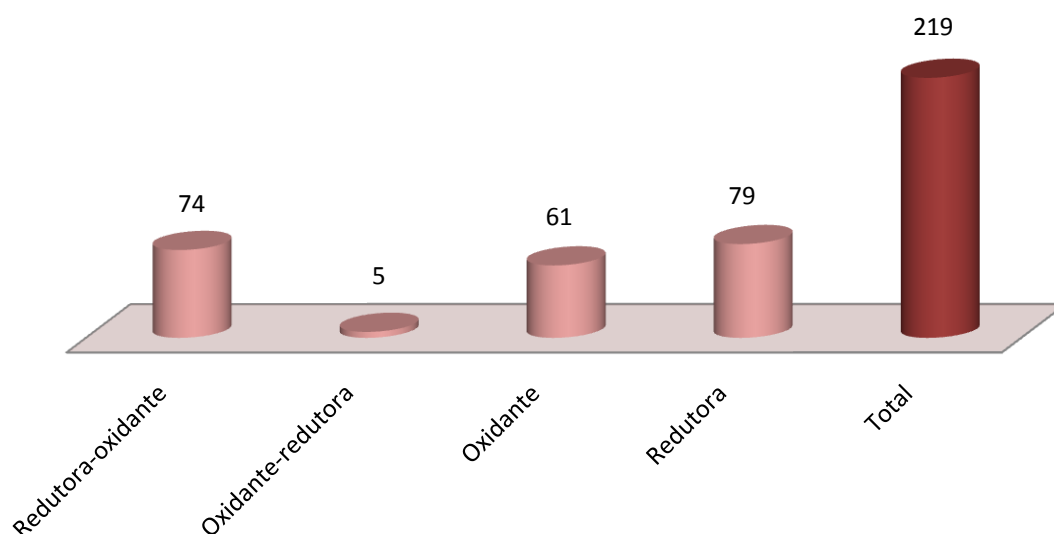


Gráfico 3 – Tipos de cozeduras das peças do NMR

No entanto, verifica-se que cerca de 12,3 % do NMR (27 peças) apresenta uma cozedura irregular provocada pela deficiente distribuição de oxigénio no forno durante o momento da sua cozedura. Está associada maioritariamente a potes/panelas, encontrando-se também presente no fabrico de um prato (peça 54) e de um alguidar (peça 113).

Entre as formas identificadas, a peça fechada mais representada é o pote/panela é a forma mais representativa de todo o conjunto (Gráfico 4), contabilizando-se um total de 105 deste tipo de recipiente.

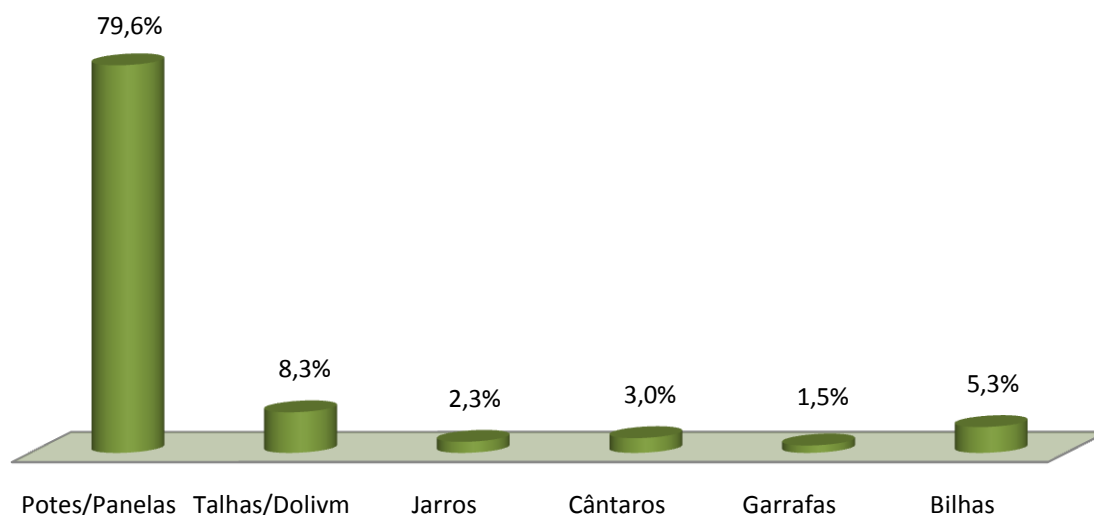


Gráfico 4 – Distribuição de percentagem pelos tipos de peças fechadas

A designação de pote/panela utilizada para este tipo de formas resulta da difícil atribuição funcional das peças, ambos morfologicamente similares. Na caracterização funcional das peças distinguiu-se as panelas dos potes, quando o recipiente apresentava marcas de fogo nas superfícies e/ou na base. Nos recipientes que não apresentavam qualquer marca de fogo atribuiu-se a função de pote, e quando impossível efectuar esta distinção registou-se como pote/panela. Não obstante, a uma mesma peça com este tipo de forma poderá corresponder ambas as funcionalidades, resultando deste modo a integração numa só categoria de todos estes recipientes.

A técnica de fabrico empregue na elaboração deste tipo de recipientes é maioritariamente a torno lento, com cozedura tendencialmente redutora ou redutora-oxidante, existindo algumas peças com cozedura oxidante (24 peças) e oxidante-redutora (3 peças). Apresentam pastas de consistência compacta, com razoáveis quantidades de ENP de dimensão média e com tons que variam entre o negro (5YR 2.5/1), o castanho-avermelhado (5YR 4/3) e o avermelhado (2.5YR 4/4).

Os bordos têm geralmente uma morfologia redonda (75 peças) ou direita (17 peças) e orientados para o exterior, registando-se 6 peças com bordo espessado

externamente (peças 1, 20, 22, 32, 122 e 214), e um exemplar com bordo biselado (peça 58, Anexo II, Figura 24). Estas peças possuem normalmente um corpo globular, de perfil em S, e podem apresentar ou não uma asa de fita que arranca do bordo até ao bojo. As bases são maioritariamente planas registando-se duas peças com base ligeiramente côncava (peça 8 e 130), e com aspecto rugoso. Alguns exemplares possuem ainda um bico trilobado em tudo semelhante aos jarros (peça 128 e 155), diferenciando-se destes apenas quando é possível reconstituir parcialmente a forma da peça.

O tamanho dos potes/panelas parece não variar muito ao contrário do seu diâmetro que se situa entre os 85-180 mm, e algumas peças identificadas como panelas exibem marcas de fogo nas superfícies externas. Cerca de 46,7% dos potes/panelas apresenta decoração, normalmente recorrendo a caneluras e/ou incisões simples. As decorações correspondem sobretudo ao uso de duas a quatro caneluras no bojo, verificando-se a utilização em simultâneo de linhas incisas, apresentando alguns exemplares apenas linhas horizontais ou oblíquas (peças 129 e 156) incisas no colo ou no bojo. Nos restantes recipientes onde não foi possível identificar qualquer tipo de decoração, o que, parcialmente, pode ser explicado pelo facto de se tratar de exemplares representados por pequenos fragmentos. Em todo este conjunto, destacam-se as peças 58 e 70 pelas características únicas que apresentam. São os únicos exemplares cuja técnica de fabrico utilizado foi o torno rápido e a utilização de pastas bem depuradas com escassos ENP, e ambas exibirem um colo estrangulado.

A peça 58 (Anexo II, Figura 24) é um pote que apresenta um bordo biselado externamente, orientado para o exterior, um colo curto e estrangulado e o corpo aparenta ser globular. Tem uma pasta que apresenta no núcleo um tom rosa (10R 6/6) e as superfícies de cor alaranjada (7.5YR 7/6).

Com uma cronologia certamente romana, a peça 70 (Anexo II, Figura 26) apresenta um bordo redondo e orientado para o exterior, um colo curto e estrangulado e pasta de cor laranja (5YR 5/8). Em ambos os recipientes não foi detectado qualquer tipo de decoração. São duas peças cuja cronologia difere, que têm características semelhantes, o que demonstra uma certa continuidade de determinadas formas ao longo dos séculos.

Os grandes contentores existentes na coleção correspondem a 11 exemplares. Integram-se neste grupo os recipientes identificados como talhas (3 peças), de

cronologia claramente medieval, distinguindo-se dos *dolia* romanos (8 peças) pelas suas características formais, embora peças deste género apresentem cronologias mais tardias. A peça 147 (Anexo II, Figura 33) é o exemplar mais completo de talha do conjunto onde se incluem igualmente as peças 153 e 154. Corresponde a um recipiente com bordo espessado externamente, corpo globular e paredes espessas (entre 20,7 e 37,2 mm), base plana e duas asas de fita no bojo, e tem de diâmetro entre 160 e 184 mm. A peça 147 apresenta ainda uma decoração de cinco caneluras no bojo. Foram fabricadas manualmente com a ajuda do torno, e globalmente apresentam uma cozedura redutora-oxidante com superfícies de cor vermelha (2.5YR 4/6), e pastas de consistência compacta com abundantes ENP de feldspato e quartzo.

Por *dolivm*, referimo-nos a um característico contentor cerâmico de armazenagem de grandes dimensões, normalmente associado a contextos romanos. Os exemplares desta coleção apresentam um diâmetro de bordo entre 280 e 350 mm, um bordo duplamente espessado e voltado para o interior, corpos bojudos, bases planas e uma decoração com linhas incisas ou impressões no bojo formando uma espécie de cordões impressos (Anexo II, Figura 3). Observam-se pastas de consistência compacta e ENP de média e grande dimensão de feldspato, mica e quartzo, e na sua maioria de tom castanho avermelhado (2.5YR 4/4). Aparentemente terão sido fabricadas manualmente com a ajuda do torno e cozidas em ambiente redutor-oxidante.

Inclui-se neste tipo de contentores a peça 96 (Anexo II, Figura 27), que apesar das suas diferenças morfológicas relativamente ao bordo, correspondente a um género de grande pote que se enquadra nesta definição. Apresenta um bordo enrolado externamente e paredes espessas (20,9 mm). Tem idêntica tecnologia de fabrico e matéria-prima das anteriores, mas com uma cozedura oxidante.

Estão igualmente presentes os contentores para líquidos, como os cântaros. Identificaram-se quatro peças (35, 100, 182 e 184) desta forma. As peças 35, 182 e 184, apresentam um bordo espessado externamente e orientado para o exterior, enquanto a peça 100 (Anexo II, Figura 27) possui um bordo emoldurado e um colo estreito. O diâmetro destes recipientes está entre 98 e 146 mm, e não foi possível associar a nenhum dos exemplares fragmentos de base nem de bojo não possibilitando a reconstituição parcialmente ou total da sua forma original. Regista-se na peça 184 uma asa de fita e um arranque de asa de fita na peça 100. As restantes não possuíam qualquer vestígio e não foi possível associar nenhum fragmento de asa, que provavelmente

existiria na forma original das peças. Correspondem a peças fabricadas a torno rápido e com cozeduras entre o redutor-oxidante (peças 100 e 184) e oxidante (peças 35 e 182), pastas de consistência compacta e com uma concentração média de ENP de quartzo, feldspato e mica, normalmente com tons de cor vermelha (2.5YR 4/6). Apenas a peça 184 (Anexo II, Figura 40) apresenta decoração e resume-se à presença de uma canelura no bojo.

Entre os contentores de líquidos as bilhas são os recipientes com maior representação.

Estas peças enquadram morfologicamente em dois grupos distintos, pelas diferentes características que possuem, divergindo no que respeita à técnica de fabrico e de cozedura, assim como na utilização de matérias-primas distintas, resultando em pastas de tons diferentes. A própria depuração da pasta é visivelmente diferente. No primeiro grupo incluem-se as peças 12, 24 e 64 que apresentam colos e bocais curtos (diâmetro entre 54 e 59 mm), bordos redondos e orientados para o exterior e asas de rolo que partem abaixo do bordo em ambos os lados. A peça 64 (Anexo II, Figura 25) apresenta um ligeiro rebordo interno que permitiria a utilização de uma tampa. Nenhum destes exemplares apresenta decoração.

Estes recipientes foram produzidos a torno rápido e cozidos em ambiente oxidante, as pastas são compactas e com uma concentração razoável de ENP de feldspato e mica apresentando normalmente uma cor avermelhada (2.5YR 4/4).

No segundo grupo estão representados recipientes, que pelas suas características formais e tecnológicas se podem diferenciar dos anteriores, associados a produções exógenas. Trata-se das peças 29, 55, 59 e 60 e correspondem a recipientes com bordos espessados internamente e de orientação direita, com um colo estreito e um diâmetro entre 76 e 92 mm. No seu fabrico foi utilizado o torno rápido e cozidas em ambiente oxidante resultando em pastas de tons bege (10YR 7/4) ou creme (10YR 7/4) (respectivamente peças 29 e 55) ou alaranjadas (peças 59 e 60). As pastas são bem depuradas e compactas com ENP de dimensão reduzida. No conjunto total, apenas foi possível reconstituir totalmente e parcialmente a forma original para as peças 29 e 55, identificando-se apenas o fragmento de bordo das peças 59 e 60, morfologicamente idênticos aos anteriores. A peça 29 (Anexo II, Figura 20) tem um corpo globular e uma base em ônfalo, apresenta ainda uma asa de fita sobrelevada que parte abaixo do bordo até ao bojo, em ambos os lados. A peça 55 (Anexo II, Figura 23) foi reconstituída

parcialmente e evidencia um corpo ovóide com uma base possivelmente côncava ou em ônfalo. Ambos os recipientes apresentam decoração canelada no bojo, distinguindo-se a peça 55 pela decoração pintada a vermelho (5YR 5/6) em óxido de ferro, no colo e no bojo com a utilização do dedo, e de tradição claramente islâmica.

O espessamento interno identificado nestas peças poderá corresponder a uma solução técnica, resultando num pequeno ressalto para o encaixe de tampas. Existem efectivamente algumas peças de jogo que podem ter sido utilizadas como tampas, adaptando-se eficazmente nestes recipientes que apresentam um diâmetro de menor dimensão.

Os jarros correspondem igualmente a um número reduzido de indivíduos, representados pelas peças 6, 56 e 183. Os recipientes identificados encontram-se muito fragmentados. Poderão confundir-se com os potes/panelas quando o único elemento de análise é a zona correspondente ao bordo, pelo que a abordagem da análise formal das peças teve em consideração a reconstituição parcial ou total das peças, e os seus atributos métricos. São normalmente peças de dimensão inferior aos potes/panelas, e com um diâmetro bocal inferior. Enquadra-se nesta categoria a peça 6 (Anexo II, Figura 18), que tem um bordo redondo e orientação direita, paredes rectas definindo um colo cilíndrico, com um diâmetro de 130 mm. Foi utilizado o torno lento no seu fabrico e uma cozedura realizada em ambiente redutor-oxidante, com pastas de tom entre o cinzento (5YR 4/1) castanho avermelhado (2.5YR 4/4) e a presença de ENP de média dimensão de feldspato e mica. Apresenta um colo decorado, com a presença de duas linhas horizontais incisas paralelas. Pertence a esta categoria uma peça que se integra no conjunto da cerâmica de produção exógena. Esta peça (56) encontra-se bastante fragmentada e não foi possível a restituição da sua forma original. O único fragmento de bordo identificado permitiu estabelecer a sua possível funcionalidade pelas suas características. Este recipiente apresenta um bordo espessado externamente e de orientação direita, possivelmente com um colo cilíndrico e que foi moldado de forma a ostentar um bico vertedor. É o único exemplar fabricado a torno rápido e cozido em ambiente oxidante, com uma pasta bem depurada de tom creme (2.5Y 7/3). Identificou-se em alguns fragmentos de bojo a existência de decoração pintada ondulada vertical de cor alaranjada (5YR 6/8) em óxido de ferro idêntica à peça 55.

O outro recipiente inserido neste conjunto é a peça 183 (Anexo II, Figura 40), que, todavia, apresenta com características diferentes das demais. Tem um bordo

biselado externamente e que está orientado para o exterior, formando um pequeno ressalto para encaixe de tampa. O colo é curto e estrangulado, e apresenta uma asa de fita que arranca do bordo e que fecharia logo abaixo do colo. A técnica de fabrico utilizada corresponde ao da peça 6, cozida num ambiente oxidante observando-se um tom castanho avermelhado (2.5YR 4/4) na superfície. A utilização da decoração revela-se igualmente nesta peça com a presença de caneluras abaixo do bordo.

Os recipientes de forma fechada menor representados no NMR correspondem a garrafas (Gráfico 4), detectando-se apenas duas peças (57 e 137), que se identificaram apenas pelos seus bordos. Os mesmos são orientados para o exterior, com um colo estreito e diâmetros de 19 mm (peça 137) e 20 mm (peça 57). A peça 57 (Anexo II, Figura 24) tem um bordo direito e a 137 (Anexo II, Figura 31) um bordo espessado externamente. Em termos de fabrico, regista-se o uso do torno rápido e cozedura em ambiente oxidante, verificando-se pastas de cor creme (2.5Y 8/2) semelhantes à das peças 29 e 55, bem depuradas e com poucos ENP.

Em relação às peças abertas destacam-se os alguidares (Gráfico 5), com a individualização de 19 peças, que corresponde a 11,3% do número total de formas identificadas do NMR.

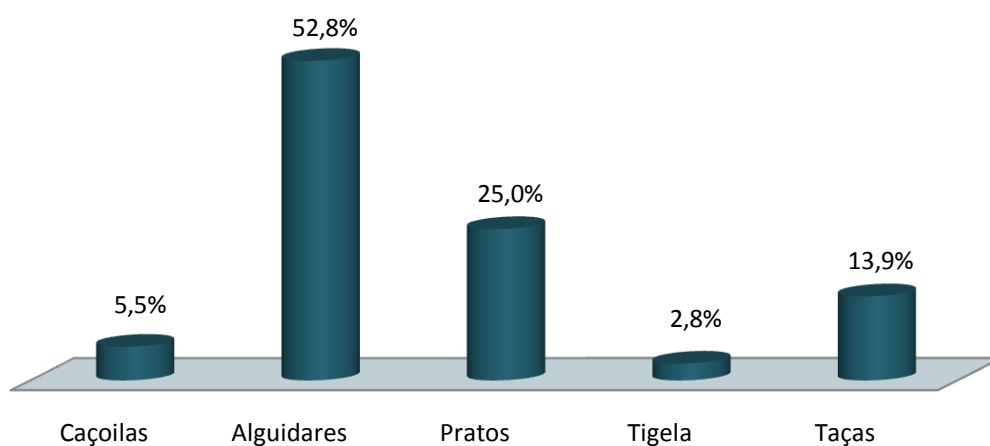


Gráfico 5 – Distribuição da percentagem dos tipos de peças abertas

São recipientes de grandes dimensões, com fabricos variados (manualmente, técnica mista utilizando o torno lento e torno rápido) e cozedura predominantemente redutora-oxidante, mas também cozedura oxidante (4 peças) e redutora (2 peças), com

pasta de consistência compacta e com uma concentração média de ENP que variam entre ≤ 1 mm e os 4 mm. Possuem um diâmetro entre os 248 e 544 mm. Os alguidares identificados podem facilmente confundir-se com grandes taças, e para a sua diferenciação foi tido em conta a sua forma original, quando possível a sua reconstituição, e a espessura das suas paredes (os alguidares apresentam normalmente paredes mais espessas com uma média de cerca de 17 mm). Entre os exemplares presentes, destacam-se os recipientes de bordo com espessamento duplo (8 peças) e de bordo com espessamento interior (5 peças), e orientados para o exterior. Os restantes correspondem a bordos com espessamento duplo e de orientação direita (2 peças), bordos com espessamento exterior (2 peças) e bordos direitos (2 peças), ambos orientados para o exterior.

Caracterizam-se por serem peças que normalmente têm um corpo troncocónico invertido, verificando-se em alguns recipientes (5 peças) a existência de uma carena alta pouco marcada. Apenas uma das peças (peça 167) apresenta a base, não tendo sido possível associar nenhum fragmento às restantes peças do NMR. Destacam-se neste conjunto o recipiente 167 (Anexo II, Figura 38) e 201 (Anexo II, Figura 41) pela sua distinta morfologia. A peça 167 é a única com perfil completo, com um bordo direito e orientado para o exterior, evidenciando um corpo cilíndrico e base plana. Tem uma altura de 117 mm e um diâmetro de 330 mm, paredes grossas no bojo e na base, assemelhando-se formalmente a um almofariz embora não evidencie marcas de uso que permita atribuir essa funcionalidade. Deste modo, aproxima-se a um recipiente que se integra nesta categoria. Foi fabricada utilizando técnica mista, e cozida em ambiente oxidante observando-se uma pasta de cor vermelha (2.5YR 4/6).

O mesmo acontece com a peça 201, diferenciando-se das restantes por apresentar um corpo mais esférico, similar a uma grande taça, e que provavelmente assentaria numa base plana.

Foi produzida a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante, observando-se uma pasta de consistência compacta com uma concentração razoável de ENP de feldspatos, e cor que varia entre o cinzento escuro (2.5YR 3/1) e o vermelho (2.5YR 4/6).

A maioria dos alguidares não apresenta qualquer tipo de decoração, reportando-se apenas 4 peças com decoração no bordo ou na superfície externa. Entre a decoração

identificada regista-se as linhas incisas no bordo (peça 65 e 171), digitações na carena (peça 144) e um cordão digitado (peça 170).

As taças são pequenos recipientes de formas abertas e pouco representativas deste conjunto, com 5 peças do NMR. Integra-se neste conjunto um exemplar de cronologia romana, a peça 14 e que importa aqui mencionar. Corresponde a uma taça de cerâmica comum com engobe vermelho (Anexo II, Figura 20), peça que se encontra descrita no catálogo do NMR.

O conjunto das restantes taças que integram o NMR (peças 61, 72 e 120) apresenta um corpo semi-cilíndrico, com um bordo direito e de orientação direita e no caso da peça 61 uma base plana (Anexo II, Figura 25). Estas peças abertas possuem um diâmetro entre 104 e 160 mm, são fabricadas a torno rápido e cozidas em ambiente redutor-oxidante (2 peças) ou oxidante, verificando-se normalmente superfícies de tom avermelhado (2.5YR 4/4). Existe uma quase total ausência de decoração nestes recipientes, destacando-se exclusivamente o uso de engobe de cor vermelha (10R 4/8) na superfície exterior da peça 61.

No grupo das cerâmicas com formas abertas há a registar um exemplar de tigela (peça 106), cuja forma facilmente se poderia associar a uma taça mas que se optou por distinguir das restantes pelas suas características morfológicas diferenciadas. Trata-se de um recipiente mais aberto que as taças (com 180 mm de diâmetro), com um bordo direito e orientado para o exterior e corpo troncocónico invertido (Anexo II, Figura 28). Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante-redutor. Observando atentamente, é possível identificar a aplicação de um alisamento após a cozedura com o polimento de ambas as superfícies, provavelmente recorrendo à utilização de um seixo. A peça tem uma pasta de consistência compacta com abundantes ENP de feldspatos e quartzos.

As caçoilas são um tipo de peça aberta com a presença de uma asa ou não, que nesta colecção se faz representar com dois recipientes (peça 4 e 202). Apenas a peça 4 (Anexo II, Figura 17) possui uma asa, de fita, e um corpo troncocónico invertido, o bordo é direito e orientado para o exterior. A peça 202 (Anexo II, Figura 42) tem uma forma distinta da anterior em relação à morfologia do bordo (bordo direito mas orientado para o interior), e um diâmetro bastante superior (540 mm). Em termos de fabrico ambas as peças foram montadas a torno lento e cozidas em ambiente redutor (peça 4) e redutor-oxidante (peça 202), com pastas de consistência compacta com a

presença de ENP de quartzo, feldspato e mica. Este é um tipo de recipiente que raramente apresenta decoração e que não foi identificada nestas peças.

Excluindo os alguidares, os pratos aparecem como o recipiente de forma aberta em maior quantidade, com 25% do total deste tipo de peça. Caracterizam-se por serem peças com índices de abertura elevados e com uma altura reduzida.

Em todos os recipientes identificados no NMR só foi possível calcular o diâmetro da peça 111 (Anexo II, Figura 28), que apresenta 406 mm. Em relação à altura os pratos observa-se uma variação entre 42 e 88 mm. No geral, predominam as peças com bordo redondo orientado para o exterior (6 peças), coexistindo com peças de bordo redondo e orientação direita (peça 218), de bordo direito orientado para o exterior (peça 121) e de bordo com espessamento duplo (peça 111). No geral, foram fabricadas manualmente ou utilizando uma técnica mista na sua montagem, verificam-se cozeduras irregulares no seu fabrico, dominando ainda assim a redutora-oxidante. Apesar de alguns exemplares apresentarem paredes grossas, observam-se pastas com uma consistência compacta e uma razoável quantidade de ENP de quartzos, feldspatos e micas de média dimensão. Para 6 destas peças reconstituiu-se o seu perfil completo, observando-se nestes recipientes bases planas e rugosas. Destaca-se ainda a presença de pequenas marcas no interior da peça 218 (Anexo II, Figura 43), feitas por pequenos paus ou ramos na pasta ainda fresca, eventualmente para a preparação da sua cozedura. São recipientes que não apresentam qualquer tipo de decoração, o que é uma característica dos pratos estudados. Destaca-se neste grupo de recipientes, um fragmento de bordo de *Terra Sigillata* Clara D (Anexo II, Figura 23 nº 53), cuja descrição se apresenta no catálogo das peças do NMR.

No cômputo geral, a decoração existente nas peças é bastante monótona e foi aplicada a cerca de 31,5% dos recipientes do NMR.

Entre estas, o recurso às caneluras e/ou linhas horizontais incisas está presente sobretudo nos potes/panelas, mas também em outros recipientes como os *dolivm* ou potes, em jarros (peça 6 e 183) e num cântaro (peça 184). Nos alguidares, duas peças foram decoradas com linhas incisas no bordo (peça 65 e 171), um único exemplar com digitações (peça 144), e outro que se distingue pela aplicação de um cordão digitado (peça 170). Em relação à técnica de polimento, esta encontra-se na única tigela do conjunto, com o polimento de ambas as superfícies observando-se um ligeiro brilho na peça. Observa-se que a decoração encontra-se apenas na superfície externa das peças ou

no bordo, e apenas uma apresenta decoração no seu interior. Existe ainda neste conjunto, duas peças do NMR decoradas com pintura a vermelho através de linhas verticais digitadas, tratam-se das peças 55 (Anexo II, figura 23) e 56.

Não se registou qualquer decoração nas asas do NMR.

Na contabilização de todos os fragmentos exumados verifica-se que entre os bordos, os fragmentos decorados correspondem a 18 %, enquanto entre os bojos é de 18,2%, não se verificando qualquer base decorada em todo o conjunto (Gráfico 6).

Nesta coleção, dominam sobretudo as caneluras (64,5%), e logo de seguida as linhas incisas (13,1%). Estão presentes outros tipos de decorações mas com valores bastante inferiores como as impressões não digitadas (8,2%), a pintura (7,4%) e o engobe (6,7%). Em quantidade residual está representada a impressão digitada (0,2%), um cordão (0,2%) e um estampilhado (0,2%). Em alguns casos, e sempre associados aos potes/panelas, identificou-se o recurso em simultâneo das linhas incisas direitas e das caneluras, e em apenas uma das peças (peça 55) o uso das caneluras e da pintura em óxido de ferro.

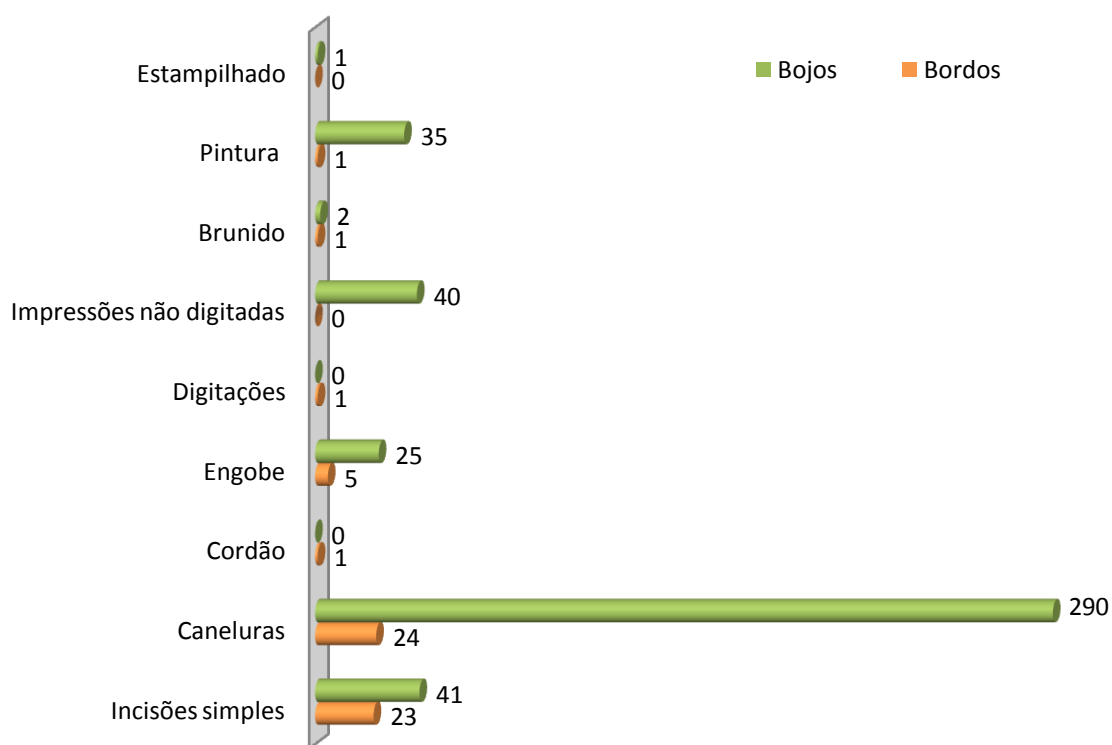


Gráfico 6 – Tipos de decoração identificado no conjunto total

Foram ainda identificados na área 4, extra peças contabilizadas no NMR, dois fragmentos de pequena dimensão correspondente a vidrados tipicamente islâmicos. Um destes exemplares encontra-se decorado com estampilhado e apresenta um vidrado de cor verde no exterior e amarelo no interior (Anexo II, Figura 7), apresenta um arranque de asa, e corresponderá a um jarrinho. O restante encontra-se bastante afectado pela erosão das suas superfícies onde é possível vislumbrar um vidrado de óxido de estanho de tom castanho na superfície externa, sobre uma decoração em “escama” através da aplicação de pequenos “gomos” (Anexo II, Figura 8), poderá corresponder a uma garrafa ou a um jarrito.

4.1.1 – Cerâmica de construção

Os materiais de construção são dos vestígios do Porto Torrão que se encontram em grande quantidade. Foram exumados materiais praticamente de todas as estruturas negativas registadas, e de diferentes cronologias, sobretudo na área 4. Com efeito, associada à cerâmica romana identificada, foram recolhidos dos contextos medievais diversos fragmentos de *tegulae* e *imbrices*, assim como fragmentos de grandes tijolos que parecem enquadrar-se neste período. Predominam neste conjunto, as telhas curvas que apresentam decoração digitada formando linhas rectas ou onduladas (Anexo II, Figura 9 e 10), existindo uma telha com impressão feita com dedos (Anexo II Figura 11), uma tégula decorada com punções e linhas digitadas (Anexo II, Figura 12), e duas telhas com incisões realizadas ainda com a pasta fresca (Anexo II, Figura 13), sendo que um deles parece formar um antropomorfo (Anexo II, Figura 14). Destaca-se ainda, uma telha com impressão de pata de cão ou gato (Anexo II, Figura 15), e uma telha que apresenta inscrição de difícil interpretação, observando-se duas letras que parecem corresponder a um **f** e um **e** (Anexo II, Figura 16).

Apesar da longa diacronia de utilização da telha curva com este tipo de decoração, parece distinguir-se da *tegula* enquadrando-se também na cerâmica de construção utilizada ou reutilizada no período pós-romano.

4.1.2 - Catálogo das peças

O catálogo das peças, que se apresenta de seguida, consiste no NMR referido no Capítulo 3 das questões metodológicas, encontrando-se as estampas no Anexo II. Inclui-se igualmente os atributos numéricos de todas as peças presentes no NMR (Quadro IV.5). Note-se ainda que não são apresentados todos os desenhos das peças descritas, uma vez que correspondem a fragmentos de bordo de dimensão reduzida, a maioria dos quais não possibilitou a determinação da forma original da peça. Seleccionou-se os recipientes que melhor representavam as formas presentes na colecção, resultando na apresentação gráfica de cerca de um terço do total das peças.

Peça 1 – Pote? (Anexo II, Figura 17)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é espessado externamente e está orientado para o interior e apresenta uma asa de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração elevada de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e calcários.

As fracturas são de cor cinzenta (5YR 5/1) e as superfícies de cor avermelhada (2.5YR 4/8).

Peça 2 – Alguidar (Anexo II, Figura 17)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

Tem corpo troncocónico invertido, o bordo tem espessamento duplo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas são de cor cinzento escuro (5YR 4/1) e as superfícies de cor castanho avermelhado (5YR 5/4).

Peça 3 – Talha/Dolium (Anexo II, Figura 17)

Fragmento de bordo identificado, na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é duplamente espessado e está orientado para o interior.

Foi fabricada manualmente e a torno, e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração elevada de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas apresentam cor entre o cinzento (5YR 5/1) e o cinzento-escuro (5YR 4/1) e as superfícies variam entre o castanho avermelhado (2.5YR 4/4) e o vermelho escuro acinzentado (5YR 4/2).

Possui uma linha incisa horizontal abaixo do bordo e apresenta marcas de fogo nas fracturas e na superfície.

Peça 4 – Caçoila (Anexo II, Figura 17)

Peça representada por três fragmentos de bordo e asa, identificada na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

Tem corpo troncocónico invertido, o bordo é direito e está orientado para o exterior e apresenta uma asa de fita que arranca do bordo até ao bojo.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas variam entre o cinzento escuro (7.5YR 4/1) e o negro (7.5YR 2.5/1) e as superfícies são de cor cinzento escuro (7.5YR 4/1).

Peça 5 – Alguidar (Anexo II, Figura 17)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

Tem corpo troncocónico invertido, o bordo é espessado externamente e orientada para o exterior.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas apresentam cor cinzenta (5YR 5/1) e as superfícies têm cor castanho avermelhado (2.5YR 5/4).

Peça 6 – Jarro? (Anexo II, Figura 18)

Peça representada por dois fragmentos de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é redondo e com orientação direita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

Apresenta fracturas de cor cinzento escuro (5YR 4/1) e superfícies que variam entre o castanho avermelhado (2.5YR 4/4) e o castanho escuro avermelhado (5YR 3/2).

Apresenta duas linhas incisas abaixo do bordo.

Peça 7 – Pote/Panela

Peça representada por dois fragmentos de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, na área 4.

O bordo é redondo e orientado para o exterior.

Foi fabricado a torno lento e cozida tendencialmente em ambiente oxidante observando-se algumas manchas mais escuras quer nas fracturas quer nas superfícies evidenciando uma distribuição deficiente do oxigénio no forno durante o momento da sua cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o castanho avermelhado (5YR 4/3) e o cinzento escuro (5YR 3/1).

Apresenta duas linhas horizontais incisas paralelas abaixo do bordo.

Peça 8 – Panela (Anexo II, Figura 18)

Peça representada por sete fragmentos de bordo, seis fragmentos de bojo, fragmento de base e asa, identificados na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O corpo da peça é globular, a base é ligeiramente côncava e apresenta uma asa de fita, possui um colo curto e um bordo redondo que está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante-redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão ($\leq 1\text{mm}$), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o vermelho (2.5YR 4/6) e o negro (2.5YR 2.5/1).

Apresenta uma linha incisa horizontal abaixo do colo, três caneluras no bojo e marcas de fogo nas superfícies externas.

Peça 9 – Pote/Panela (Anexo II, Figura 18)

Peça representada por dois fragmentos de bordo e dois de bojo, identificados na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

Apresenta um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida tendencialmente em ambiente oxidante observando-se algumas manchas mais escuras quer nas superfícies quer nas fracturas evidenciando uma distribuição deficiente do oxigénio no forno durante o momento da sua cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão ($\leq 1\text{ mm}$), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o castanho avermelhado (5YR 5/4) e o cinzento muito escuro (5YR 3/1).

Apresenta três caneluras abaixo do colo.

Peça 10 – Pote/Panela (Anexo II, Figura 19)

Peça representada por dois fragmentos de bordo e quatro de bojo, identificados na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

Apresenta um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente redutor, ainda que apresente algumas manchas mais claras não distribuídas uniformemente pela peça

demonstram que a mesma terá sido cozida num forno onde o oxigénio não estava distribuído de forma igual.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração elevada de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o castanho (7.5YR 5/4) e o cinzento muito escuro (7.5YR 3/1).

Apresenta uma linha horizontal incisa no colo e três caneluras abaixo do colo.

Peça 11 – Pote/Panela?

Fragmentos de bordo e bojo, identificados na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

Apresenta um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas e superfícies são de cor vermelha (10R 4/6).

Apresenta duas caneluras abaixo do colo.

Peça 12 – Bilha (Anexo II, Figura 19)

Fragmentos de dois bordos e asa, identificados na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

A asa é de rolo.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas e as superfícies são de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Peça 13 – Pote/Panela (Anexo II, Figura 19)

Peça representada por dois fragmentos de bordo e 4 de bojo, identificados na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

Apresenta um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente redutor, apresentando algumas manchas mais claras nas fracturas e nas superfícies evidenciando uma distribuição deficiente do oxigénio no forno durante o momento da sua cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre $\leq 1\text{ mm}$ e os 3 mm , sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o castanho escuro (10YR 2/2) e o castanho avermelhado (5YR 4/3).

Apresenta uma linha incisa horizontal e uma canelura abaixo do colo.

Peça 14 – Taça (Anexo II, Figura 20)

Peça representada por dois fragmentos de bordo, seis de bojo e três de base identificados na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é espessado internamente e está orientado para o interior, a base é plana e apresenta um engobe vermelho na superfícies.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta depurada e de consistência compacta, de textura homogénea, e apresenta uma concentração fraca de ENP de pequena dimensão ($< 1\text{ mm}$), sendo observáveis macroscopicamente micas.

As fracturas são de cor alaranjada (5YR 6/6) a superfície interna é de cor vermelha (10R 5/8), e o engobe de cor vermelha (10R 4/8).

Peça 15 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre $\leq 1\text{ mm}$ e os 2 mm , sendo observáveis macroscopicamente micas.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam entre o castanho escuro (7.5YR 3/2) e o cinzento escuro (7.5YR 3/1).

Peça 16 – Pote/Panela

Peça representada por fragmento de bordo e três de bojo, identificados na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

Apresenta um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas e as superfícies são de cor negra (7.5YR 2.5/1).

Apresenta duas caneluras abaixo do colo.

Peça 17 – Pote/Panela

Peça representada por fragmento de bordo e dois de bojo, identificados na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

Apresenta um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante apresentando um tom mais claro apenas na superfície interna da peça.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente micas e feldspatos.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam entre o cinzento escuro (5YR 4/1) e o vermelho (10R 4/6).

Apresenta três caneluras abaixo do colo.

Peça 18 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

Apresenta um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente micas e feldspatos.

As fracturas e as superfícies têm cor cinzento escuro (5YR 3/1).

Apresenta uma canelura abaixo do colo.

Peça 19 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas são de cor negra (5YR 2.5/1) e as superfícies de cor castanho avermelhado (5YR 4/3).

Peça 20 – Pote/Panela?

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é espessado externamente e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante-redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos quartzos e micas.

As fracturas são de cor castanho (7.5YR 4/6) e as superfícies são de cor cinzento escuro (7.5YR 3/1).

Peça 21 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é espessado externamente e está orientado para o exterior e tem um bocal trilobado.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente micas e quartzos.

Apresenta fracturas e superfícies entre o cinzento (7.5YR 5/1) e o castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Peça 22 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é espessado externamente e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente micas e feldspatos.

Apresenta fracturas e superfícies de cor negra (5YR 2.5/1).

Peça 23 – Cântaro?

Fragmento de bordo e asa identificados na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é biselado e está orientado para o exterior.

A asa é de fita.

Tipo de fabrico indeterminado e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente quartzos feldspatos e micas.

As fracturas e as superfícies são de cor vermelha (10R 4/6).

Peça 24 – Bilha

Fragmento de bordo e asa identificados na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é redondo e orientado para o exterior.

A asa é de rolo.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente micas e feldspatos.

As fracturas são de cor avermelhada (5YR 4/6) e as superfícies são de cor castanho avermelhado (5YR 5/4).

Peça 25 – Pote/Panela

Fragmento de bordo e dois de asa identificados na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

Bordo de morfologia indeterminada e orientado para o exterior.

A asa é de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente micas e feldspatos.

As fracturas e as superfícies são de cor vermelho acastanhado (2.5YR 5/4).

Apresenta marcas de fogo no bordo e no arranque da asa pós deposicionais, observando-se uma mancha mais escura nas superfícies e nas fracturas.

Peça 26 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo e asa identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

Bordo de morfologia indeterminada e orientado para o exterior, a asa é de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente redutor, embora apresente algumas manchas mais claras não distribuídas uniformemente pela peça indicando que foi cozida num forno em que o oxigénio não estava distribuído de forma igual.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente micas e feldspatos.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam entre o castanho claro (10YR 6/3) e o cinzento escuro (10YR 4/1).

Peça 27 – Pote/Panela

Fragmento de bordo e asa identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

Bordo de morfologia indeterminada e orientado para o exterior.

A asa é de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente redutor embora apresente pequenas manchas mais claras evidenciando uma distribuição deficiente do oxigênio no forno durante o momento da sua cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP que variam entre ≤ 1 mm e 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam entre o castanho (7.5YR 5/4) e o negro (7.5YR 2.5/1).

Apresenta marcas de fogo nas superfícies.

Peça 28 – Pote/Panela

Fragmento de bordo e asa identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é redondo e orientado para o exterior.

A asa é de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP que variam entre ≤ 1 mm e 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos micas e quartzos.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam entre o castanho escuro (10YR 3/2) e o cinzento escuro (10YR 3/1).

Peça 29 – Bilha (Anexo II, Figura 20)

Peça representada por três fragmentos de bordo, sessenta e oito de bojo, cinco de base e asa, identificados na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O corpo da peça é globular, a base é em ônfalo e apresenta uma asa de fita, possui um colo estreito e um bordo espessado internamente que tem orientação direita.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Possui uma pasta depurada de consistência compacta, de textura homogênea, com uma concentração fraca de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm) sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas têm cor bege (10YR 7/4) e as superfícies têm cor amarelo claro (2.5Y 8/2). Apresenta caneluras no bojo.

Na parte inferior da peça e na base, verifica-se vestígios de marcas de fogo e deformação das paredes pela ação do fogo já após o seu descarte, resultando no escurecimento da superfície interna e externa de alguns fragmentos.

Peça 30 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam entre o negro (5YR 2.5/1) e o castanho escuro avermelhado (5YR 2.5/2).

Peça 31 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 8 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam entre o cinzento escuro (5YR 3/1) e o castanho avermelhado (5YR 4/3).

Peça 32 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é espessado externamente e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante, observando-se na superfície exterior um tom mais escuro aquando da cozedura final da peça em meio redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam entre o cinzento escuro (2.5YR 3/1) e o castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Peça 33 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e as superfícies são de cor cinzento escuro (2.5YR 3/1).

Apresenta uma canelura abaixo do colo.

Peça 34 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente oxidante observando-se algumas manchas mais escuras junto ao bordo indicando que durante a cozedura a quantidade de oxigénio no forno não estava distribuído de forma homogénea.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam entre o castanho avermelhado (5YR 5/4) e o cinzento escuro (5YR 3/1).

Apresenta uma linha horizontal incisa no colo.

Peça 35 – Cântaro? (Anexo II, Figura 21)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é espessado externamente e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta de textura xistosa, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas e superfícies são de cor avermelhada (2.5YR 4/4).

Peça 36 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 4 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor cinzento escuro (5YR 3/1).

Apresenta uma linha horizontal incisa abaixo do colo.

Peça 37 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor castanho avermelhado (2.5YR 4/3).

Peça 38 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é espessado externamente e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Peça 39 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor cinzento escuro (7.5YR 3/1).

Peça 40 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensão que variam entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor cinzento escuro (7.5YR 3/1).

Peça 41 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o castanho escuro avermelhado (2.5YR 3/4) e o castanho escuro (7.5YR 2.5/2).

Peça 42 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor cinzento escuro (10R 3/1).

Peça 43 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34005], na estrutura negativa XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o castanho escuro avermelhado (2.5YR 3/4) e o castanho escuro (2.5YR 2.5/2).

Peça 44 – Pote (Anexo II, Figura 21)

Peça representada por fragmento de bordo e dois fragmentos de base, identificados na unidade [34007], na estrutura negativa XV, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior, a base é plana.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que variam entre ≤ 1 mm e 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam entre o castanho avermelhado (2.5YR 4/4) e o vermelho (2.5YR 4/6).

Peça 45 – Prato (Anexo II, Figura 21)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34007], na estrutura negativa XV, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior, a base aparenta ser plana.

Foi fabricada manualmente e cozida em ambiente tendencialmente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração elevada de ENP que variam entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam entre o avermelhado (2.5YR 4/2) e o castanho avermelhado (5YR 4/4).

Peça 46 – Pote/Panela

Peça representado por fragmento de bordo e dois de bojo, identificados na unidade [34007], na estrutura negativa XV, da área 4.

Apresenta um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão ≤ 1 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam entre o castanho escuro avermelhado (5YR 3/3) e o negro (5YR 2.5/1).

Apresenta uma linha incisa no colo.

Peça 47 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34007], na estrutura negativa XV, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que variam entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor castanho avermelhado (5YR 4/4).

Peça 48 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34007], na estrutura negativa XV, da área 4.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que variam entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

Apresenta fracturas de cor cinzento (5YR 5/1) e superfícies de cor castanho avermelhado (5YR 4/3).

Peça 49 – Talha/*Dolivm* (Anexo II, Figura 22)

Peça representada por fragmento de bordo e fundo, identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é duplamente espessado e está orientado para o interior e a base é plana.

Foi fabricada manualmente e a torno, e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração elevada de ENP que variam entre ≤ 1 mm e os 7 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos, quartzos e calcários.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam entre o vermelho (2.5YR 4/6) e o castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Apresenta uma linha incisa abaixo do bordo.

Peça 50 – Talha/*Dolivm*

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é duplamente espessado e está orientado para o interior.

Foi fabricada manualmente e a torno e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração elevada de ENP que variam entre ≤ 1 mm e os 4 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzento (5Y1) e as superfícies de cor castanho avermelhado (5YR 5/4).

Peça 51 – Talha/Dolivm

Fragmentos de bordo e bojo identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é duplamente espessado e está orientado para o interior.

Foi fabricada manualmente e a torno, e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração elevada de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 4 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor castanho escuro avermelhado (5YR 3/2) e as superfícies de cor castanho avermelhado (5YR 4/4).

Apresenta no bojo linhas onduladas incisas.

Peça 52 – Talha/Dolivm (Anexo II, Figura 22)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é duplamente espessado e está orientado para o interior.

Foi fabricada manualmente e a torno, e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração elevada de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 4 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (5YR 4/1) e a superfície externa de cor castanho avermelhado (5YR 5/4) e a superfície interna de cor cinzento avermelhado (5YR 5/2).

Peça 53 – Taça (Anexo II, Figura 23)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é em aba e está orientado para o exterior, apresenta incisões na aba paralelas ao bordo.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta depurada de consistência compacta, de textura homogênea, com uma concentração fraca de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e as superfícies são de cor vermelho (10R 5/8).

Apresenta um verniz em ambas as superfícies.

Peça 54 – Prato (Anexo II, Figura 23)

Fragmento de bordo e base com perfil completo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o interior e a base é plana.

Foi fabricada manualmente com ajuda do torno e cozida em ambiente tendencialmente redutor observando-se algumas manchas mais claras da deficiente distribuição de oxigénio no forno no momento da cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o castanho escuro avermelhado (5YR 3/2) e o castanho avermelhado (2.5YR 4/3).

Peça 55 – Bilha (Anexo II, Figura 23)

Peça representada por fragmento de bordo, quarenta e um fragmentos de bojo e seis fragmentos de base e arranque de asa, identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O corpo da peça é ovóide, o bordo é espessado internamente e de orientação direita.

Apresenta um colo estreito.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta depurada de consistência compacta, de textura homogênea, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente micas.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o creme (10YR 7/4) e o creme claro (2.5Y 7/3).

Possui uma decoração pintada a óxido de ferro de tom avermelhado (5YR 5/6) vertical e elaborada com os dedos, no bordo e no bojo.

Apresenta caneluras no bojo.

Peça 56 – Jarro?

Peça constituída por fragmento de bordo e sete fragmentos de bojo identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é espessado externamente e de orientação direita.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta depurada de consistência compacta, de textura homogénea, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente micas.

As fracturas e superfícies são de cor creme (2.5Y 7/3).

Possui uma decoração a ondulado vertical no bojo, pintada a óxido de ferro de cor avermelhada (5YR 6/6).

Peça 57 – Garrafa (Anexo II, Figura 24)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta depurada de consistência compacta, de textura homogénea, com uma concentração fraca de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente quartzos.

As fracturas e as superfícies são de cor creme (2.5Y 8/2).

Peça 58 – Pote (Anexo II, Figura 24)

Fragmento de bordo e bojo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

Apresenta um colo curto e estrangulado, o bordo é biselado externamente e orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta depurada de consistência compacta, de textura homogénea, com uma concentração fraca de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente micas.

As fracturas são de cor rosa (10R 6/6) e as superfícies de cor alaranjado (7.5YR 7/6).

Peça 59 – Bilha (Anexo II, Figura 24)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é espessado internamente e tem orientação direita.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura homogênea, com uma concentração fraca de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente quartzos e micas.

As fracturas e as superfícies são de cor alaranjada (7.5YR 7/6).

Peça 60 – Bilha

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é espessado internamente e tem orientação direita.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura homogênea, com uma concentração fraca de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente quartzos e micas.

As fracturas são de cor vermelho claro (2.5YR 6/6) e as superfícies de cor alaranjada (7.5YR 6/6).

Peça 61 – Taça (Anexo II, Figura 25)

Fragmento de bordo, bojo e base, identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O corpo é semi-esférico, o bordo é direito e tem orientação direita, a base é plana.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente redutor-oxidante, apresenta ainda um engobe na superfície externa.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensões que varia entre ≤ 1 mm e os 4 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos quartzos e micas.

As fracturas são de cor cinzento escuro (5YR 4/1) e as superfícies de cor avermelhada (2.5YR 4/4) e o engobe de cor vermelha (10R 4/8).

Peça 62 – Forma indeterminada

Fragmentos de bordo identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo tem orientação direita e um bocal trilobado.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente redutor observando-se algumas manchas mais claras nas superfícies da peça provocadas pela deficiente distribuição do oxigénio no forno durante a sua cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de dimensões que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis feldspatos e micas.

As fracturas e as superfícies apresentam cores que oscilam entre o castanho escuro (5YR 2.5/2) e o castanho avermelhado (5YR 4/4).

Peça 63 – Pote/Panela

Peça representada por dois fragmentos de bordo e um com arranque de asa, identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior, a asa é de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e as superfícies têm cor castanho escuro (7.5YR 2.5/2).

Peça 64 – Bilha (Anexo II, Figura 25)

Peça representada por fragmento de bordo e quatro fragmentos de bojo e arranque de asa, identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior, a asa é de rolo.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas e as superfícies têm cor avermelhada (2.5YR 4/4).

Peça 65 – Alguidar (Anexo II, Figura 25)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O corpo é troncocônico invertido, o bordo é espessado duplamente e de orientação direita, apresenta uma carena alta e suave.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o cinzento escuro (5YR 3/1) e o castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Apresenta duas linhas incisas no bordo.

Peça 66 – Pote/Panela

Fragmento de bordo e bojo identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam entre o negro (2.5YR 2.5/1) e o castanho escuro (5YR 3/3).

Apresenta uma canelura no bojo.

Peça 67 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo e bojo identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e de orientação direita.

Peça com fabrico indeterminado e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas têm cor cinzento escuro (10R 4/1) e o vermelho (10R 5/6).

Peça 68 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

Apresenta um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente redutor, observando-se algumas manchas mais claras nas superfícies resultado de uma distribuição pouco homogênea do oxigênio no forno durante a sua cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam entre o castanho avermelhado (5YR 4/3) e o castanho escuro (5YR 3/2).

Apresenta duas caneluras no bojo.

Peça 69 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente oxidante observando-se um tom mais escuro na parte superior do bordo.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e as superfícies têm cores que variam entre o castanho (10YR 4/3) e a cor negra (10YR 2/1).

Peça 70 – Pote/Panela (Anexo II, Figura 26)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

Apresenta um colo curto e estrangulado, o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta bem depurada de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração baixa de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor laranja (5YR 5/8).

Peça 71 – Pote/Panela

Peça representada por fragmento de bordo, dois fragmentos de bojo e um de base, identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é de morfologia indeterminada, está orientado para o exterior e apresenta arranque de asa.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o castanho avermelhado (5YR 4/4) e o castanho escuro (5YR 3/2).

Peça 72 – Taça (Anexo II, Figura 26)

Fragmento de bordo e bojo identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

Tem corpo semi-esférico, o bordo é direito e tem orientação direita.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas e as superfícies são de cor avermelhada (2.5YR 4/4).

Peça 73 – Prato (Anexo II, Figura 26)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada manualmente e a torno lento, e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente micas e feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o cinzento escuro (2.5YR 3/1) e o castanho avermelhado (2.5YR 4/3).

Peça 74 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é espessado externamente e tem orientação direita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e as superfícies têm cor castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Peça 75 – Pote/Panela

Peça representada por fragmento de bordo com arranque de asa e três fragmentos de base identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é de morfologia indeterminada e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas são de cor cinzenta (10R 5/1) e as superfícies de cor avermelhada (2.5YR 4/4).

Peça 76 – Pote/Panela (Anexo II, Figura 26)

Peça representada por três fragmentos de bordo e dois de bojo identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

Apresenta um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas têm cor negra (7.5YR 2.5/1) e as superfícies de cor castanho escuro (7.5YR 3/4).

Apresenta duas caneluras abaixo do colo.

Peça 77 – Pote/Panela

Fragmento de bordo e bojo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

Apresenta um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP que variam entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e as superfícies são de cor castanho escuro (10YR 2/2).

Apresenta três caneluras no bojo.

Peça 78 – Pote/Panela

Fragmento de bordo e bojo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e as superfícies são de cor negra (5YR 3/1).

Apresenta duas caneluras no bojo.

Peça 79 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo e bojo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre os ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e as superfícies têm cor negra (5YR 2.5/1).

Apresenta caneluras no bojo.

Peça 80 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante, observando-se uma cor mais clara apenas na superfície exterior.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e a superfície interior têm cor negra (5YR 3/1) e a superfície exterior de cor castanho avermelhado (2.5YR 4/3).

Peça 81 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e as superfícies são de cor cinzento escuro avermelhado (5YR 4/2).

Peça 82 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo e bojo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis feldspatos.

As fracturas e as superfícies são de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Apresenta caneluras no bojo.

Peça 83 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo e bojo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cor vermelha (2.5YR 4/6).

Peça 84 – Forma indeterminada de *terra sigillata*

Fragmento de bordo e bojo com o arranque do pé, identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante, apresentado um engobe nas superfícies da peça.

Tem uma pasta bem depurada de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração baixa de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente alguns calcários.

As fracturas e as superfícies têm cor laranja (2.5YR 6/8) e o engobe tem cor vermelha (2.5YR 5/8).

Peça 85 – Alguidar (Anexo II, Figura 27)

Peça representada por dois fragmentos de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é duplamente espessado e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 4 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o cinzento acastanhado (2.5Y 4/2) e o cinzento escuro (2.5Y 2/1).

Peça 86 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é espessado externamente e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor castanho escuro (10YR 3/2).

Peça 87 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e as superfícies têm cor castanho avermelhado escuro (5YR 3/2).

Peça 88 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e as superfícies têm cor negra (5YR 2.5/2).

Apresenta uma linha horizontal incisa no colo.

Peça 89 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é enrolado externamente e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam o castanho escuro (5YR 2.5/2) e o castanho escuro avermelhado (5YR 3/4).

Peça 90 – Alguizar (Anexo II, Figura 27)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O corpo é troncocônico invertido, o bordo é espessado internamente e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (10YR 4/2) e as superfícies de cor castanho escuro avermelhado (5YR 3/4).

Peça 91 – Pote/Panela

Peça representada por dois fragmentos de bordo identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 4 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor castanho avermelhado (5YR 4/3).

Peça 92 – Pote/Panela

Fragmento de bordo com arranque de asa e fundo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior, a base é plana.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (2.5YR 3/1) e as superfícies de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Peça 93 – Pote/Panela

Peça representada por dois fragmentos de bordo identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

Apresenta um colo curto e o bordo é redondo e está orientada para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente oxidante observando-se no bordo uma cor mais escura resultado da deficiente distribuição de oxigénio no forno durante a sua cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o castanho avermelhado (5YR 5/4) e o castanho escuro (5YR 2.5/2).

Peça 94 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

Apresenta um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozido em ambiente tendencialmente redutor observando-se na parte exterior uma mancha mais clara resultado da distribuição pouco homogénea do oxigénio no forno durante a sua cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam entre o negro (5YR 2.5/1) e o castanho avermelhado (5YR 5/4).

Apresenta duas caneluras abaixo do colo.

Peça 95 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor negra (5YR 2.5/1).

Peça 96 – Pote/*Dolivm* (Anexo II, Figura 27)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é enrolado externamente e de orientação direita.

Foi fabricada manualmente com a ajuda do torno, e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 10 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e as superfícies são de cor alaranjada (5YR 4/6).

Peça 97 – Pote/Panela

Fragmento de bordo com arranque de asa identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas são de cor cinzenta (5YR 4/1) e as superfícies de cor castanho avermelhado (5YR 4/4).

Peça 98 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e as superfícies são de cor castanho escuro (5YR 2.5/2).

Peça 99 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo macroscopicamente observáveis feldspatos.

As fracturas e as superfícies são de cor cinzento escuro (5YR 3/1).

Peça 100 – Cântaro? (Anexo II, Figura 27)

Fragmento de bordo com arranque de asa identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é emoldurado e tem orientação direita. Tem um gargalo estreito e um encaixe para tampa. Apresenta um arranque de asa de fita.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzenta (5YR 6/1) e as superfícies de cor alaranjada (5YR 6/6).

Peça 101 – Pote/Panela

Peça representada por fragmento de bordo e quatro fragmentos de bojo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente redutor, observando-se na superfície interna um tom mais claro.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies externas são de cor negra (5YR 3/1), e a superfície interna de cor castanho avermelhado (5YR 5/4).

Apresenta uma linha horizontal incisa no colo.

Peça 102 – Pote/Panela

Fragmento de bordo e base identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

Apresenta um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que variam entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e as superfícies são de cor negra (10YR 3/1).

Apresenta uma linha horizontal incisa no colo.

Peça 103 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor negra (10YR 3/1).

Peça 104 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor castanho escuro avermelhado (5YR 3/3).

Peça 105 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor negra (7.5YR 2.5/1).

Peça 106 – Tigela (Anexo II, Figura 28)

Peça representada por fragmento de bordo e dois fragmentos de bojo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

Tem corpo troncocónico invertido, o bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante-redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração elevada de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor avermelhada (5YR 4/6) e as superfícies de cor castanho escuro avermelhado (5YR 3/2).

Apresenta um polimento em ambas as superfícies.

Peça 107 – Pote/Panela

Fragmento de bordo e bojo identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente redutor, observando-se uma mancha mais clara na superfície interna resultado da deficiente distribuição de oxigénio no forno durante a sua cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o negro (7.5YR 2.5/1) e o castanho avermelhado (5YR 5/3).

Apresenta duas caneluras no bojo.

Peça 108 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante-redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas são de cor avermelhada (5YR 4/6) e as superfícies de cor negra (5YR 3/1).

Peça 109 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor castanho escuro (5YR 3/1).

Peça 110 – Pote/Panela?

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior, apresentando um bico vertedor.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o castanho avermelhado (5YR 4/3) e o castanho (5YR 3/3).

Peça 111 – Prato (Anexo II, Figura 28)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é duplamente espessado e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 6 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor avermelhada (2.5YR 4/4).

Peça 112 – Panela

Peça representada por dois fragmentos de bordo, um com arranque de asa, dez fragmentos de bojo e fragmento de base, identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

Apresenta um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior, a asa é de rolo e a base é plana.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração elevada de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas e as superfícies são de cor avermelhada (2.5YR 5/4).

Apresenta marcas de fogo na base.

Peça 113 – Alguidar (Anexo II, Figura 28)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

Tem corpo troncocónico invertido, o bordo é duplamente espessado e está orientado para o exterior

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente redutor, observando-se algumas manchas mais claras provocadas pela à distribuição pouco homogênea do oxigénio no forno durante a sua cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o laranja (5YR 4/6) e o negro (5YR 2.5/1).

Apresenta uma linha incisa abaixo do bordo.

Peça 114 – Pote/Panela

Fragmento de bordo com arranque de asa e bojo identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior, a asa é de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas e superfícies são de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Peça 115 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor negra (2.5YR 2.5/1).

Peça 116 – Pote/Panela

Fragmento de bordo e bojo identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente redutor observando-se uma cor mais clara no interior da peça.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e a superfície externa são de cor negra (5YR 2.5/1) e a superfície interna de cor castanho avermelhado (5YR 4/3).

Apresenta uma linha horizontal incisa no colo.

Peça 117 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor negra (5YR 2.5/1).

Peça 118 – Pote/Panela

Fragmento de bordo e bojo identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é direito e está orientado para o exterior, o bojo apresenta caneluras.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante, observando-se nas superfícies externas um tom mais escuro, resultado da utilização de um ambiente redutor no final da cozedura da peça.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas têm cores que oscilam entre o cinzento escuro (5YR 4/1) e o vermelho (2.5YR 5/6), e as superfícies são de cor castanho escuro avermelhado (5YR 3/2).

Apresenta duas caneluras no bojo.

Peça 119 – Forma Indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o castanho escuro avermelhado (5YR 2.5/2) e o vermelho escuro (2.5YR 3/6).

Peça 120 – Taça

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é direito e tem orientação direita.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (2.5YR 4/1) e as superfícies de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Peça 121 – Prato (Anexo II, Figura 28)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

Peça com perfil completo, o bordo é direito e está orientado para o exterior, a base é plana.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração elevada de ENP que variam entre ≤ 1 mm e os 4 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (2.5YR 4/1) e as superfícies têm cores que oscilam entre o vermelho (2.5YR 4/6) e o vermelho acastanhado (2.5YR 4/4).

Peça 122 – Pote

Peça representada por três fragmentos de bordo, dez fragmentos de bojo e dois de base, identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

Apresenta um colo curto, o bordo é espessado externamente e está orientado para o exterior, a base é plana.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente quartzos e feldspatos.

As fracturas são de cor cinzenta (2.5YR 4/1) e as superfícies têm cores que oscilam entre o vermelho (2.5YR 4/6) e o castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Apresenta uma canelura no bojo.

Peça 123 – Pote

Peça representada por fragmento de bordo, dois fragmentos de bojo e fragmento de base, identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas têm cor cinzento escuro (2.5YR 4/1), a superfície interna de cor vermelha (2.5YR 5/6) e a superfície externa de cor cinzento escuro (2.5YR 3/1).

Apresenta uma linha incisa abaixo do bordo.

Peça 124 – Prato (Anexo II, Figura 29)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada manualmente e a torno e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 5 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (5YR 3/1) e as superfícies de cor castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Peça 125 – Alguidar (Anexo II, Figura 29)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é direito e está ligeiramente orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 4 mm, sendo observáveis macroscopicamente quartzos e feldspatos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (2.5YR 3/1) e as superfícies de cor castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Peça 126 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor castanho escuro (5YR 3/2).

Peça 127 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo tem morfologia indeterminada e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor negra (5YR 2.5/1).

Peça 128 – Pote/Panela (Anexo II, Figura 29)

Peça representada por três fragmentos de bordo e dois de bojo, identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

Apresenta um colo curto, o bordo é redondo e está orientado para o exterior, o bocal é trilobado e apresenta ter tido uma asa no lado oposto ao bocal.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente oxidante, apresentando algumas manchas mais escuras, indicando que a distribuição do oxigénio no forno durante a sua cozedura não foi uniforme.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o castanho avermelhado (2.5YR 4/4) e o negro (2.5YR 2.5/1).

Apresenta três caneluras abaixo do colo.

Peça 129 – Panela (Anexo II, Figura 30)

Peça representada por cinco fragmentos de bordo, dois fragmentos de bojo e asa, identificada na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O corpo da peça é globular, possui um colo curto, o bordo é redondo e está orientado para o exterior. Apresenta uma asa de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente redutor, observando-se algumas manchas de cor mais clara, resultado não existir uma distribuição homogênea do oxigênio no forno durante a sua cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam entre o castanho avermelhado (2.5YR 4/4) e o negro (2.5YR 2.5/1).

Apresenta uma linha incisa no bojo.

Peça 130 – Pote (Anexo II, Figura 30)

Peça representada por dois fragmentos de bordo, três fragmentos de bojo e dois fragmentos de base, identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O corpo da peça é globular, a base é ligeiramente côncava, possui um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente redutor, verificando-se algumas manchas mais claras nas superfícies da peça resultado da deficiente distribuição de oxigênio no forno durante a cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o negro (2.5YR 2.5/1) e o castanho avermelhado (2.5YR 5/4).

Apresenta quatro caneluras abaixo do colo.

Peça 131 – Panela (Anexo II, Figura 31)

Peça representada por quatro fragmentos de bordo, vinte e dois fragmentos de bojo, cinco fragmentos de base e fragmento de asa, identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O corpo da peça é globular, a base é plana e a asa de fita, possui um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente redutor, observando-se algumas manchas mais claras nas superfícies, efeito provocado pela distribuição pouco homogênea do oxigênio no forno durante a sua cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o negro (2.5YR 2.5/1) e o castanho claro (2.5YR 5/2).

Apresenta três caneluras abaixo do colo e marcas de fogo na base.

Peça 132 – Pote/Panela

Peça representada por dois fragmentos de bordo identificados na unidade [35007], na estrutura negativa XXI, da área 5.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Peça 133 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo e bojo identificados na unidade [35007], na estrutura negativa XXI, da área 5.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Tem um fabrico indeterminado e foi cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (7.5YR 4/1) e as superfícies de cor castanha (7.5YR 4/6).

Peça 134 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [35007], na estrutura negativa XXI, da área 5.

O bordo tem morfologia indeterminada e está orientado para o exterior.

Tem um fabrico indeterminado e foi cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor vermelha (2.5YR 4/8).

Peça 135 – Pote/Panela

Peça representada por dois fragmentos de bordo identificados na unidade [35007], na estrutura negativa XXI, da área 5.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (2.5YR 4/6) e as superfícies de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Peça 136 – Pote/Panela

Peça representada por dois fragmentos de bordo e dez de bojo, identificados na unidade [35007], na estrutura negativa XXI, da área 5.

Apresenta um colo curto, o bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor vermelha (10R 4/6).

Apresenta três caneluras abaixo do colo.

Peça 137 – Garrafa (Anexo II, Figura 31)

Peça representada por quatro fragmentos de bordo e cinco de bojo, identificados na unidade [35007], na estrutura negativa XXI, da área 5.

O gargalo é estreito e o bordo é espessado externamente e está orientado para o exterior. Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta bem depurada de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração baixa de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente micas.

As fracturas e superfícies são de cor creme (2.5Y 8/2).

Peça 138 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [35007], na estrutura negativa XXI, da área 5.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente redutor, apresentando algumas manchas mais claras resultado da deficiente distribuição de oxigénio no forno durante a cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o avermelhado (5YR 4/6) e o negro (5YR 3/1).

Peça 139 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificados na unidade [35007], na estrutura negativa XXI, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o negro (5YR 3/1) e o castanho escuro (5YR 3/3).

Peça 140 – Pote/Panela

Peça representada por dois fragmentos de bordo e oito de bojo, identificados na unidade [35007], na estrutura negativa XXI, da área 5.

Apresenta um colo curto, o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 4 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor negra (2.5YR 2.5/1) e as superfícies de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Apresenta quatro caneluras abaixo do colo.

Peça 141 – Alguidar (Anexo II, Figura 31)

Fragmento de bordo identificado na unidade [35007], na estrutura negativa XXI, da área 5.

O corpo é troncocónico invertido, o bordo é duplamente espessado e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor negra (2.5YR 3/1) e as superfícies de cor castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Peça 142 – Alguidar (Anexo II, Figura 32)

Fragmento de bordo identificado na unidade [35007], na estrutura negativa XXI, da área 5.

O bordo é duplamente espessado e está orientado para o exterior, apresenta uma carena suave.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração elevada de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente quartzos e feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor castanho avermelhado (5YR 5/4).

Peça 143 – Pote/Panela

Fragmento de bordo e dois fragmentos de bojo identificados na unidade [35007], na estrutura negativa XXI, da área 5.

Apresenta um colo curto e o bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente quartzos e feldspatos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (5YR 3/1) e as superfícies de cor castanho avermelhado (5YR 4/3).

Apresenta três caneluras abaixo do colo.

Peça 144 – Alguidar (Anexo II, Figura 32)

Fragmento de bordo identificado na unidade [35007], na estrutura negativa XXI, da área 5.

Tem corpo troncocónico invertido, o bordo é duplamente espessado e tem orientação direita. Apresenta uma carena alta suave.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor vermelho escuro (2.5YR 4/4).

Apresenta digitações na carena.

Peça 145 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [35007], na estrutura negativa XXI, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor negra (5YR 2.5/1).

Peça 146 – Panela (Anexo II, Figura 32)

Peça representada por fragmento de bordo, cinco fragmentos de bojo e dois fragmentos de base, identificados na unidade [35007], na estrutura negativa XXI, da área 5.

O corpo da peça é globular, o bordo é redondo e está orientado para o exterior, apresenta um colo longo e a base é plana.

Foi fabricada a torno lento e cozido em ambiente tendencialmente redutor, observando-se algumas manchas mais claras nas superfícies da peça, resultado da distribuição pouco homogênea de oxigênio no forno durante a sua cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 4 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o castanho avermelhado (5YR 4/4) e o negro (5YR 2.5/1).

Apresenta uma linha horizontal incisa no colo, duas caneluras no bojo e marcas de fogo nas superfícies.

Peça 147 – Talha (Anexo II, Figura 33)

Peça representada por três fragmentos de bordo, quatro fragmentos de bojo, dois de base e asa identificados na unidade [35028], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

Tem corpo globular, o bordo é espessado externamente e tem orientação direita, a asa é de fita e a base plana.

Foi fabricada manual com a ajuda do torno e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com concentração elevada de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 5 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (2.5YR 3/1) e as superfícies de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Apresenta cinco caneluras abaixo do colo.

Peça 148 – Pote

Peça representada por fragmento de bordo com arranque de asa, quarenta e cinco fragmentos de bojo, cinco fragmentos de base e dois fragmentos de asa, identificados na unidade [35028], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior, a base é plana e a asa é de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos, quartzos e calcários.

As fracturas são de cor cinzento escuro (2.5YR 3/1) e as superfícies são de cor castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Apresenta quatro caneluras abaixo do colo.

Peça 149 – Panela (Anexo II, Figura 34)

Peça representada por dois fragmentos de bordo com asa completa, dois fragmentos de bojo e três fragmentos de base identificados na unidade [35028], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

A peça tem corpo globular, o bordo é direito e está orientado para o exterior, tem um colo curto, a base é plana e a asa é de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante, observando-se na superfície externa um tom mais escuro e na superfície interna um tom mais claro.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 4 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e as superfícies têm cores que oscilam entre o negro (2.5YR 2.5/1) e o castanho avermelhado (2.5YR4/3).

Apresenta três linhas horizontais incisas no colo e no bojo, e marcas de fogo na base e nas paredes.

Peça 150 – Pote (Anexo II, Figura 34)

Peça representada por três fragmentos de bordo, três fragmentos de bojo com ataque de asa e fragmento de base identificados na unidade [35028], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

Apresenta um colo curto, o bordo é redondo e está orientado para o exterior, a base é plana, apresentava uma asa de fita que partia da boca e terminava no bojo.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência média, de textura granular, com uma concentração elevada de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 9 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (5YR 3/1) e as superfícies de cor alaranjada (5YR 4/6).

Peça 151 – Pote (Anexo II, Figura 35)

Peça representada por três fragmentos de bordo, dezassete fragmentos de bordo e arranque de asa, e um fragmento de base identificados na unidade [35028], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

Apresenta um colo curto, o bordo é redondo e está orientado para o exterior, a base é plana e a asa de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração elevada de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 7 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas têm cor cinzento escuro (5YR 4/1) e as superfícies são de cor avermelhada (5YR 5/4).

Apresenta quatro caneluras abaixo do colo.

Peça 152 – Pote/Panela

Fragmento de bordo com asa identificado na unidade [35028], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior, a asa é de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor negra (5YR 2.5/1).

Peça 153 – Talha

Peça representada por fragmento de bordo, bojo, base e asa, identificados na unidade [35028], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

O bordo é espessado externamente e está orientado para o exterior, a base é plana e a asa é de fita.

Foi fabricada manualmente e a torno lento? e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração elevada de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (2.5YR 4/1) e as fracturas são de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Peça 154 – Talha

Fragmento de bordo e bojo identificados na unidade [35028], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

O bordo é espessado externamente e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento? e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 4 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (2.5YR 4/1) e as fracturas são de cor castanho avermelhado (2.5YR 4/6).

Apresenta uma canelura no colo.

Peça 155 – Pote/Panela (Anexo II, Figura 35)

Peça representada por dois fragmentos de bordo e um de bojo, identificados na unidade [35028], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

Apresenta um colo alto, o bordo é redondo e está orientado para o exterior, o bocal é polilobulado.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Apresenta uma linha horizontal incisa no colo e três caneluras no bojo.

Peça 156 – Panela (Anexo II, Figura 36)

Peça representada por fragmento com perfil completo identificado na unidade [35028], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

O corpo é globular, o bordo é redondo e está orientado para o exterior, e a base é plana.

Foi fabricada manualmente e cozida em ambiente tendencialmente redutor observando-se uma mancha mais clara na superfície interna da peça, resultado da deficiente distribuição de oxigênio no interior do forno durante a cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 5 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies têm cores que variam entre o negro (2.5YR 2.5/1) e o vermelho escuro (2.5YR 3/6).

Apresenta uma linha oblíqua incisa no bojo e marcas de fogo na base.

Peça 157 – Pote/Panela

Fragmento de bordo e bojo identificados na unidade [35028], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 6 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor negra (5YR 2.5/1).

Apresenta uma linha incisa abaixo do colo.

Peça 158 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [35028], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o negro (5YR 2.5/1) e o cinzento (5YR 5/1).

Peça 159 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo com asa identificado na unidade [35024], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior, a asa é de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzenta (2.5YR 4/1) e as superfícies são de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Peça 160 – Pote/Panela

Peça representada por dois fragmentos de bordo identificados na unidade [35024], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

Apresenta um colo curto e o bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 6 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (5YR 3/1) e as superfícies de cor castanho avermelhado (5YR 4/4).

Apresenta uma canelura no colo.

Peça 161 – Pote/Panela (Anexo II, Figura 36)

Fragmento de bordo com asa completa identificado na unidade [35024], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

Apresenta um colo curto e o bordo é de morfologia indeterminada e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 m e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzenta (2.5YR 4/1) e as superfícies de cor castanho avermelhado (2.5YR 5/4).

Apresenta três caneluras no colo e no bojo.

Peça 162 – Pote/Panela (Anexo II, Figura 37)

Peça representada por dois fragmentos de bordo identificados na unidade [35024], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

Apresenta um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor negra (5YR 2.5/1).

Apresenta duas caneluras abaixo do colo.

Peça 163 – Panela (Anexo II, Figura 37)

Peça representada por cinco fragmentos de bordo com asa completa, nove fragmentos de bojo e dois fragmentos de base identificados na unidade [35030], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

O corpo da peça é globular, o bordo é redondo e está orientado para o exterior, apresenta um colo curto, a base é plana e a asa é de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 8 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies têm cores que variam entre o negro (5YR 2.5/1) e o castanho escuro (5YR 3/2).

Apresenta três linhas horizontais incisas no colo e no bojo, e marcas de fogo nas superfícies externas.

Peça 164 – Pote/Panela (Anexo II, Figura 38)

Peça representada por quatro fragmentos de bordo e seis fragmentos de bojo com ataque de asa, identificados na unidade [35030], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

O bordo é direito e está orientado para o exterior, apresenta um colo curto e uma ligeira carena no ombro.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Peça 165 – Alguidar (Anexo II, Figura 38)

Peça representada por dois fragmentos de bordo identificados na unidade [35030], na estrutura negativa XXXIV, da área 5.

Tem corpo troncocónico invertido, o bordo é espessado internamente e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas são de cor negra (5YR 2.5/1) e as superfícies são de cor castanho avermelhado escuro (5YR 3/3).

Peça 166 – Talha/*Dolivm*

Fragmento de bordo identificado na unidade [35025], na estrutura negativa XXXV, da área 5.

O bordo é duplamente espessado e está orientado para o interior.

Foi fabricada manualmente e a torno e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor vermelho escuro (2.5YR 3/6).

Peça 167 – Alguidar (Anexo II, Figura 38)

Fragmento de bordo, bojo e base identificado na unidade [35025], na estrutura negativa XXXV, da área 5.

Tem corpo cilíndrico, o bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada com técnica mista (manualmente com ajuda do torno) e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 20 mm, sendo observáveis macroscopicamente quartzos e feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Peça 168 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [35027], na estrutura negativa XXXVII, da área 5.

O bordo é redondo e tem orientação direita.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta depurada de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente calcários.

As fracturas são de cor alaranjada (5YR 6/6) e as superfícies de cor laranja (2.5YR 6/8).

Peça 169 – Alguidar (Anexo II, Figura 39)

Fragmento de bordo identificado na unidade [35027], na estrutura negativa XXXVII, da área 5.

O bordo é espessado internamente e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (5YR 3/1) e as superfícies de cor castanho avermelhado (5YR 4/3).

Peça 170 – Alguidar (Anexo II, Figura 39)

Fragmento de bordo identificado na unidade [35027], na estrutura negativa XXXVII, da área 5.

Tem corpo troncocónico, o bordo é duplamente espessado e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 8 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (2.5YR 4/1) e as superfícies de cor castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Apresenta um cordão digitado no bojo.

Peça 171 – Alguidar (Anexo II, Figura 39)

Fragmento de bordo identificado na unidade [35029], na estrutura negativa XXXVII, da área 5.

O corpo é troncocónico, o bordo é espessado internamente e está orientado para o exterior. Apresenta uma carena alta suave.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (2.5YR 3/1) e as superfícies de cor castanho avermelhado (2.5YR 4/3).

Apresenta uma linha incisa no bordo.

Peça 172 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [35006], na estrutura negativa XXIII, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (2.5YR 3/1) e as superfícies de cor castanho avermelhado (2.5YR 4/3).

Apresenta uma linha incisa no bojo.

Peça 173 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [35006], na estrutura negativa XXIII, da área 5.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor negra (5YR 2.5/1).

Peça 174 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [35008], na estrutura negativa XXIII, da área 5.

O bordo é redondo e tem orientação direita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cor negra (5YR 2.5/1).

Peça 175 – Talha/*Doliva*

Peça representada por dois fragmentos de bordo e oito de bojo identificados na unidade [35010], na estrutura negativa XXX, da área 4.

O bordo tem espessamento duplo e está orientado para o interior.

Foi fabricada manualmente e a torno e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração elevada de ENP que varia entre ≤ 1 e os 5 mm, sendo observáveis macroscopicamente quartzos e feldspatos.

As fracturas são de cor castanho escuro (5YR 3/2) e as superfícies de cor alaranjada (5YR 4/6).

Apresenta impressões no bojo formando uma espécie de cordões.

Peça 176 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [35011], na estrutura negativa XXXI, da área 5.

O bordo é direito e tem orientação direita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (2.5YR 3/1) e as superfícies são de cor vermelho escuro (2.5YR 3/6).

Peça 177 – Pote/Panela (Anexo II, Figura 39)

Peça representada por dois fragmentos de bordo e dois fragmentos de bojo, identificados na unidade [35009], no preenchimento das estruturas negativas XXX e XXXI, da área 5.

Apresenta um colo curto, o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor oxidante, observando-se uma mancha mais escura na superfície externa num dos fragmentos, provocada pelo fogo após a sua deposição.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 4 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (2.5YR 3/1) e as superfícies têm cor vermelha (2.5YR 5/6).

Peça 178 – Prato (Anexo II, Figura 40)

Peça representada por um fragmento de bordo e base com perfil completo, identificado na unidade [35014], na estrutura negativa XXVI, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior, a base é plana.

Foi fabricada manualmente e cozida em ambiente oxidante-redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração elevada de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e calcários.

As fracturas têm cores que variam entre o cinzento escuro (2.5YR 3/1) e o vermelho escuro (2.5YR 3/6) e as superfícies são de cor cinzenta (2.5YR 4/1).

Peça 179 – Pote/Panela

Fragmento de bordo com asa identificado na unidade [35014], na estrutura negativa XXVI, da área 5.

O bordo tem morfologia indeterminada e está orientado para o exterior, a asa é de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Peça 180 – Pote/Panela

Fragmento de bordo com asa identificado na unidade [35018], na estrutura negativa XXVIII, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (2.5YR 4/1) e as superfícies de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Peça 181 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [35018], na estrutura negativa XXVIII, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Peça 182 – Cântaro? (Anexo II, Figura 40)

Peça representada por dois fragmentos de bordo identificados na unidade [35018], na estrutura negativa XXVIII, da área 5.

O bordo é espessado externamente e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Peça 183 – Jarro (Anexo II, Figura 40)

Peça representada por dois fragmentos de bordo com asa, e um fragmento de bojo identificados na unidade [35017], na estrutura negativa XXVIII, da área 5.

Apresenta um colo curto, o bordo é biselado internamente e está orientado para o exterior, a asa é de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 5 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e as superfícies são de cor castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Apresenta duas caneluras abaixo do bordo.

Peça 184 – Cântaro? (Anexo II, Figura 40)

Peça representada por dois fragmentos de bordo, dois fragmentos de bojo e asa, identificados na unidade [35017], na estrutura negativa XXVIII, da área 5.

Apresenta um colo curto, o bordo é espessado externamente e está orientado para o exterior, a asa é de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 6 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor castanha (7.5YR 4/2) e as superfícies de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Apresenta uma canelura no bojo

Peça 185 – Pote/Panela

Fragmento de bordo Fragmento de bordo identificado na unidade [35017], na estrutura negativa XXVIII, da área 5.

Apresenta um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas têm cor cinzento escuro (2.5YR 3/1) e as superfícies castanho avermelhado (2.5YR 4/3).

Peça 186 – Pote/Panela

Fragmento de bordo com arranque de asa identificado na unidade [35017], na estrutura negativa XXVIII, da área 5.

O bordo tem morfologia indeterminada e está orientado para o exterior, a asa é de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor negra (5YR 2.5/1).

Peça 187 – Prato (Anexo II, Figura 41)

Fragmento de bordo identificado na unidade [35017], na estrutura negativa XXVIII, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada manualmente e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 4 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas têm cor cinzento escuro (2.5YR 3/1) e as superfícies de cor castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Peça 188 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [35017], na estrutura negativa XXVIII, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente oxidante, denotando-se uma mancha mais escura no bordo, resultado da deficiente distribuição de oxigénio no forno durante a sua cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o castanho escuro (2.5YR 2.5/2) e o castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Peça 189 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [35017], na estrutura negativa XXVIII, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o cinzento escuro (2.5YR 3/1) e o castanho avermelhado (2.5YR 4/3).

Peça 190 – Pote/Panela (Anexo II, Figura 41)

Peça representada por dois fragmentos de bordo e cinco fragmentos de bojo identificados na unidade [35017], na estrutura negativa XXVIII, da área 5.

Apresenta um colo curto e o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o cinzento (2.5YR 4/1) e o castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Apresenta duas linhas horizontais incisas abaixo do colo.

Peça 191 – Pote/Panela

Peça representada por dois fragmentos de bordo identificados na unidade [35017], na estrutura negativa XXVIII, da área 5.

Apresenta um colo curto e o bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente tendencialmente oxidante, observando-se algumas manchas mais escuras nas superfícies resultado da distribuição pouco homogênea do oxigênio no forno durante a cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o castanho avermelhado (2.5YR 4/4) e o castanho escuro (2.5YR 2.5/2).

Apresenta duas linhas horizontais incisas no colo.

Peça 192 – Alguidar (Anexo II, Figura 41)

Fragmento de bordo identificado na unidade [35015], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo é duplamente espessado e está orientado para o exterior. Apresenta uma carena.

Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e micas.

As fracturas são de cor cinzenta (2.5YR 3/1) e as superfícies de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Peça 193 – Forma indeterminada

Fragmentos de bordo e bojo identificados na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o cinzento escuro (5YR 3/1) e o castanho avermelhado (2.5YR 4/3).

Peça 194 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo é redondo e tem orientação direita.

Tem fabrico indeterminado e foi cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cor vermelho escuro (2.5YR 3/6).

Peça 195 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Tem fabrico indeterminado e foi cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o cor castanho escuro avermelhado (2.5YR 3/4) e o castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Peça 196 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Tem fabrico indeterminado e foi cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor cinzento escuro (5YR 3/1).

Peça 197 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Tem fabrico indeterminado e foi cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o cinzento escuro (2.5YR 3/1) e o castanho (5YR 4/4).

Peça 198 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies são de cor negra (5YR 2.5/1).

Peça 199 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Tem fabrico indeterminado e foi cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor negra (5YR 2.5/1).

Peça 200 – Pote/Panela

Peça representada por dois fragmentos de bordo identificados na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies têm cor castanho escuro (5YR 2.5/2).

Peça 201 – Alguidar (Anexo II, Figura 41)

Peça representada por três fragmentos de bordo identificados na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

Tem corpo semi-esférico, o bordo é espessado duplamente e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 4 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o cinzento escuro (2.5YR 3/1) e o vermelho (2.5YR 4/6).

Peça 202 – Caçoila (Anexo II, Figura 42)

Fragmento de bordo identificado na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo é direito e está orientado para o interior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 4 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas têm cor cinzenta (2.5YR 4/1) e as superfícies têm cor castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Peça 203 – Pote/Panela (Anexo II, Figura 42)

Peça representada por dois fragmento de bordo e quinze fragmentos de bojo identificados na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

Apresenta um colo curto, o bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor negra (2.5YR 2.5/1) e as superfícies de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Apresenta duas linhas horizontais incisadas abaixo do bordo e três caneluras no bojo.

Peça 204 – Pote/Panela

Peça representada por dois fragmentos de bordo e fragmento de bojo identificados na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (2.5YR 3/1) e as fracturas têm cores que oscilam entre o vermelho escuro (2.5YR 3/6) e o castanho avermelhado escuro (2.5YR 3/3).

Peça 205 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificados na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozido em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 3 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Peça 206 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificados na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor negra (5YR 2.5/1).

Peça 207 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificados na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo é redondo e tem orientação direita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor vermelho escuro (2.5YR 3/6).

Peça 208 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo é redondo e tem orientação direita.

Tem fabrico indeterminado e foi cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Peça 209 – Forma indeterminada

Fragmento de bordo identificado na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo é direito e têm orientação direita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor vermelha (2.5YR 4/6).

Peça 210 – Pote/Panela

Peça representada por dois fragmentos de bordo identificados na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies são de cor negra (5YR 2.5/1).

Peça 211 – Alguizar (Anexo II, Figura 42)

Peça representada por três fragmentos de bordo identificados na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O corpo é troncocónico invertido, o bordo é espessado externamente e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As fracturas são de cor cinzenta (2.5YR 4/1) e as superfícies têm cor castanho escuro avermelhado (2.5YR 4/3).

Apresenta queimaduras na superfície interna e no bordo.

Peça 212 – Pote/Panela

Peça representada por fragmento de bordo e fragmento de bojo identificados na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

Apresenta um colo curto, o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o cinzento escuro (2.5YR 3/1) e o vermelho (2.5YR 4/6).

Apresenta duas caneluras abaixo do bordo e marcas de fogo na superfície externa.

Peça 213 – Pote/Panela

Fragmento de bordo com asa identificado na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo tem morfologia indeterminada e está orientado para o exterior, a asa é de fita.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas são de cor cinzenta (2.5YR 4/1) e as superfícies são da cor castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Peça 214 – Pote/Panela (Anexo II, Figura 43)

Peça representada por três fragmentos de bordo e sete fragmentos de bojo identificados na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

Apresenta um colo curto, o bordo é ligeiramente espessado no exterior e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 6 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas são de cor cinzento escuro (2.5YR 3/1) e as superfícies têm cor castanho avermelhado (2.5YR 4/3).

Apresenta uma linha horizontal incisa no colo.

Peça 215 – Pote/Panela

Peça representada por quatro fragmentos de bordo e fragmento de bojo identificados na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

Apresenta um colo curto, o bordo é direito e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor tendencialmente redutor, embora se observe algumas manchas mais claras nas superfícies devido á deficiente distribuição de oxigénio durante a sua cozedura.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que oscilam entre o negro (2.5YR 2.5/1) e o vermelho escuro (2.5YR 3/6).

Peça 216 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

Apresenta um colo curto, o bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas têm cor cinzento escuro (2.5YR 3/1) e as superfícies de cor castanho avermelhado (2.5YR 4/4).

Peça 217 – Pote/Panela

Fragmento de bordo identificado na unidade [35005], na estrutura negativa XX, da área 5.

O bordo é redondo e está orientado para o exterior.

Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente redutor.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As fracturas e superfícies têm cores que varia entre o cinzento escuro (2.5YR 3/1) e o castanho escuro (2.5YR 3/2).

Peça 218 – Prato (Anexo II, Figura 43)

Fragmento de bordo identificado na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O bordo é redondo e tem orientação direita.

Foi fabricada manualmente e cozida em ambiente redutor-oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura xistosa, com uma concentração média de ENP que varia entre ≤ 1 mm e os 2 mm, sendo observáveis macroscopicamente feldspatos e quartzos.

As superfícies têm cores que variam entre o vermelho (2.5YR 5/6) e o vermelho escuro (2.5YR 4/6) e as fracturas são de cor cinzento escuro (7.5YR 3/1).

Apresenta no seu interior marcas efectuadas por pequenos paus ainda com a pasta fresca, provavelmente na preparação para a sua cozedura.

Peça 219 – Alguidar (Anexo II, Figura 43)

Fragmentos de bordo identificados na unidade [34003], no preenchimento das estruturas negativas XVI e XVII, da área 4.

O corpo é troncocónico invertido, o bordo é espessado internamente e está orientado para o exterior.

Foi fabricado a torno lento e cozido em ambiente tendencialmente oxidante.

Tem uma pasta de consistência compacta, de textura granular, com uma concentração média de ENP de pequena dimensão (≤ 1 mm), sendo observáveis macroscopicamente feldspatos.

As superfícies e as fracturas têm cores que variam entre o castanho avermelhado (2.5YR 4/4) e o castanho-escuro avermelhado (2.5YR 3/3).

Quadro IV.5 – Atributos numéricos das peças inventariadas com o NMR (medidas apresentadas em mm)

Peça	D	dm	d	db	H	h	E	e
1	-	-	140	-	-	-	17,5	22,0
2	360	-	360	-	-	-	18,9	24,7
3	-	-	390	-	-	-	30,5	42,8
4	260	-	260	-	-	-	6,7	6,1
5	258	-	258	-	-	-	16,8	19,9
6	-	-	130	-	-	-	6,5	6,1
7	-	-	145	-	-	-	6,2	6,3
8	117	90	102	90	157	21,4	6,1	4,9
9	-	94	120	-	-	29,6	7,8	5,5
10	-	114	146	-	-	24,2	8,0	6,4
11	-	90	-	-	-	27,6	7,3	6,5
12	-	-	54	-	-	-	7,2	5,9
13	158	94	114	-	-	28,4	8,1	5,3
14	146	-	144	104	126	-	7,0	6,3
15	-	-	108	-	-	-	6,1	6,2
16	-	-	-	-	-	21,4	7,1	4,9
17	-	-	-	-	-	32,9	9,2	7,4
18	-	78	92	-	-	20,7	7,7	6,6
19	-	-	-	-	-	-	6,7	6,1
20	-	-	174	-	-	-	8,1	7,7
21	-	-	-	-	-	-	6,5	6,8
22	-	-	-	-	-	-	7,4	8,4
23	-	-	-	-	-	-	8,4	7,1
24	-	-	-	-	-	-	6,7	5,4
25	-	-	-	-	-	-	8,9	7,6
26	-	-	-	-	-	-	5,1	4,8
27	-	-	-	-	-	-	7,1	6,8
28	-	-	134	-	-	-	6,7	6,5
29	220	81	92	100	340	86,3	5,9	5,7
30	-	-	-	-	-	-	6,0	6,9
31	-	-	-	-	-	-	9,1	9,4
32	-	-	-	-	-	-	7,4	6,6
33	-	-	-	-	-	-	7,6	6,2
34	-	-	-	-	-	-	5,8	5,5
35	-	-	-	-	-	-	7,1	10,2
36	-	-	-	-	-	-	6,6	6,5
37	-	-	-	-	-	-	6,0	6,8
38	-	-	-	-	-	-	5,8	6,3
39	-	-	-	-	-	-	6,0	5,5
40	-	-	-	-	-	-	6,7	5,8
41	-	-	-	-	-	-	4,7	5,7
42	-	-	-	-	-	-	5,9	6,3
43	-	-	-	-	-	-	5,3	5,4
44	-	-	116	170	-	-	11,8	8,8
45	-	-	-	-	74	-	31,0	22,5
46	-	-	-	-	-	28,7	10,8	8,0
47	-	-	-	-	-	-	9,7	8,6
48	-	-	-	-	-	-	8,5	9,7
49	-	-	298	280	-	-	27,0	44,8
50	-	-	290	-	-	-	26,3	37,7
51	-	-	-	-	-	-	20,4	48,4
52	-	-	324	-	-	-	23,5	40,6
53	317	-	317	-	-	-	6,8	8,0
54	-	-	-	-	56,3	-	22,4	14,2
55	192	-	80	100	-	-	6,2	8,4
56	-	-	-	-	-	-	7,5	6,1
57	-	-	20	-	-	-	5,2	6,6
58	-	104	124	-	-	20,8	5,6	8,2
59	-	-	80	-	-	-	4,8	6,5
60	-	-	76	-	-	-	4,4	6,2
61	-	-	160	110	-	-	7,2	6,3
62	-	-	-	-	-	-	6,0	8,0
63	-	-	108	-	-	-	7,6	6,6
64	-	-	59	-	-	-	6,9	5,0
65	480	-	480	-	-	13,1	16,8	19,7
66	-	-	-	-	-	-	6,8	7,4
67	-	-	-	-	-	-	10,5	6,1
68	-	-	-	-	-	30,7	8,3	5,9
69	-	-	-	-	-	-	8,5	7,7
70	-	-	90	-	-	24,8	5,6	5,4

Quadro IV.5 – Atributos numéricos das peças inventariadas com o NMR (medidas apresentadas em mm) (continuação)

Peça	D	dm	d	db	H	h	E	e
71	-	-	-	104	-	-	8,1	6,4
72	104	-	104	-	-	-	8,4	5,9
73	-	-	-	-	64	-	16,7	17,7
74	-	-	-	-	-	-	7,1	10,7
75	-	-	-	184	-	-	11,0	7,1
76	-	94	116	-	-	24,9	7,8	5,1
77	-	-	-	-	-	30,0	7,7	8,1
78	-	-	-	-	-	-	7,1	6,2
79	-	-	-	-	-	-	7,6	5,7
80	-	-	110	-	-	-	7,1	7,2
81	-	-	-	-	-	-	7,2	7,3
82	-	-	-	-	-	-	8,8	8,3
83	-	-	-	-	-	-	5,6	5,9
84	-	-	-	-	-	-	13,0	7,6
85	-	-	-	-	-	-	13,2	24,2
86	-	-	-	-	-	-	6,6	9,2
87	-	-	124	-	-	-	7,9	6,8
88	-	-	-	-	-	-	9,6	7,2
89	-	-	156	-	-	-	6,5	8,3
90	413	-	413	-	-	-	14,9	23,7
91	-	-	126	-	-	-	5,8	7,6
92	-	-	-	-	-	-	11,1	10,9
93	162	-	184	-	-	31,2	8,3	6,9
94	78	-	90	-	-	22,8	5,2	6,0
95	-	-	91	-	-	-	6,6	5,3
96	-	-	-	-	-	-	20,9	25,7
97	-	-	-	-	-	-	9,6	8,7
98	-	-	138	-	-	-	5,6	5,8
99	-	-	-	-	-	-	6,7	5,3
100	-	-	98	-	-	-	9,6	17,5
101	-	-	112	-	-	-	9,0	6,5
102	-	-	-	-	-	25,9	10,7	5,4
103	-	-	-	-	-	-	6,0	5,0
104	-	-	142	-	-	-	5,4	6,4
105	-	-	-	-	-	-	6,4	5,6
106	-	-	180	-	-	-	7,5	6,6
107	-	-	-	-	-	-	8,3	6,4
108	-	-	104	-	-	-	5,7	6,1
109	-	-	-	-	-	-	6,6	7,0
110	-	-	-	-	-	-	6,4	6,5
111	406	-	406	-	-	-	11,4	16,7
112	-	-	157	139	-	29,7	11,6	7,3
113	-	-	-	-	-	-	16,3	23,3
114	-	-	-	-	-	-	12,8	11,2
115	-	-	-	-	-	-	6,6	6,1
116	-	-	136	-	-	-	7,1	7,9
117	-	-	-	-	-	-	6,6	7,2
118	-	-	-	-	-	-	11,4	6,2
119	-	-	-	-	-	-	6,7	6,7
120	-	-	116	-	-	-	6,5	6,6
121	-	-	-	-	42	-	18,9	17,1
122	-	116	144	95,8	-	33,4	9,0	7,4
123	-	-	-	130	-	-	10,3	7,8
124	-	-	-	-	70	-	30,7	28,3
125	-	-	-	-	-	-	20,3	18,1
126	-	-	120	-	-	-	5,4	6,2
127	-	-	-	-	-	-	7,1	5,9
128	-	93	102	-	-	25,5	7,5	4,3
129	162	95	107	-	-	31,5	10,4	6,5
130	200	127	145	133	213	31,4	11,8	5,5
131	177	114	132	110	215	26,4	8,5	5,7
132	-	-	-	-	-	-	6,0	6,8
133	-	-	-	-	-	-	7,2	7,4
134	-	-	-	-	-	-	7,7	7,6
135	-	-	118	-	-	-	5,8	7,6
136	-	100	122	-	-	30,7	9,3	7,2
137	-	-	19	-	-	-	4,4	8,7
138	-	-	-	-	-	-	7,0	5,9
139	-	-	-	-	-	-	7,2	5,5
140	-	98	128	-	-	29,1	9,7	6,1

Quadro IV.5 – Atributos numéricos das peças inventariadas com o NMR (medidas apresentadas em mm) (continuação)

Peça	D	dm	d	db	H	h	E	e
141	-	-	-	-	-	-	15,5	24,4
142	278	-	278	-	-	-	18,7	23,7
143	-	104	120	-	-	18,3	8,4	6,5
144	-	-	-	-	-	-	17,6	18,8
145	-	-	120	-	-	-	6,7	7,2
146	112	66	102	76	179	35,3	7,6	6,8
147	-	158	170	205	-	35,4	17,4	22,5
148	-	-	-	-	-	-	9,0	8,5
149	174	112	132	132	198	27,8	8,6	7,0
150	151	91	127	92	184	27,1	10,5	7,2
151	254	86	112	-	-	28,2	9,2	8,3
152	-	-	-	-	-	-	6,2	7,5
153	-	128	160	155	-	29,4	14,8	17,7
154	-	-	180	-	-	-	12,7	17,6
155	-	-	-	-	-	70,3	9,9	9,6
156	-	-	85	95	127	30,6	8,7	6,6
157	-	64	86	-	-	27,7	7,6	5,6
158	-	-	-	-	-	-	5,4	6,0
159	-	-	-	-	-	-	6,5	6,6
160	-	128	150	-	-	35,8	9,4	7,4
161	232	124	160	-	-	31,1	10,3	9,4
162	-	90	112	-	-	32,7	5,8	5,6
163	206	140	160	180	240	31,0	9,1	7,3
164	161	99	125	-	-	32,9	7,7	7,2
165	438	-	438	-	-	-	16,2	21,4
166	-	-	280	-	-	-	26,6	41,8
167	330	-	330	340	117	-	33,2	19,1
168	-	-	-	-	-	-	5,8	8,3
169	440	-	440	-	-	-	17,3	20,2
170	-	-	-	-	-	-	20,0	19,8
171	-	-	-	-	-	20,0	15,1	19,2
172	-	-	-	-	-	-	7,2	7,2
173	-	-	-	-	-	-	6,0	6,1
174	-	-	-	-	-	-	5,9	7,2
175	-	-	340	-	-	-	37,2	49,8
176	-	-	-	-	-	-	9,0	10,0
177	-	146	176	-	-	25,4	8,2	7,3
178	-	-	-	-	88	-	24,3	20,4
179	-	-	-	-	-	-	8,1	9,4
180	-	-	-	-	-	-	8,2	9,6
181	-	-	-	-	-	-	10,3	10,6
182	-	-	130	-	-	-	6,8	8,8
183	-	88	106	-	-	30,2	5,9	6,7
184	-	120	146	-	-	28,1	11,3	13,7
185	-	-	-	-	-	30,2	8,3	9,0
186	-	-	-	-	-	-	7,8	8,6
187	-	-	-	-	-	-	22,5	13,9
188	-	122	142	-	-	20,3	7,6	6,6
189	-	-	-	-	-	-	7,4	6,4
190	-	-	142	-	-	35,7	6,7	6,0
191	-	100	124	-	-	22,3	8,8	7,0
192	284	-	280	-	-	-	13,2	23,8
193	-	-	-	-	-	-	6,8	6,6
194	-	-	-	-	-	-	6,9	7,2
195	-	-	-	-	-	-	6,4	6,7
196	-	-	-	-	-	-	6,6	8,0
197	-	-	-	-	-	-	7,0	6,0
198	-	-	-	-	-	-	5,6	5,1
199	-	-	-	-	-	-	5,9	5,7
200	-	-	160	-	-	-	7,7	7,0
201	544	-	544	-	-	-	15,4	25,1
202	550	550	540	-	-	13,0	12,9	12,8
203	-	-	164	-	-	24,8	11,7	7,5
204	-	-	-	-	-	-	8,5	8,2
205	-	-	-	-	-	-	8,6	9,9
206	-	-	-	-	-	-	8,5	7,5
207	-	-	-	-	-	-	5,2	6,1
208	-	-	-	-	-	-	4,4	5,5
209	-	-	-	-	-	-	7,0	7,0
210	-	-	140	-	-	-	5,5	8,1

Quadro IV.5 – Atributos numéricos das peças inventariadas com o NMR (medidas apresentadas em mm) (continuação)

Peça	D	dm	d	db	H	h	E	e
211	360	-	360	-	-	-	13,3	22,5
212	-	-	-	-	-	28,5	6,5	5,2
209	-	-	-	-	-	-	7,0	7,0
210	-	-	140	-	-	-	5,5	8,1
211	360	-	360	-	-	-	13,3	22,5
212	-	-	-	-	-	28,5	6,5	5,2
213	-	-	-	-	-	-	10,0	9,4
214	-	148	174	-	-	27,6	9,6	8,1
215	-	110	144	-	-	34,7	7,8	7,9
216	-	-	-	-	-	23,4	6,8	5,4
217	-	-	-	-	-	-	5,5	6,2
218	-	-	-	-	-	-	31,0	19,8
219	424	-	422	-	-	-	15,2	18,6

4.2 - Metais

O conjunto dos metais recolhidos no Porto Torrão, apresentam no geral um aspecto deformado que não corresponde à sua forma original. As peças metálicas, sobretudo as de ferro, oferecem informação limitada devido à corrosão e oxidação acumulada na superfície, e que deforma e oculta o aspecto original das peças. O correcto seria, para ter uma maior certeza, efectuar a análise macroscópica dos materiais metálicos após a sua restauração. No entanto, a análise dos metais teve de ser efectuada antes de qualquer tratamento ou recuperação programada para estes objectos.

No geral, não foi possível esclarecer o tipo de peça e a funcionalidade de alguns exemplares, registando-se 6 peças com forma indeterminada subsistindo algumas dúvidas em determinados exemplares descritos no catálogo.

Contudo, destaca-se no grupo dos metais a peça 1 (Anexo II, Figura 44), identificada como faca, a peça 9 (Anexo II, Figura 45) uma das mais interessantes do catálogo e que corresponde a uma ponta de dardo, a 11 (Anexo II, Figura 45), uma pequena foice, a peça 18 (Anexo II, Figura 47) que poderá ter funcionado como braço de balança, e a peça 19 (Anexo II, Figura 46) provavelmente usada como uma cavilha.

Foram identificados ainda, alguns fragmentos de escória na área 5, associada certamente a uma produção de artefactos metálicos nas imediações. Requererá futuramente, uma análise mais pormenorizada destes vestígios, comparando com as ligas metálicas dos artefactos aqui apresentados, procurando identificar assim, a origem destas produções.

4.2.1 - Catálogo dos metais

Peça 1 – Faca (Anexo II, Figura 44)

Lâmina alongada de secção alongada com espigão de secção subrectangular destinado à fixação de um cabo. Comprimento total: 8,2 cm. Espessura média do corpo: 0,6 cm.

Peça 2 – Placa /Fragmento de lâmina de faca? (Anexo II, Figura 44)

Corpo com secção subrectangular. Comprimento médio: 3,4 cm, Espessura média do corpo: 0,3 cm.

Peça 3 – Cravo? (Anexo II, Figura 44)

Não apresenta cabeça. Corpo com secção circular. Espessura média do corpo: 0,9 cm. Comprimento: 5,9 cm.

Peça 4 – Cavilha/furador? (Anexo II, Figura 44)

Corpo com secção subcircular sem cabeça. Espessura média do corpo: 0,9 cm. Comprimento: 6,5 cm.

Peça 5 – Forma indeterminada (Anexo II, Figura 44)

Corpo de secção subcircular. Espessura média do corpo: 0,7 cm. Comprimento: 9,9 cm.

Peça 6 – Cinzel?/Furador? (Anexo II, Figura 44)

Cabeça ou corpo com secção subrectangular, e extremidade distal com secção ovalada. Espessura média do corpo: 0,5 cm. Comprimento: 4,5 cm.

Peça 7 – Forma indeterminada (Anexo II, Figura 45)

Corpo de secção em ângulo, e extremidade distal com secção ovalada. Espessura média do corpo: 0,4 cm.

Peça 8 – Forma indeterminada (Anexo II, Figura 45)

Corpo com secção indefinida. Espessura média do corpo: 0,7 cm. Comprimento: 5,9 cm.

Peça 9 – Ponta de dardo (Anexo II, Figura 45)

Corpo alongado com secção subrectangular e alvado de secção circular. Espessura média do corpo: 0,8 cm. Comprimento médio total: 12,6 cm

Peça 10 – Espeto? (Anexo II, Figura 45)

Não apresenta cabeça. Corpo alongado de secção circular. Espessura média do corpo: 0,6 cm. Comprimento: 11,2 cm.

Peça 11 – Foice (Anexo II, Figura 45)

Lâmina curva e alongada de secção subrectangular. Cabo com secção subrectangular. Espessura média da lâmina: 0,1 cm. Espessura média do cabo: 0,2 cm. Comprimento médio: 9,2 cm.

Peça 12 – Vara? (Anexo II, Figura 46)

Corpo alongado de secção circular. Espessura média do corpo: 0,6 cm. Comprimento: 12,2 cm.

Peça 13 – Cravo (Anexo II, Figura 46)

Corpo com secção subquadrangular e sem cabeça. Espessura média do corpo: 0,9 cm. Comprimento: 5,4 cm.

Peça 14 – Cavilha furador? (Anexo II, Figura 46)

Não apresenta cabeça. Corpo com secção subcircular. Espessura média do corpo: 0,4 cm. Comprimento: 7,5 cm.

Peça 15 – Anilha? (Anexo II, Figura 46)

Corpo subcircular com secção ovalada. Espessura média: 0,7 cm. Diâmetro: 2,1 cm?

Peça 16 – Forma indeterminada (Anexo II, Figura 46)

Corpo com secção subcircular. Espessura média: 0,6 cm. Comprimento: 5,5 cm.

Peça 17 – Vara? (Anexo II, Figura 46)

Corpo alongado de secção circular. Espessura média do corpo: 0,5 cm. Comprimento médio: 12,5 cm.

Peça 18 – Gancho (Anexo II, Figura 47)

Corpo com secção subrectangular. Comprimento médio total: 15,1 cm. Espessura média do corpo: 1,1 cm. Apresenta um pequeno orifício na extremidade distal da peça para encaixe, possivelmente associado a uma balança.

Peça 19 – Cavilha (Anexo II, Figura 46)

Cabeça subquadrangular, corpo com secção subrectangular. Comprimento total médio: 12,6 cm. Comprimento médio da cabeça: 1,8 cm. Espessura média do corpo: 0,8 cm. Espessura média da cabeça: 0,5 cm.

Peça 20 – Forma indeterminada (Anexo II, Figura 47)

Corpo com secção ovalada. Espessura média do corpo: 1,2 cm. Comprimento médio: 6,5 cm.

Peça 21 – Forma indeterminada (Anexo II, Figura 47)

Cabeça em secção Corpo com secção oval. Espessura média do corpo: 0,8. Comprimento médio: 6,7 cm.

Peça 22 – Cavilha? (Anexo II, Figura 47)

Cabeça com secção em ângulo e corpo com secção circular. Espessura média da cabeça: 0,4 cm. Espessura média do corpo: 0,4 cm. Comprimento médio: 12,3 cm.

Peça 23 – Cravo (Anexo II, Figura 47)

Cabeça com secção em ângulo e corpo com secção circular. Espessura média da cabeça: 0,3 cm. Espessura média do corpo: 0,8 cm. Comprimento médio total: 5,3 cm.

Peça 24 – Cavilha (Anexo II, Figura 47)

Cabeça e corpo com secção subquadrangular. Espessura média da cabeça: 0,8 cm. Espessura média do corpo: 0,5 cm. Comprimento médio total: 8,3 cm.

4.3 – Vidros

O vidro é o artefacto que tem escassa representatividade no conjunto dos materiais arqueológicos estudados. A integração na análise do espólio é meramente para indicar a sua ocorrência no sítio do Porto Torrão. As peças vítreas resumem-se a dois pequenos fragmentos que se poderão enquadrar cronologicamente em época romana ou pós romana. Um destes objectos corresponde a um fragmento de base cuja forma original não foi possível determinar (Anexo II, Figura 48). Encontra-se bastante degradado e observa-se que as superfícies estão bastante irisadas e a lascar a patine. O segundo exemplar, corresponde a um fragmento de parede de recipiente igualmente de forma indeterminada, translúcido, observando-se uma aguada ou pintura branca nas superfícies desta peça (Anexo II, Figura 49). Ambos apresentam pequenas bolhas de ar no seu interior. A reduzida dimensão destes fragmentos não permite retirar grandes ilações, enquadrando-se no pacote de materiais de época romana ou pós romana já analisados.

4.4 – Ecofactos

A fauna mamalógica está amplamente representada no Porto Torrão. Em menor número encontra-se a fauna malacológica com a identificação de algumas conchas de vieira *Pecten maximus*.

Parece ser evidente na área 4 a existência de uma grande quantidade de indivíduos jovens de diversas espécies, o que indica um abate significativo de animais muito jovens em relação a animais mais velhos. Dentro das várias espécies existentes, destacam-se sobretudo os ovicaprinos *Ovis caprinae* e os bois domésticos *Bos taurus*.

Na área 5, já não se verifica uma grande diferença no abate de indivíduos jovens e adultos, predominando as espécies já referidas.

Identificou-se ainda na área 4, um osso de ave, que infelizmente não foi possível atribuir a espécie a que pertence, não correspondendo a uma espécie de ave selvagem. Surge também nesta área, um maxilar de *Canis lupus* que pertencerá a lobo ou a cão

doméstico e um dente de *Sus scrofa*, que não se conseguiu distinguir entre espécie selvagem, o javali, e porco doméstico.

Por último, há que destacar que se observam-se várias marcas de corte em diversos ossos, resultado do descarte dos animais de abate, e algumas marcas de fogo em determinados ossos, que na sua maioria foram provocados após o seu despejo nas fossas. Este fenómeno está intimamente relacionado com a queima do lixo doméstico, de forma a não atrair animais indesejáveis.

Capítulo 5 – Inserção cultural e cronologia

O conjunto do espólio estudado, que corresponde à totalidade dos artefactos recolhidos nos contextos arqueológicos tardo-romanos e alto medievais identificados no Porto Torrão, é um conjunto artefactual restrito. E, não obstante o facto de se tratar de contextos secundários, o conjunto apresenta uma coerência que permite entender o fenómeno que lhe deu origem e correlacioná-lo com um contexto doméstico inquestionável.

A maioria do conjunto é constituída por cerâmica comum, que aparentemente está dominada por produções locais, as quais apresentam com pastas algo grosseiras, com abundantes ENP de feldspato típicos do aro diorítico de Beja. O uso de matérias-primas locais, neste caso da área de Beja, no fabrico da cerâmica resulta em peças que apresentam pastas normalmente tons de vermelho e castanho e com os característicos ENP feldspáticos. No que concerne à tipologia das peças, não se verifica uma grande variabilidade. Apesar das muitas peças recuperadas, as formas que apresentam são monótonas, o que, em parte, pode ser explicado pela variada função que cada forma poderia ter, substituindo outras formas menos versáteis, tais como garrafas ou copos. Por outro lado, a utilização de peças construídas com recurso a materiais perecíveis, principalmente para formas de uso mais individual e para formas mais abertas e de menor dimensão, ajuda a compreender a ausência de outras peças. Aliás, o uso massivo de peças em madeira e, eventualmente, em cortiça, utilitárias para comer, beber e armazenar é reconhecido para contextos onde os materiais perecíveis se conservam e é reconhecida para quase todos os contextos pós-romanos.

As panelas e os potes apresentam características formais bastante homogéneas. Os exemplares deste conjunto, são peças normalmente com bordos simples arredondados ou direitos e exvertidos, corpo globular de perfil em “S” de herança tardo romana, apresentando uma asa ou não, que parte do bordo ultrapassando-o ligeiramente em altura e que termina a meio do bojo. Em alguns casos apresenta uma boca trilobada, e apresentam maioritariamente decoração com caneluras ou pequenas incisões simples dispostas no colo e/ou no bojo.

Estas características são um elemento comum que se observa na generalidade dos estudos existentes sobre cerâmica medieval, originando uma análise focada nas especificidades formais e tipológicas, que permitem aferir um qualquer sincretismo cultural dessas populações.

Em relação aos aspectos morfológicos dos bordos dos potes e panelas, não se observam no conjunto estudado características diferenciais que permitam estabelecer uma diferenciação cronológica, o que é igualmente reconhecido por outros investigadores que têm abordado estas questões: *“hesitamos, contudo, ante uma definição evolutiva, muito embora nos pareça que, comece a existir uma prevalência de bordos simples e lábios menos engrossados a partir do período altomedieval, mas sem que se tornem exclusivos.”* (De Man, 2006, p.128-129). Não obstante esta afirmação, há outros autores que defendem que os potes ou panelas com bordos de perfil triangular aparecem nos finais do século IX em determinados contextos já islamizados (Pérez *et al*, 2003, p.396-397). Estes estão, todavia, de todo ausente no espólio do Porto Torrão, o que aparentemente poderia ser um indicador de que se está perante uma ocupação anterior à segunda metade do século IX.

No que diz respeito à decoração, a atribuição cronológica também não é fácil, já que as caneluras e/ou incisões simples, são a técnica utilizada em potes e púcaros desde a época romana e que continua a ser utilizada em contextos plenamente islamizados. Obviamente o que se observa no conjunto de cerâmica comum pós-romana do Porto Torrão é uma clara continuidade de formas e técnicas romanas e que, como é reconhecido em geral por todos os autores, perduram ainda durante séculos, pelo menos durante o período das monarquias sueva e visigoda, ou seja até ao século VIII, podendo ultrapassar essa cronologia em contextos menos islamizados.

Apesar da pouca variabilidade dos potes ou panelas estudadas, observa-se entre as mesmas um tipo que, aparentemente se constitui como um indicador cronológico para a área da Meseta espanhola. Trata-se da designada *olla con escotadura* (Cabalero Zoreda, e Sáez Lara, 1999, p. 234) e que tem funcionado como fóssil director do período emiral. Tendo aqui um dos primeiros indicadores mais precisos para o contexto cronológico do conjunto.

Neste contexto, parece-nos relevante lembrar a peça 164 (Anexo II, Figura 38) que apresenta características únicas relativamente ao conjunto dos potes e panelas. Trata-se um exemplar com bordo direito e exvertido, corpo globular com a presença de uma carena alta situada ao nível do ombro, e de uma asa que arranca do bordo até ao bojo. Esta peça tem como paralelo mais próximo um exemplar identificado em La Indiana, na região de Madrid (Vigil-Escalera, 1999, Figura 5.2), que apresenta igualmente uma asa, proveniente da última fase de ocupação (Fase IV) para a qual se

aponta uma cronologia para os finais do século VIII-IX. Regista-se igualmente em Conimbriga um pote com estas características de cronologia indeterminada (Alarcão, 1975, Lâmina LV – nº 949), embora, neste caso, não apresente asa. Contudo, a mesma peça, enquadra-se perfeitamente no grupo de potes com carena no ombro e pode ser efectivamente um paralelo português para a peça 164. Existem outros locais na península onde se identificaram este tipo de recipientes (Alba y Feijoo, 2001; Fuertes e Hidalgo, 2003 e Casal *et al*, 2005) e que estão datados do século VIII. Estas panelas carenadas aparecem a partir do século VIII, e, no caso de Mérida, vêm a suplantam em número as demais panelas a partir do século IX (Alba e Gutiérrez Lloret, 2008, p.586).

É também de destacar no conjunto da cerâmica comum, uma pequena panela (Anexo II, Figura 36 nº 156) decorada com uma linha oblíqua incisa, que encontra paralelos com um pequeno pote identificado na Várzea da Salamoia em Odemira (Vilhena e Grangé, 2007, p. 556, Fig.6 nº 5), e que é datada do século VIII/IX. Esta peça tem ainda correspondência com a forma T13.1 de Zambo na região de Alicante (Gutiérrez Lloret, 1996, p.104: Fig.35), ainda que o exemplar de Alicante apresente menor dimensão, e que se enquadra nos contextos do século IX. Corresponde ainda à forma B.2 de Mérida (Alba e Feijoo, 2003, p. 498: Fig.11) igualmente datada no século IX.

Evidencia-se ainda um pote de grande dimensão (Peça 1 - Anexo II, Figura 17) que parece ter paralelos num grande pote identificado no sítio de Cabeçana 4 no vale do Guadiana (Marques *et al*, 2012, p.443 Fig.3.2) e, que apresenta também características muito similares a potes de grandes dimensões identificados em Córdoba (Fuertes e Hidalgo, 2003). Todavia, a peça 1 apresenta uma asa que parte do bordo, e que parece corresponder a modelos mais antigos de ânforas levantinas do século VI, à semelhança do exemplar de Cabeçana 4 (Marques *et al*, 2012, p.443).

Para os potes/panelas com boca trilobada há paralelos nos exemplares de Zambo em Alicante (Gutiérrez, 1993, fig. 6, 1), igualmente datados do século IX.

Os restantes potes/panelas têm correspondência com exemplares identificados em diferentes locais de Portugal e Espanha, com cronologia entre o século VII e o IX. No contexto português, além dos locais supra mencionados, encontramos como paralelos mais próximos para este tipo de formas os exemplares identificados no Castelo Velho de Alcoutim (Catarino, 1997/98 e 1999, p.113-132), em Silves (Gomes e Gomes, 2003, p.23-47), na Serra de Monchique (Meulemeester, Grangé e Dewulf 2006,

p.261-280), na *villa* romana de Milreu em Estói (Teichner, 1994, p.89-100) na *villa* romana de Castanheira do Ribatejo (Batalha, 2009), no Alto da Queimada em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1999, p.517-526), na Quinta da Granja em Alcobça (Gonzalez, 2012) e no sítio de Barradas em Lagos (Silva e Silva, 2005, p.55-106), em particular na panela nº 86 da figura 15 do artigo onde é publicada.

Em Espanha destacam-se como principais referências para este conjunto os materiais reconhecidos no conjunto de aldeias e granjas da área de Madrid (Vigil-Escalera 1999, 2000 p.223-252, e 2003 p.371-387) que apresentam cronologia entre os séculos VI a IX. Estas formas são ainda reconhecidas em Mérida (Alba e Feijoo, 2001 p.328-375, e 2003 p.483-504 e Alba 2003 p.293-332) com datações entre os séculos VII e IX. Também na Andaluzia (Hidalgo, Alarcón, Fuertes, González e Moreno, 1996) surgem em contextos tardo antigos, registou-se potes com corpo globular, paredes grossas e bordos simples ou redondos, apresentando aqui, uma decoração incisa ainda pouco profunda. Para estes exemplares aponta-se uma cronologia balizada entre os séculos VII-VIII. Encontram-se amplos paralelos em outros locais não menos importantes tais como Tolmo de Minateda, em Albacete (Gutierrez Loret 1996; Gutiérrez Lloret, Gamo e Amorós, 2003 p.119-168), e em diversos sítios na região de Córdoba (Fuertes, 2000, Fuertes e Hidalgo, 2003, p.505-540, Fuertes e Virseda, 1994, p.277-301) e, nos níveis de transição do século VIII de Recópolis (Olmo Enciso, 2006, p.144-146; Olmo Enciso e Priego, 2008, p. 88- 96). Para finalizar há ainda a referir os paralelos com peças similares identificadas em sítios datados entre os séculos VIII e IX da região de Jaén. De destacar os sítios com ocupação emiral de Marroquies Bajos (Alvarado e Martínez, 2000, p.401-420), Bayyana (Castillo Galdeano e Martínez, 1993, p.67-116) e em Peñaflor e Miguelico (Castillo Armenteros e Cuenca, 2001).

Os grandes contentores de armazenamento encontram similaridades com outros exemplares identificados em diversos sítios peninsulares. Estas talhas ou *dolia* apresentam características com exemplares mais antigos de época romana. Neste grupo distingue-se as peças 147 (Anexo II, Figura 33), 153 e 154, pela diferente morfologia e orientação do bordo, observando-se um menor diâmetro da boca em relação às restantes, e o exemplar mais completo, a peça 147, apresenta duas asas opostas. Comparando com os exemplares de Zambo, para o século IX, e do Cabezo del Moro, para o século X (Gutiérrez Lloret, 1996, p.88 fig.23), encontramos algumas semelhanças formais, embora com diferente tipo de decoração e o corpo da peça 147 se apresente mais

globular. Ainda no contexto espanhol, encontramos também paralelos com um tipo de talha identificada em Jaén em contextos dos séculos VIII-X (Castillo Armenteros, 1998, p.70).

Em relação aos *dolia* de bordo duplamente espessado, são várias as referências a exemplares similares, mas aparecem em contextos cronologicamente amplos. O mais próximo geograficamente, e que se encontra publicado, foi identificado em Cabeçana 4 no vale do Guadiana, num contexto datado dos séculos VI e IX (Marques *et al*, 2012, p.443 fig.3.1). Também no Monte Roncanito 10 aparecem este tipo de recipientes, para os quais se avança uma cronologia dos séculos IX-X (Marques *et al*, 2012, p.444 fig.4.1), o que vem ampliar cronologicamente a utilização deste tipo de recipientes até uma fase mais tardia. Esta longa diacronia de utilização parece estar também atestada na *villa* romana de Castanheira do Ribatejo, onde peças com características semelhantes foram identificadas em contexto claramente romano (Batalha, 2009, p. 119) e da alta idade média (Batalha, 2009, p.130). De igual forma, na Quinta da Granja, em Alcobaça, se regista a presença de algumas peças com bordo duplamente espessado cuja cronologia proposta as coloca entre os séculos VII e IX (Gonzalez, 2012). Encontramos em Conimbriga, classificada como peça de cronologia indeterminada, este tipo de talhas ou *dolia* com uma incisão junto ao bordo (Alarcão, 1975, Lâmina LI- nº1070), aspecto que se observa nas peças 3, 49 e 52 do Porto Torrão. Um outro grande pote ou talha, que se diferencia dos demais por apresentar um bordo enrolado para o exterior, é característico de alguns recipientes identificados em Conimbriga em contextos do baixo império (Alarcão, 1975, Lâmina XXXV – nº 702 e 710). Todavia, também se observam peças destas em sítios com cronologias balizadas entre os séculos VII e VIII, situados na Serra de Monchique (Meulemeester, Grangé e Dewulf, 2006, p.273 nº8).

Os jarros são um tipo de recipiente praticamente residual no Porto Torrão, tendo-se apenas identificado duas peças. Ainda assim, é possível estabelecer algumas comparações com outros exemplares, nomeadamente em sítios situados no espaço português. A peça nº 5 (Anexo II, Figura 17) encontra como paralelos mais próximos um fragmento de bordo identificado em Coimbra, em contextos datados dos séculos VIII-IX (Catarino *et al*, 2009, p.370 fig. 8.3), e com a peça Q38/C4-1 de Silves (Gomes e Gomes, 2003, p.37 fig.9) datada do século VII-VIII. Para a peça 183 (Anexo II, Figura 40), foi encontrado um paralelo em Jaén para os séculos VIII-IX (Castillo Armenteros e Cuenca, 2001, p. 135 fig. 51 nº18).

No conjunto dos recipientes para líquidos, os cântaros encontram-se igualmente pouco representados. Não foi possível encontrar nenhum paralelo para a peça 184 (Anexo II, Figura 40), que poderíamos certamente considerar a sua dupla função de pote e cântaro, embora se destaque, pelas suas características formais, dos demais potes e panelas deste conjunto. As restantes peças encontram paralelos com recipientes identificados em Espanha, nomeadamente a peça 100 que apresenta características idênticas ao recipiente REC05/16334/3 de Recópolis, datado do século VIII/IX (Olmo Enciso e Priego, 2008, p.95 fig.7). Já a peça 182 (Anexo II, Figura 40) encontra paralelo com um exemplar em Jaén datado dos séculos VIII-IX (Castillo Armenteros e Cuenca, 2001, p.134 fig.50 nº3).

As bilhas nº 12 e 64 apresentam características semelhantes a exemplares identificados em Tolmo de Minateda, nomeadamente no tipo M11.1 (Gutiérrez Lloret, 1996, p.90 fig.24), diferenciando-se daqueles apenas no perfil da asa, que é sub-retangular. Neste contexto as peças aparecem datadas do século VIII-IX. Nos contextos emirais de Segóbria identificaram-se igualmente peças semelhantes à peça nº 4 (Lozano e Fernández, 2008, p.205 fig. 8), que aparentemente têm uma cronologia balizada entre os finais do século VIII e o século X.

No grupo das formas abertas, os alguidares são os melhor representados. As peças 65, 125, 141, 144, 170, 171, 192 e 211, pertencem a um grupo de recipientes que apresentam grande semelhança com os alguidares identificados nos povoados/aldeias da região de Madrid (Vigil-Escalera, 1999, fig.3.3 e Vigil-Escalera 2003, p.371-387), principalmente nos contextos do século VII. No mesmo grupo poderíamos inserir a peça 2 (Anexo II, Figura 17) semelhante a um recipiente, considerado com funções higiénicas identificado em Mérida, num contexto do século VII (Alba e Feijoo, 2003, p.496 fig.9). As peças 85 e 113 apresentam paralelos com as peças tipo C.1 e C.2, respectivamente, de Mérida, sendo ali consideradas recipientes para preparar ou servir alimentos e às quais lhes é atribuída uma cronologia do século IX. Ainda em Mérida, em contextos emirais se encontra o único paralelo para as peças 90, 219 e 165 que parece corresponder à forma F.1 emiretense (Alba e Feijoo, 2003, p.500 fig.13). Todavia, também no Castelo de Palmela, em níveis do século VIII/IX aparece uma peça semelhante mas classificada como caçoila (Fernandes, 2004, p.150 fig.197). Já a peça 169 (Anexo II, Figura 39) tem como único paralelo um recipiente identificado em Conimbriga, que todavia, difere por apresentar uma decoração incisa no bordo e no seu

interior (Alarcão, 1975, Lâmina XL nº 797). Para a mesma Jorge de Alarcão apontou uma cronologia do baixo império. Contudo, a cronologia conferida a este tipo de recipientes foi já criticada num recente trabalho de Adriaan De Man (2006), onde autor faz uma revisão destes materiais, atribuindo-lhes uma cronologia já para os séculos IX a XI. Em relação aos alguidares de Conimbriga é de destacar que os mesmos normalmente são profusamente decorados, algo que não se observa para o conjunto dos alguidares de Porto Torrão. Fogem à regra quatro alguidares (Peças 65, 144, 170 e 171) que apresentam decoração. No que respeita à peça 201 (Anexo II, Figura 41), é perfeitamente comparável com a peça nº 765 de Conimbriga (Alarcão, 1975, Lâmina XXXIX), embora a peça em estudo não apresente decoração. A forma é em tudo semelhante à conimbriguense, com uma cronologia então apontada para o baixo império, mas que se integrará certamente nos séculos IX-X. Esta mesma forma de alguidar pode ser comparável com a peça BTor/R3-002-881 do Baldoeiro (Rodrigues, 1994, p.86), a qual é integrada no século XII. Estas peças aparentam ter uma larga diacronia, ainda que na maioria dos contextos portugueses onde as mesmas são identificadas haja alguns problemas de precisão de cronologias. Não foi possível determinar qualquer paralelo para as peças 142 e 167.

As taças estão também pouco representadas neste conjunto, e apenas foi possível encontrar um paralelo para a peça 72 (Anexo II, Figura 26). Trata-se de um exemplar identificado em Recópolis (Olmo Enciso e Priego, 2008, p.93 fig.5), e o qual é datado do século VII.

Também as caçoilas têm escassa representatividade no conjunto. As mesmas, contudo, apresentam afinidades com outros recipientes de cronologia visigótica e emiral. A peça 4 encontra semelhanças com recipientes do século VII-VIII dos povoados/aldeias alto-medievais da região de Madrid (Vigil-Escalera, 2000, p.244 fig.25). Têm também similitudes com peças datadas dos séculos VIII e IX provenientes de Jaén (Castillo, 1998, p.66 fig.24 e Castillo Armenteros e Cuenca, 2001, p.133 fig. 49). O outro exemplar de caçoila (peça 202), é do ponto de vista formal e tipológico diferente da peça 4, apresentando um bordo invertido. Caçoilas com estas características foram identificadas em contextos do século VII-VIII do Castelo de Alferce na Serra de Monchique (Meulemeester, Grangé e Dewulf 2006, p.273 nº6), e também no Castelo de Palmela (Fernandes, 2004, p.150 fig.197) em níveis datados do século VIII-IX. A pervivência deste tipo de forma parece observar-se ainda no Alto do Senhor da Boa

Morte em Vila Franca (Banha 1998, p.91 nº22), onde peças semelhantes são datadas dos séculos X-XI.

O único recipiente identificado como tigela (peça 106) encontra formas semelhantes com o tipo C.1 de Mérida para o século IX (Alba e Feijoo, 2003, p. 499 fig.12).

Em relação aos pratos, podemos diferenciar em duas categorias: pratos para cozer pão e pratos para servir alimentos. No grupo dos pratos com a função de cozer pão encontramos semelhanças tanto em contextos do período visigodo como de cronologia islâmica. Correspondem a esta categoria as peças 45, 54 e 73 121, 124, 178, 187, 218. São recipientes elaborados manualmente e com aspecto algo tosco de paredes que, normalmente, possuem grande espessura. É de facto impressionante a semelhança das peças 45 e 218 com os pratos identificados na região de Madrid para o século VI-VII (Vigil-Escalera, 2000, p.241 fig.22). Também em Alicante se identificaram igualmente formas deste tipo de prato, integradas nos séculos VI-VII, e que aparentam ser muito semelhantes às peças 54 e 73 (Gutiérrez Lloret, 1996, p.84 fig.21). Este tipo de peças encontra-se ainda hoje um pouco por todo o mundo islâmico, os *tabaq*, apresentam uma forma semelhante aos exemplares arqueológicos e possuem uma função idêntica (Gutiérrez Lloret, 1990/91, p.172 fig.12). As peças 178 e 187 apresentam ainda forma similar com a peça nº 5 identificada em Jaén nos contextos dos séculos VIII-IX (Castillo Armenteros e Cuenca, 2001, p.85, fig. 25).

Por fim refira-se a peça 111, um prato para o qual não foi possível estabelecer nenhum paralelo.

Para além da cerâmica comum de eventual produção local, já comentada, foram identificadas peças cerâmicas que apresentam pastas muito bem depuradas e de tons bejes e rosa. Estas não aparentam ser produções de cariz local, pelo contrário, evidenciam características de peças importadas. Inserem-se neste grupo as peças 29, 55, 56, 58, 57 e 137, que tipologicamente correspondem respectivamente a bilhas, jarro, pote e garrafas. Efectivamente, em Mérida a partir dos séculos VIII-IX surgem uns recipientes de pasta clara muito depurada com características semelhantes às do Porto Torrão (Alba e Gutierrez Lloret, 2008, p.585-586). Com este paralelo é possível inserir estas peças numa cronologia emiral. As peças 55 e 56 apresentam uma decoração pintada a óxido de ferro através de linhas verticais paralelas, técnica recorrente para este período com inúmeros exemplos em contextos vários deste período. Encontram-se

paralelos para estas peças (55 e 65) sobretudo na região de Jaén, nas alcarias emirais de Peñaflor e Miguelico (Castillo Armenteros e Cuenca, 2001, p.79-81), onde se regista uma grande variedade de recipientes que apresentam esta técnica decorativa, e em Marroquies Bajos (Pérez Alvarado e Martínez, 2000, p.401-420). Também no sítio de La Indiana, em Madrid, foram identificados este tipo de cerâmicas emirais, que correspondem à última fase de ocupação da aldeia datada do século IX (Vigil-Escalera, 1999).

Importa integrar neste lote de cerâmica importada, os dois fragmentos de bojo vidrado que foram identificados no Porto Torrão. Este tipo de recipientes parece incluir-se no designado “tipo Pechina” (Acien e Martínez, 1989). Estas produções aparecem na primeira fase em Medina Elvira (Atarfe, Granada), e têm como principal característica, um vidrado exterior monocromo, de excelente qualidade, que ocupa a totalidade da peça. Existe uma grande variedade de cores e de combinações, ainda que apresente um brilho característico, que pode ter diferentes cores em cada uma das superfícies: melado/verde, achocolatado/melado ou bicromia exterior (Retuerce, Herrera e García 2009, p.733).

Um dos exemplares apresenta um vidrado de tom castanho sobre aplicação de pequenos “gomos” na superfície exterior (Anexo II, Figura 8), e que parece pertencer ao tipo (B-1-D) de (Retuerce e Zozaya, 1986) com cronologia para o século VIII-IX. Encontra semelhanças com algumas peças do Tolmo de Minateda em Alicante (Gutiérrez, Gamo e Amorós, 2003, p.156, figs. 10.10, 12 e 15; Gutiérrez, 1996, p.166. fig. 70; Fuertes e Hidalgo, 2003, p.537-538 figs. 23 e 24), e em Melque (Caballero, Retuerce e Sáez, 2003, fig. 16. M00/1379/142).

A peça vidrada a verde e com estampilhado (Anexo II, Figura 7) parece corresponder ao tipo (B-1-G) de (Retuerce e Zozaya, 1986), e encontra semelhanças com exemplares de Pechina (Acien e Martínez, 1989, fig. 3.3) e em Marroquies Bajos (Pérez Alvarado e Martínez, 2000, fig.7), também para os finais do século VIII-IX.

No que aos metais estudados diz respeito não foi possível avançar com uma cronologia fidedigna para o conjunto. Existem algumas peças que têm uma longa diacronia de utilização e, na maioria dos fragmentos é difícil efectuar a sua atribuição funcional. Destaca-se, todavia, a peça 1 (Anexo II, Figura 44) que tem paralelos em Conimbriga (Salette da Ponte, 1987, Estampa VIII, nº81 e 82). Também a ponta de dardo (Anexo II, Figura 45) encontra igualmente paralelos em Conimbriga (Salette da

Ponte, 1987, Estampa IV, nº 51 e 52). Regista-se igualmente uma pequena foice ou adaga (peça 11), que encontra como paralelo mais próximo um exemplar identificado no Castelo de Palmela (Fernandes, 2004, p.207 fig. 256 nº5) proveniente de contextos omíadas. Existem ainda pregos e cavilhas que apresentam semelhanças com os do Castelo de Palmela (Fernandes, 2004, p.206 fig. 255), já do século XII, mas que são peças de reconhecida longa diacronia.

Por último, existe uma peça (18) que importa aqui mencionar. Trata-se provavelmente do objecto mais interessante de todo o conjunto. Poder-se-á confundir com um braço de uma pinça, mas que do nosso ponto de vista, parece corresponder a um braço de uma balança de tipo romano, com semelhanças formais com um dos braços de um exemplar inteiro encontrado na *villa* romana de El Rasillo na zona de Madrid (Vigil-Escalera e Pozuelo, 2003 p.283 fig.3), num contexto de ocultação de materiais domésticos e agrícolas datados do século V.

Em jeito de conclusão, podemos afirmar que o conjunto de materiais de produção local apresenta características formais semelhantes ao espólio de tradição visigótica proveniente de contextos seguros. O estudo do espólio demonstra ainda, a existência de determinadas formas de influência islâmica, que coexistem com determinadas formas e técnicas mais antigas. Pela análise dos materiais, a ocupação alto-medieval do Porto Torrão parece apontar para os finais do século VIII, e/ou inícios do século IX, que corresponderá a uma primeira fase de islamização das populações alto-medievais. Este fenómeno verifica-se em diversos sítios da península ibérica com cultura material semelhante à do Porto Torrão, e que é característica da transição para o mundo islâmico.

O contexto estudado resulta da acção quotidiana de uma população rural que evidencia uma clara continuidade hispano-romana na utilização dos seus objetos e que começa a integrar um novo contexto sócio cultural e económico, que se faz sentir, particularmente a partir do fim do século VIII, início do século IX com a chegada de novos produtos de consumo, tais como as cerâmicas depuradas, pintadas e vidradas, que se observam no conjunto. Com estas outras alterações deveriam ter sido introduzidas, mas dessas pouco ou nada se pode adiantar.

Conclusões

O estudo da ocupação alto medieval do Porto Torrão, permitiu adquirir um maior conhecimento sobre a realidade artefactual das comunidades rurais do período de transição entre o fim do império romano, e os alvares do mundo medieval peninsular. Apesar de se tratar de um contexto secundário e, também por isso, limitado, possibilitou o estudo de realidades arqueológicas praticamente desconhecidas no nosso país. Tratando-se de um contexto secundário, do tipo descarte ou lixeira, a análise do espólio e da sua composição no conjunto foi fundamental e norteou o trabalho analítico desde o início. A abordagem a um conjunto de materiais arqueológicos que se encontram em deposição secundária, ou seja, fora do seu contexto original de utilização, origina uma grande limitação na sua análise e, principalmente, na sua interpretação. Isto implica que apenas ficou registado o momento correspondente ao curto período de tempo de descarte do lixo doméstico, e não a uma imagem estruturada sobre o quotidiano destas populações.

Não é igualmente possível, associar as materialidades ao seu espaço de vivência ou relacionar com um possível utilização no espaço funerário e, consequentemente, também está inviabilizada, parcialmente, o estudo da realidade estrutural que lhe dá origem. A informação que o estudo desta coleção nos dá, traduz-se apenas num pequeno vislumbre sobre uma ocupação alto-medieval do sítio do Porto Torrão.

O espólio estudado dá a conhecer um contexto doméstico, observando-se uma grande percentagem de recipientes de cozinha para ir ao lume, como as panelas e pratos de cozer pão. Estão igualmente presentes no quotidiano destas populações os alguidares, utilizados para a higiene pessoal ou para preparar e servir alimentos. A utilização de diversos tipos de recipientes de armazenamento, potes e talhas, assim como as bilhas e cântaros para os líquidos, reflecte essa intensa actividade doméstica. A cultura material estudada enquadra-se num ambiente doméstico balizado cronologicamente entre os finais do século VIII e primeira metade do século IX.

Poderá evidentemente ter existido uma contínua ocupação do espaço desde a antiguidade tardia, facto que não é possível averiguar completamente face à limitação do contexto. Outro aspecto a ter em conta, são os materiais romanos identificados que se encontravam misturados com o espólio maioritariamente alto-medieval. Apesar de se tratar de vestígios, a sua identificação poderá relacionar-se com a existência de um sítio romano nas imediações do espaço medieval, e no uso e manutenção do sítio arqueológico que deu origem a estes contextos secundários, terem integrado nas suas

lixeiros restos escassos, claramente residuais, de materiais de um espaço utilizado anteriormente.

Não obstante as condicionantes limitativas do contexto de origem da colecção estudada, esta permitiu perceber que se trata de uma área de descarte de um espaço doméstico de gentes que viveram a transição entre o mundo do período visigodo e a chegada da islamização ao espaço rural.

Apesar da escassa informação das estruturas alto medievais registadas no Porto Torrão, existem alguns aspectos que parecem apontar para um determinado tipo de ocupação neste local. Estas estruturas, principalmente as da área 4, têm semelhanças visíveis com os fundos de cabana de época visigoda identificados em inúmeros sítios da região de Madrid (Vigil-Escalera, 2000, figs. 8, 9 e 10), e que poderão ter tido semelhante função, tendo sido entulhadas e desarticuladas. Infelizmente, a área escavada correspondeu a apenas uma pequena faixa, não permitindo um estudo sobre um maior número deste tipo de estruturas que permitisse esclarecer sobre a sua função original.

A semelhança com estes sítios arqueológicos não se limita às estruturas do tipo fossa ou fundo de cabana. No que diz respeito à cultura material identificada nas aldeias/granjas da região de Madrid, existe uma nítida semelhança com a do Porto Torrão, principalmente o espólio proveniente dos sítios de La Indiana, de Gózquez e de Fuente de La Mora. Com este último sítio partilha ainda similitudes no tipo de implantação do sítio de Fuente de La Mora localiza-se, tal como o Porto Torrão, no espaço anteriormente ocupado por um povoado pré-histórico, também constituído por vários fossos concêntricos. A sua implantação no terreno é igualmente esclarecedora, em ambos os casos encontram-se em zonas planálticas e perto de linhas de água de fácil acesso.

Os núcleos de ocupação medieval identificados parecem ter um carácter unifamiliar (entre 500 e 1500 m²) com uma ocupação cronológica relativamente restrita e curta. Foram ali identificadas três cabanas escavadas no solo e meia dezena de silos. (Vigil-Escalera, 2005, p.174-175 e Vigil-Escalera, 2007, p.357-387). Os materiais identificados inserem-se no período de transição, balizados entre 750 e 825 d.C., apresentando uma clara tradição cultural de época visigoda que o autor relaciona com a última fase de ocupação de Gózquez, (c.750 d.C.). Aparecem conjuntamente com as

cerâmicas locais as primeiras produções cerâmicas islâmicas (Vigil-Escalera, 2003, p.382-385).

Também em La Indiana se encontram paralelos para a cerâmica e estruturas ali escavadas. Este sítio tem uma ocupação contínua desde o século VI, mas difere de Fuente de la Mora, na dimensão da ocupação e, consequentemente, no tipo de estrutura de povoamento, sendo La Indiana claramente interpretada como um aglomerado pluri-familiar, ou seja, uma aldeia (Vigil-Escalera, 2007, p.375).

O processo de islamização no baixo Alentejo parece ter sido um fenómeno relativamente lento nas zonas rurais e de forma mais acelerada nos centros urbanos, onde efectivamente, se concentravam as elites. No período do emirato esta realidade está bem atestada em inúmeras cidades sob domínio islâmico. O processo de progressiva aculturação dá-se com base em dois vectores fundamentais. Numa primeira fase há a destacar a conquista territorial efectiva do espaço que anteriormente estava submetido ao reino visigodo e que ocorre de forma relativamente rápida ainda durante o século VIII. Em paralelo, e logo durante o século VIII, o processo de aculturação vai sendo facilitado com o desenvolvimento do comércio e o estabelecimento de novas rotas comerciais. Durante este processo de mudança as populações locais vão assistir progressivamente a uma alteração dos seus modos de vida, e algumas de religião, assimilando novos hábitos e diferentes materialidades, incorporando novos objectos e novos gostos estéticos.

O conhecimento do povoamento alto-medieval no baixo Alentejo é ainda muito restrito. Não obstante, para Cláudio Torres “*durante a alta idade média (...) verifica-se no Alentejo Meridional uma consolidação das autonomias regionais e um evidente reforço político das antigas comunidades agro-pastoris.*” (Torres, 1992, p.194).

Efectivamente, com o enfraquecimento e queda do poder central romano, terá surgido no mundo rural diversos pólos de autonomia local. Esta solução parece ser comum no espaço rural do território anteriormente sob o domínio de Roma, e é uma realidade que se parece verificar para a região do baixo Alentejo. Este é um território onde a cidade de Beja se mantém como principal centro político e religioso até ao século X, apesar de um aparente estado de estagnação (Torres, 1992, p.193). A influência destas elites urbanas, pouco se terá sentido no mundo rural até ao século X.

Os estudos de James Boone para as áreas rurais na zona de Mértola permitiram caracterizar um espaço doméstico do período de transição do século VII-VIII,

comparativamente a uma alcaria datada dos séculos XI e XII (1993, p.111-152; 1994, p.527-544; 2001, p.105-120 e Boone e Worman, 2007, p.115-132). Estabelece uma comparação entre estruturas identificadas do período de transição, que revelam um espaço doméstico compartimentado em três divisões de configuração subrectangular, e estruturas datadas dos séculos XI-XII do sítio de Alcaria Longa, de maior complexidade na estruturação do espaço doméstico.

O espólio cerâmico identificado nos sítios de transição (Queimada, Costa 2 e Raposeira) encontra-se bastante fragmentado, resultando apenas na reconstituição de alguns recipientes (Boone 2001, p.117). Através da análise realizada pelo autor, a característica das pastas e da técnica de fabrico da cerâmica é em tudo semelhante à produzida localmente no Porto Torrão. Estabelece ainda uma cronologia para cada sítio arqueológico, baseada em datações absolutas por rádio-carbono de duas amostras de cada local intervencionado. O autor relaciona ainda, através das datações realizadas, uma diferença cronológica do uso de telhas pelo tipo de decoração que apresentam, diferenciando entre a telha de transição (com digitações no rebordo) e a de plena época islâmica (com linhas onduladas paralelas) (Boone, 2001, p. 113-114). Considerando válida a atribuição cronológica de James Boone, esta poderia sugerir uma cronologia mais avançada para o Porto Torrão, já que se identificou telhas com idênticas características às do sítio de Alcaria Longa datada dos séculos XI e XII (Boone, 1993, p.111-126). No entanto, através da análise realizada ao espólio do Porto Torrão, observa-se a existência de telhas que apresentam os dois tipos de decoração, em *zig-zag* (Anexo II, Figura 10), e digitações no rebordo (Anexo II, Figura 11). Deste ponto de vista, consideramos que, apesar da fundamentação do autor ser válida para o seu contexto, existe uma evidente diferenciação do tipo de telhas identificadas no Porto Torrão, as quais se inserem num conjunto de materiais com uma cronologia bem definida que não ultrapassará o século IX. Apesar de apresentar cronologia semelhante, o tipo de ocupação identificada por James Boone na região de Mértola não pode ser extrapolada para o Porto Torrão.

Na nossa opinião, parece evidente que os contextos alto-medievais do Porto Torrão devem integrar-se num contexto mais abrangente do tipo aldeia ou quinta/granja semelhantes aos que foram identificados na região de Madrid. O Porto Torrão partilha com aqueles sítios características comuns de implantação e semelhanças dos contextos secundários de descarte. Para além disso, a cultura material, claramente marcada pela

tradição de período visigodo que apresenta já elementos paralelos para a ocupação alto-medieval do Porto Torrão e que dão pistas concretas para a interpretação dos poucos contextos secundários que ali foram recuperados.

Bibliografia

A.A.V.V. (2010) – “CIGA: Projecto de sistematização para a cerâmica islâmica do Gharb al-Ândalus”, in *Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Xelb, n.º 10, pp. 455-476.

A.A.V.V. (2012) – “La cerámique Islamique du Garb Al-Andalus: Contextes socio-territoriaux et distribution”, *Atti del IX Congresso Internazionale sulla Ceramica Medievale nel Mediterraneo*, Venezia, pp. 429-441.

ACIÉN, M. e MARTÍNEZ, R. (1989) – “Cerámica islámica arcaica del sureste de al-Andalus”. In *BAM*, 3, pp. 123-135.

ALARCÃO, J. (1975) – *Fouilles de Conímbriga – V – La céramique commune locale et régionale*. M.A.F.P./M.M.C.

ALBA, M. (2003) – “Apuntes sobre la cerámica de época tardoantigua (visigoda) y altomedieval (emiral) en Extremadura a partir del registro arqueológico emeritense”, In *Repertorio de arquitectura cristiana en Extremadura: Épocas tardoantigua y altomedieval*, *AEspA* XXIX, pp. 293-332.

ALBA, M. e FEIJOO, S. (2001) – “Cerámica emiral de Mérida”, *Garb. Sitios islámicos del sur peninsular*. Instituto portugués del patrimonio arquitectónico y Junta de Extremadura, pp. 328-375.

ALBA, M. e FEIJOO, S. (2003) – “Pautas evolutivas de la cerámica en Emerita entre los siglos VII y IX” In *Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad*. Anejos de *AEspA* XXVIII. Instituto de Arqueología de Mérida y CSIC, pp. 483-504.

ALBA, M. e GUTIÉRREZ LLORET, S. (2008) – “Las producciones de transición al Mundo Islámico: el problema de la cerámica paleoandalusí (siglos VIII y IX)”. In *Cerámicas hispanorromanas: un estado de la cuestión*, Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, pp. 585-613.

ARNAUD, J. M. (1982) – O povoado calcolítico de Ferreira do Alentejo no contexto da Bacia do Sado e do Sudoeste Peninsular, In *Arqueologia* 6, Porto, pp. 48-64.

ARNAUD, J. (1993) – “O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas”. In *Vipasca*, Aljustrel, 2, pp. 41-60.

BANHA, C. M. S., (1998) – “As cerâmicas do Alto do Senhor da Boa Morte (Povos): estudo preliminar”, In *Cira*, nº 7, Boletim Cultural, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 75-109.

BARKER, P. (1977) – *Techniques of archaeological excavation*. London.

BATALHA, L. (2009) – *A villa romana da sub-serra de Castanheira do Ribatejo: trabalhos arqueológicos efectuados no âmbito de uma obra da EPAL*. Lisboa : EPAL.

BAZZANA, A., (1979) – “Céramiques médiévales: les méthodes de la description analytique appliquées aux productions de l’Espagne orientale, I”, *MCV*, XV, pp. 135-185.

BAZZANA, A., (1980) – “Céramiques médiévales: les méthodes de la description analytique appliquées aux productions de l’Espagne orientale, II”, *MCV*, XVI, pp. 57-95.

BOONE, J. L. (1993) – "The Third Season of Excavations at Alcaria Longa", In *Arqueologia Medieval* 2, Campo Arqueológico de Mértola, Porto, pp.111-152.

BOONE, J. L. (1994) – “Rural settlement and islamization in the lower Alentejo of Portugal”. In: *Arqueología en el entorno del bajo Guadiana*, ed. Juan M. Campos, J. Aurelio Pérez, Francisco Gómez. Huelva: Grupo de Investigación Arqueológica del Patrimonio del Suroeste. Universidad de Huelva, pp. 527-544.

BOONE, J. L. (2001) – “Tribalism, Ethnicity and Islamization in the Baixo Alentejo of Portugal: preliminary results of investigation into transitional period (AD 550-850) rural settlements”. In *ERA Arqueologia*. Lisboa. Nº4, pp. 104-121.

BOONE, J. L. e WORMAN, F. S. (2007) – "Rural Settlement and Sustainability from the Late Roman through the Medieval Islamic Period in the Lower Alentejo of Portugal." In *Journal of Field Archaeology*, 32, pp.115-132.

BRUM DA SILVEIRA, A. (1990) – *Neotectónica e Sismotectónica da região Vidigueira e Moura*. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, equivalentes a Mestrado, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa.

CABALLERO, L. e SÁEZ, F. (1999) – *La iglesia mozárabe de Santa Lucía del Trampal, Alcuéscar (Cáceres)*. *Arqueología y Arquitectura*, Memorias de Arqueología Extremeña, 2. Mérida.

CABALLERO, L.; RETUERCE, M. e SÁEZ, F. (2003) – “Las cerámicas del primer momento de Santa maría de Melque (Toledo), construcción, uso y destrucción. Comparación con las de Santa Lucía del Trampal y El Gatillo (Cáceres)”, In *II Simposio de Arqueología*. Mérida, Anejos de AespA, XXVIII. pp. 225-271.

CASAL, M.; CASTRO, E.; LÓPEZ, R. e SALINAS, E. (2005) – “Aproximación al estudio de la cerámica emiral del arrabal de *Saqunda (Qurtuba, Córdoba)*”, *Arqueología y Territorio Medieval*, 12.2, Universidad de Jaén, pp. 189-235.

CASTILLO ARMENTEROS, J. C. (1998) – *La campiña de Jaén en época Emiral (siglos VIII-X)*, Universidad de Jaén, Colección Martínez de Mazas. Serie Monografías.

CASTILLO ARMENTEROS, J. C. e CUENCA, V. C. (2001) – *Los asentamientos emirales de Peñaflor y Miguelico (Jaén)*, Sevilla: Consejería de Cultura.

CASTILLO GALDEANO, F. e MARTÍNEZ, R. (1993) – “Producciones cerámicas en *Bayyana*”, In *La cerámica Altomedieval en el Sur de Al-Andalus*. Monografía Arte y Arqueología, 19, Universidad de Granada, pp. 67-116.

CATARINO, H. (1995/1997) – “Arqueologia do período islâmico em Portugal: breve perspectiva”, *O Arqueólogo Português*, série IV, 13/15, Lisboa, pp. 457-484.

CATARINO, H. (1997/98) – *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica: povoamento rural e recintos fortificados*, 3 vols, Al'Ulyã, nº 6, Arquivo Histórico Municipal de Loulé, Loulé.

CATARINO, H. (1999) – “Cerâmicas omíadas do Garb Al-Andalus: resultados arqueológicos no Castelo Velho de Alcoutim e no Castelo das Relíquias (Alcoutim)”, *Arqueología y territorio medieval*, 6, Universidad de Jaen, Jaen, pp. 113-132.

CATARINO, H.; FILIPE, S. e SANTOS, C. (2009) – “Coimbra Islâmica: uma aproximação aos materiais cerâmicos”, In *Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve. O Gharb al-Ândalus: síntese e perspectivas de estudo*, Xelb 9, Silves: Câmara Municipal de Silves, pp. 333-376.

DE MAN, A. (2006) – *Conímbriga: Do Baixo Império à Idade Média*. Edições Sílabo. 1ª edição, Lisboa.

ENCISO, L. O. e PRIEGO, M. C. (2008) – “La cerámica de época visigoda de Recópolis : apuntes tipológicos desde un análisis estratigráfico”. In *Zona arqueológica*. Alcalá de Henares (Madrid): Museo Arqueológico Regional. Nº 9, pp. 88-96.

FEIO, M. (1952) – *A Evolução do Relevo do Baixo Alentejo e Algarve: Estudo de Geomorfologia*. Instituto para a Alta Cultura. Centro de Estudos Geográficos, Lisboa.

FERNANDES, I. C. F. (2004) – *O Castelo de Palmela - do islâmico ao cristão*, Lisboa, Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela.

FERNANDES, I. C. F. (2005) – “Arqueologia medieval em Portugal: duas décadas de investigação”, *Portugália*, Nova Série, Vol. XXVI, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, pp. 149-173.

FERNANDES, I. C. F. e CARVALHO, A. R. (1999) – “Elementos Para o Estudo da Ruralidade Muçulmana na Região de Palmela”, In *Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular*, Zamora, pp. 517-526.

FERNANDES, I. C. F. e MACIAS, S. (2011) – “Islamic and Christian Medieval Archaeology”, In Mattoso (dir), *The Historiography of Medieval Portugal c.1950-2010*, Lisboa: IEM, pp.153-177.

FUERTE, M^a. C. (2000) – “La evolución de la cerámica medieval de Cercadilla, Córdoba. Estado de la cuestión”, In *Anales de Arqueología Cordobesa*, 11, pp. 217-232.

FUERTE, M^a. C e GONZÁLEZ VIRSEDA, M. (1994) – “Nuevos materiales cerámicos emirales de Cercadilla (Córdoba): Ensayo tipológico”, *Anales de Arqueología Cordobesa*, nº 5, pp. 277-301.

FUERTE, M^a. C. e HIDALGO, R. (2003) – “Cerámicas tardorromanas y altomedievales de Córdoba”, In *Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad*. Anejos de Archivo Español de Arqueología XXVIII, Instituto de Arqueología de Mérida y Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 505-540.

GONZALEZ, C. (2012) – “Quinta da Granja 1: cerâmica emiral de um povoado da Estremadura” In *Actas X Congresso Internacional: A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo* (no prelo).

GOMES, M. V. e GOMES R. V. (2003) – “Cerâmicas alto-medievais de Silves”, In *Actas das 3^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. pp. 23-47.

GUTIÉRREZ LLORET, S. (1990/91) – “Panes, hogazas y fogones portátiles. Das formas cerámicas destinadas a la cocción del pan en Al-Andalus: el hornillo (tannur) y el plato (tabag)”, In *Lucentum*, IX-X, Universidade de Alicante, pp. 161-175.

GUTIÉRREZ LLORET, S. (1993) – “La cerámica paleoandalusí del sureste peninsular (*Tudmir*): producción y distribución (siglos VIII-X)”, In *La cerámica Altomedieval en el Sur de Al-Andalus*. Monografía Arte y Arqueología nº 19, Universidad de Granada, pp. 37-65.

GUTIÉRREZ LLORET, S (1996) – *La cora de Tudmir de la antigüedad tardía al mundo islámico. Poblamiento y cultura material*. Madrid.

GUTIÉRREZ LLORET, S. (2012) – “La arqueología en la historia del temprano al-Andalus: espacios sociales, cerámica e islamización”. In *Histoire et archéologie de l'Occident musulman (VIIe-XVe): Al-Andalus, Maghreb, Sicile*, Villa 4, Université de Toulouse, Toulouse, pp. 33-66.

GUTIÉRREZ LLORET, S.; GAMO, B. e AMORÓS, V. (2003) – “Los contextos cerámicos altomedievales del Tolmo de Minateda y la cerámica altomedieval en el Sudeste de la Península Ibérica”, In *II Simposio de Arqueología, Mérida. Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad*. Anejos de *AEspA* XXVIII, Instituto de Arqueología de Mérida y CSIC, pp. 119-168.

HARRIS, E. (1991) – *Principios de estratigrafía arqueológica*. Barcelona. Editorial Critica.

HIDALGO, R.; ALARCÓN, F. J.; FUERTES, M^a. C.; GONZÁLEZ, M. e MORENO, M. (1996) – *El Criptoportico de Cercadilla: analisis arquitectonico y secuencia estratigrafia*, Sevilla: Junta da Andalucía (Arqueología: serie monografias. Coord. Rafael Hidalgo).

LOZANO, D. e FERNÁNDEZ, R. (2008) – “La ocupación emiral en Segobriga (Saelices, Cuenca): evidencias arqueológicas y contextos cerámicos” In *Lucentum*, XXVII, Universidad de Alicante, pp.199-211.

MARQUES, J.; GOMÉZ, S.; GRILO, C.; ÁLVARO, R.; LOPES, G. (2012) – “Cerâmica e povoamento rural medieval no troço médio-inferior do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)” In *IX Congresso Internazionale Association Internationale pour l'Etude des Céramiques Médiévales Méditerranéennes*. Università Ca' Foscari di Venezia - Dipartimento di Scienze dell'Antichità e del Vicino Oriente, pp. 442-448.

MEULEMEESTER, J.; GRANGÉ, M. e DEWULF, J. (2006) – “Novos dados sobre o povoamento altomedieval na Serra de Monchique (séc. VI-IX): Intervenção arqueológica no Cerro do Castelo do Alferce, Monchique, Faro (2004)”, *Xelb* 6, Silves: Museu Municipal de Arqueologia, pp. 261-280.

OLMO ENCISO, L. (2006) – *Recópolis. Un paseo por la ciudad Visigoda*. Museo Arqueológico regional de la comunidad de Madrid, pp. 144-146.

OLMO ENCISO, L. e CASTRO PRIEGO, M. (2008) – “La Cerámica de época visigoda de Recópolis”, In *Recópolis y La Ciudad en Época Visigoda*, pp. 88-96.

ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. (1993) – *Pottery in archaeology*. Cambridge University Press.

PÉREZ ALVARADO, S. e MARTÍNEZ, M. (2000) – “Un ejemplo de sistematización de la cerámica omeya: la zona arqueológica de Marroquíes Bajos (Jaén)”, In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol. VII - Arqueologia da Idade Média da Península Ibérica. Porto: ADECAP, pp. 401-420.

PÉREZ, S.; MONTILLA, I.; SALVATIERRA, V.; CASTILLO, J. C. (2003) – “Las primeras cerámicas de Marroquíes Bajos (Jaén) en tre la Tardoantigüedad y el Islam”, In *Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad*. Anejos de *AEspA* XXVIII, Instituto de Arqueología de Mérida y CSIC, pp. 389-410.

PONTE, S. da (1987) – “Artefactos romanos e post-romanos de S. Cucufate”, In *Conimbriga*, 26, pp. 133-165.

RAUX, S. (1998) – “Méthodes de quantification du mobilier céramique. Etat de la question et pistes de réflexion”, In *Actes de la table ronde du Centre archéologique européen du mont Beuvray (Glux-en-Glenne)*, coll. *Bibracte*, 2, 1998, pp. 11-16.

RETUERCE, M. e ZOZAYA, J. (1986) – “Variantes geográficas de la cerámica omeya andalusí: los temas decorativos”. In *La ceramica medievale nel Mediterraneo Occidentale*. Siena-Faenza. III CICMMO, pp. 69-128.

RETUERCE, M.; HERRERA, M. e GARCÍA, A. (2009) – “La cerâmica islâmica de Calatravala Vieja y Alarcos. Nuevos hallazgos”. In *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval*. Ciudad Real, TOMO II, pp. 729-758.

RODRIGUES, M. (1994) – *Cerâmicas medievais de Moncorvo (sécs. XII a XIII)*, dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. Policopiada.

RODRIGUES, F. (2013) - *Relatório Final da intervenção arqueológica no Povoado de Porto Torrão*, Ferreira do Alentejo, policopiado.

ROSELLÓ, G. (1978) – *Ensayo de sistematización de la cerámica árabe de Mallorca*, Palma de Mallorca.

SILVA, A. e SILVA, R. C. da (2005) – “Resultados da intervenção no sítio arqueológico de Barradas (Odiáxere, Lagos)”, In *Revista portuguesa de arqueologia*, Vol. 8, Nº. 2, pp. 55-106.

TORRES, C. (1992) – “Povoamento antigo no Baixo Alentejo: alguns problemas de topografia histórica”. In *Arqueologia Medieval*. Porto. 1, pp. 189-202.

TEICHNER, F. (1994) – "Acerca da vila romana de Milreu/Estói. Continuidade da ocupação na época árabe", In *Arqueologia medieval* 3, Porto, pp. 89-100.

VALERA, A. C. (2008) – “Mapeando o Cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História Recente”, *ERA Arqueologia*, 8, Lisboa, Era Arqueologia / Colibri, pp.112-127.

VALERA, A. C. e FILIPE, I. (2004) – "O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular", *Era Arqueologia*, 6, Lisboa, ERA Arqueologia/Colibri, pp.28-61.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (1999) – “Evolución de los morfotipos de cerámica común de un asentamiento rural visigodo de la Meseta (Góñez de Arriba, San Martín de la Vega, Madrid)”, *Revista Arqueohispania*, 0, Madrid, 1999.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2000) – “Cabañas de época visigoda: evidencias arqueológicas del Sur de Madrid. Tipología, elementos de datación y discusión” In *Archivo español de arqueología*, Vol. 73, Nº 181-182, pp. 223-252.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2003) – “Cerámicas tardorromanas y altomedievales de Madrid”, In *II Simposio de Arqueología, Mérida. Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad*. Anejos de *AEspA* XXVIII, Instituto de Arqueología de Mérida y CSIC, pp. 371-387.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. e POZUELO, D. (2003) – “La ocultación de un ajuar doméstico a inicios del siglo V d. C. en El Rasillo (Barajas, Madrid). Algunas posibilidades de análisis e investigación” In *Bolskan*, 20, pp. 277-286.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A (2005) – “Nuevas perspectivas sobre la arqueología madrileña de época visigoda”, In *Actas de las Primeras Jornadas de Patrimonio Arqueológico en la Comunidad de Madrid*, Madrid, pp. 169-181.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A (2007) – “Algunas observaciones sobre las cerámicas ‘de época visigoda’ (ss. V-IX d.C.) de la región de Madrid”, In *Estudios de Cerámica Tardorromana y Altomedieval*, Granada, Alhulía, pp. 357-382.

VILHENA, J. e GRANGÉ, M. (2007) – “Premières données archéologiques sur le Baixo Mira durant le haut Moyen Âge (VIIe-XIe siècle): Études de cas et problématiques générales”. *Vipasca. Arqueologia e História*, 2 (Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular). Aljustrel, pp. 542-558.

ZOZAYA, J., (1980) – “Aperçu general sur la céramique espagnole”, *Ier Colloque International sur la céramique médiévale en Méditerranée Occidentale* (Valbonne,), pp. 265- 296.

Anexos

Anexo I

**Documentação gráfica e fotográfica relativa ao sítio e à intervenção
arqueológica**

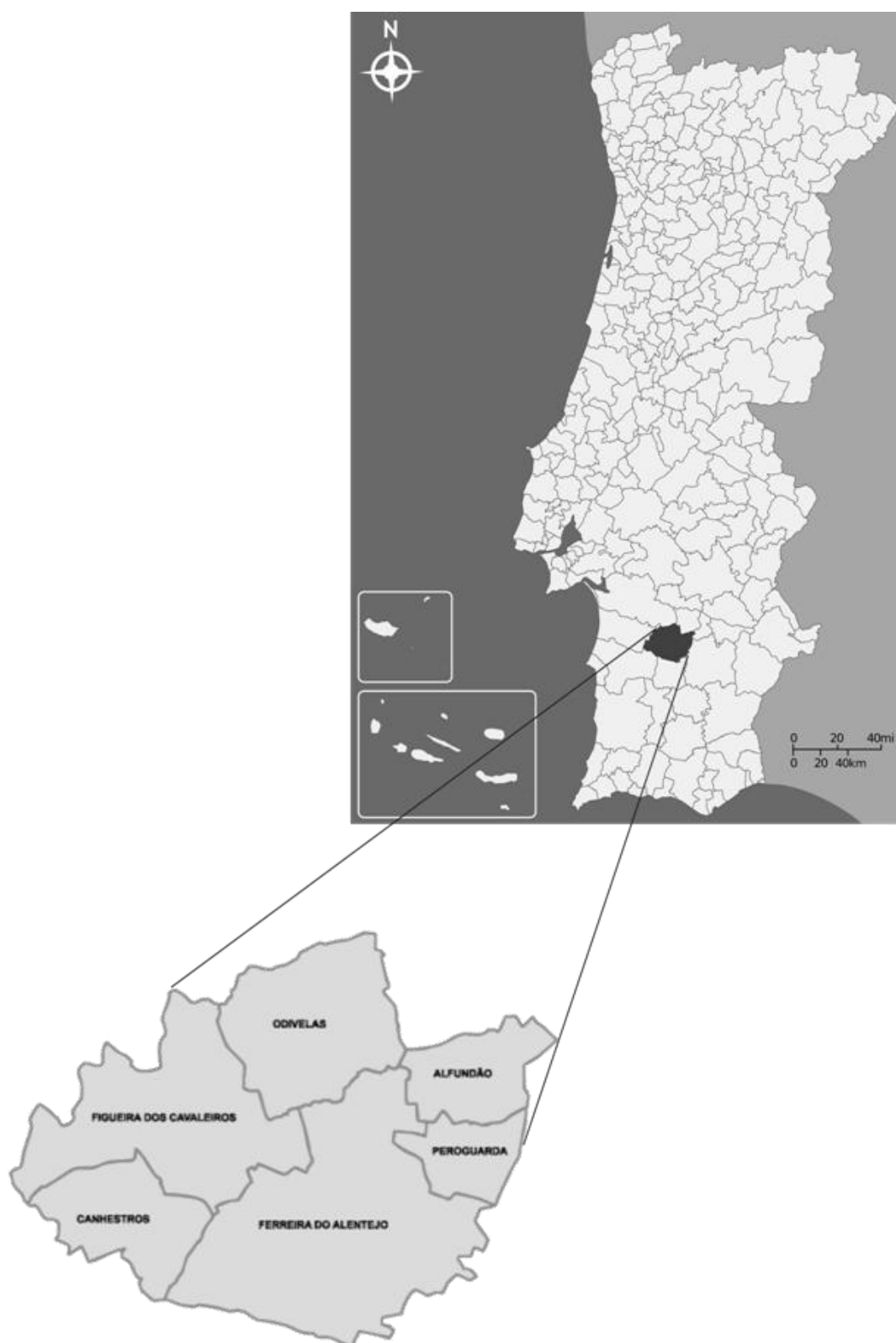


Figura 1 – Localização geográfica do concelho de Ferreira do Alentejo.

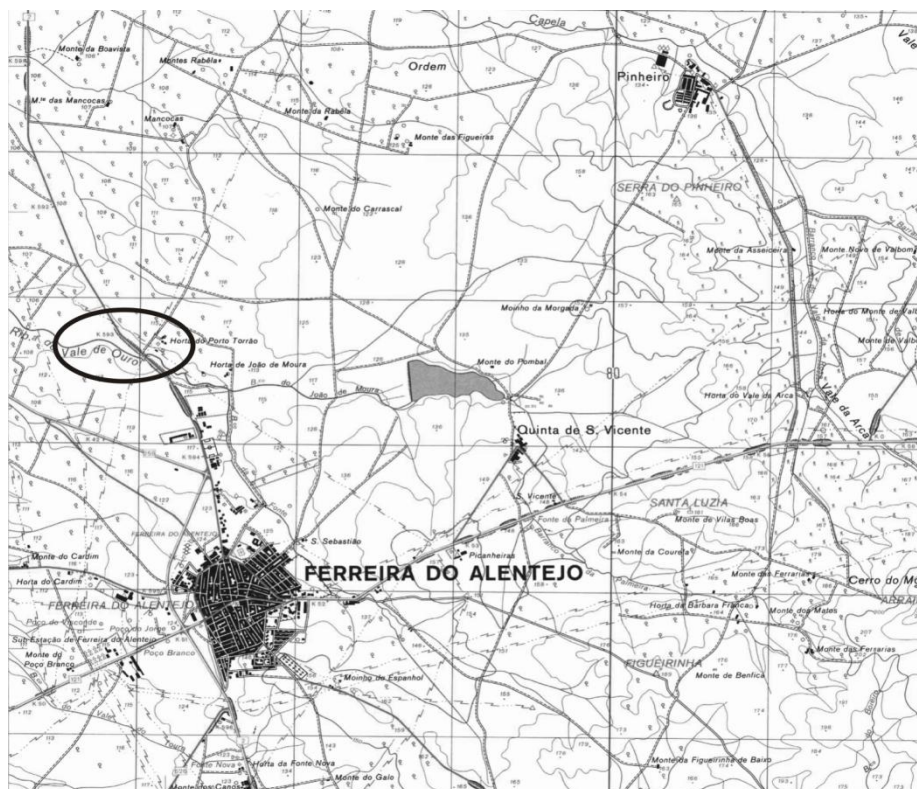


Figura 2 – Localização geográfica do sítio sobre CMP 1:25000 n° 509, Serviços Cartográficos do Exército.



Figura 3 – Implantação do sítio sobre imagem retirada do Google earth.

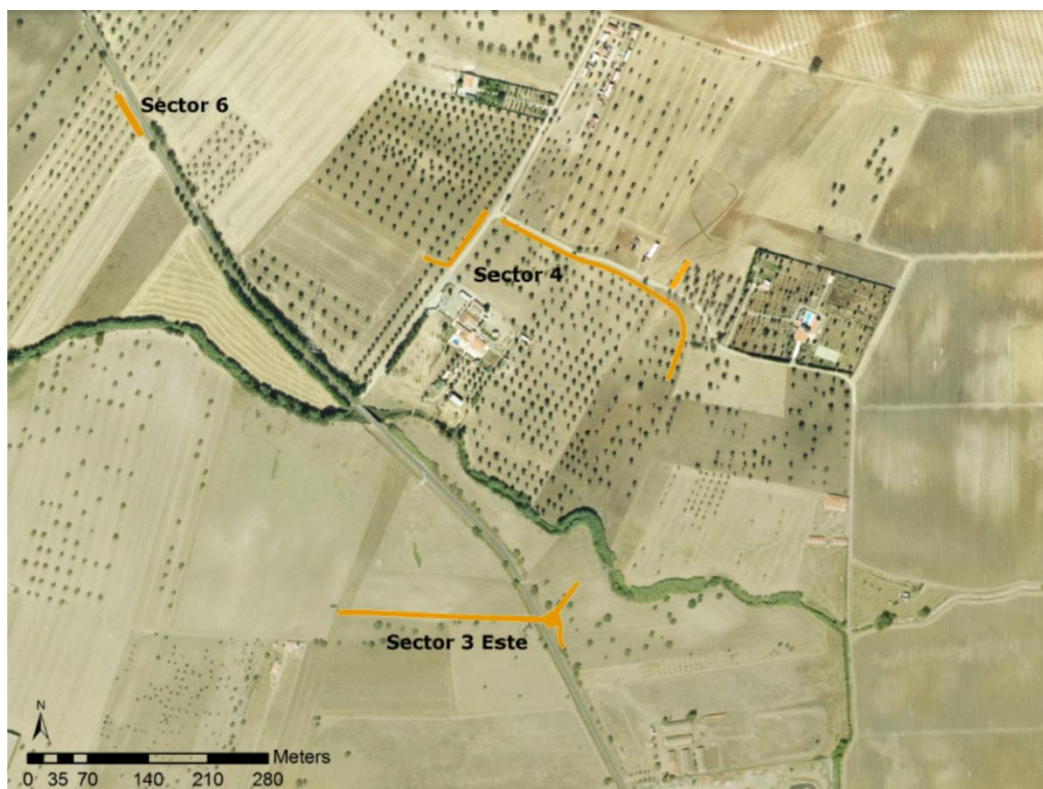


Figura 4 – Implantação dos sectores intervencionados no ortofotomapa (Rodrigues, 2013).



Figura 5 – Pormenor aumentado da implantação dos sectores sobre a CMP 1:25000 nº 509 (Rodrigues, 2013).

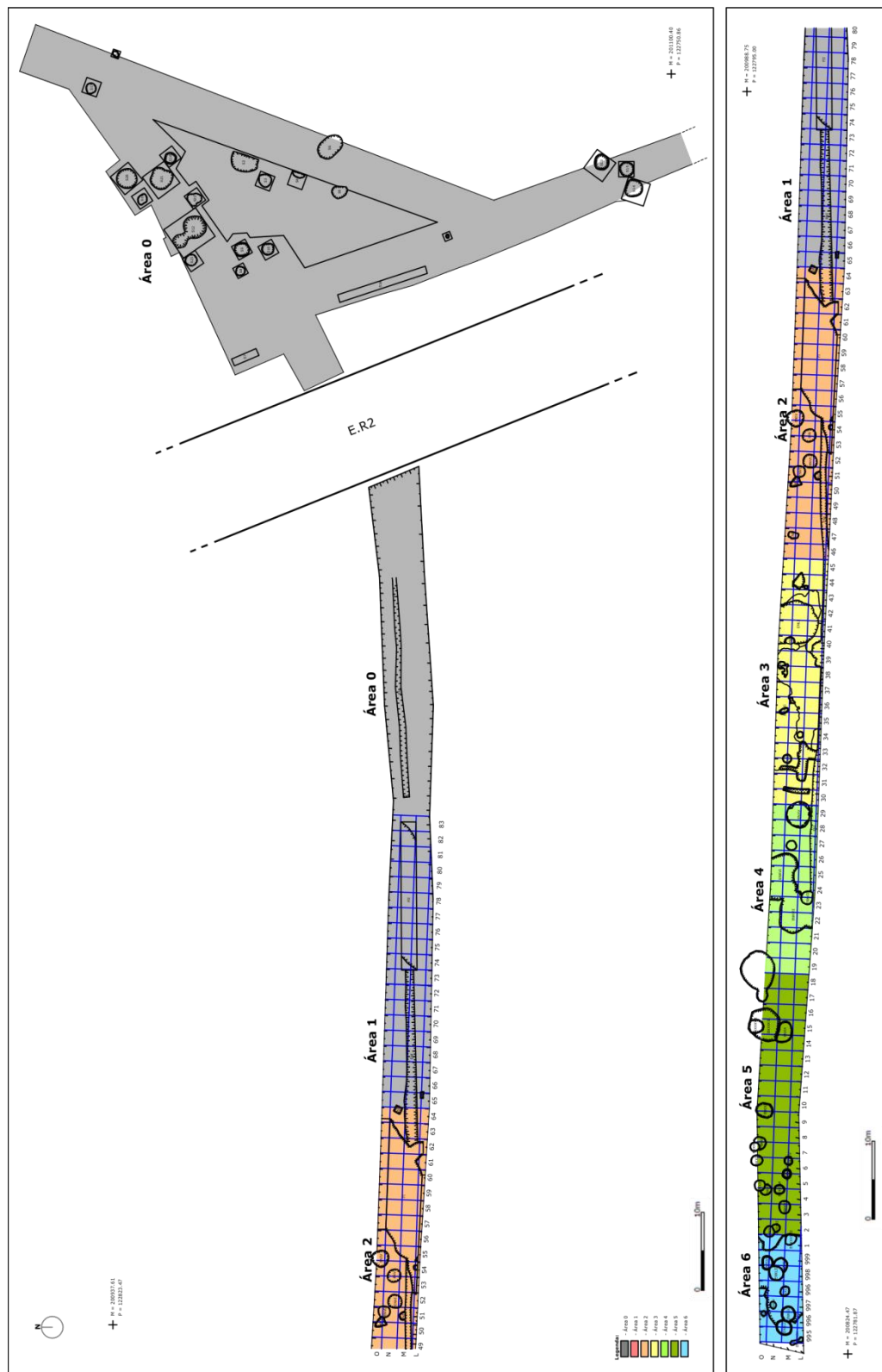


Figura 6 – Planta geral das áreas do sector 3 este (Rodrigues, 2013).

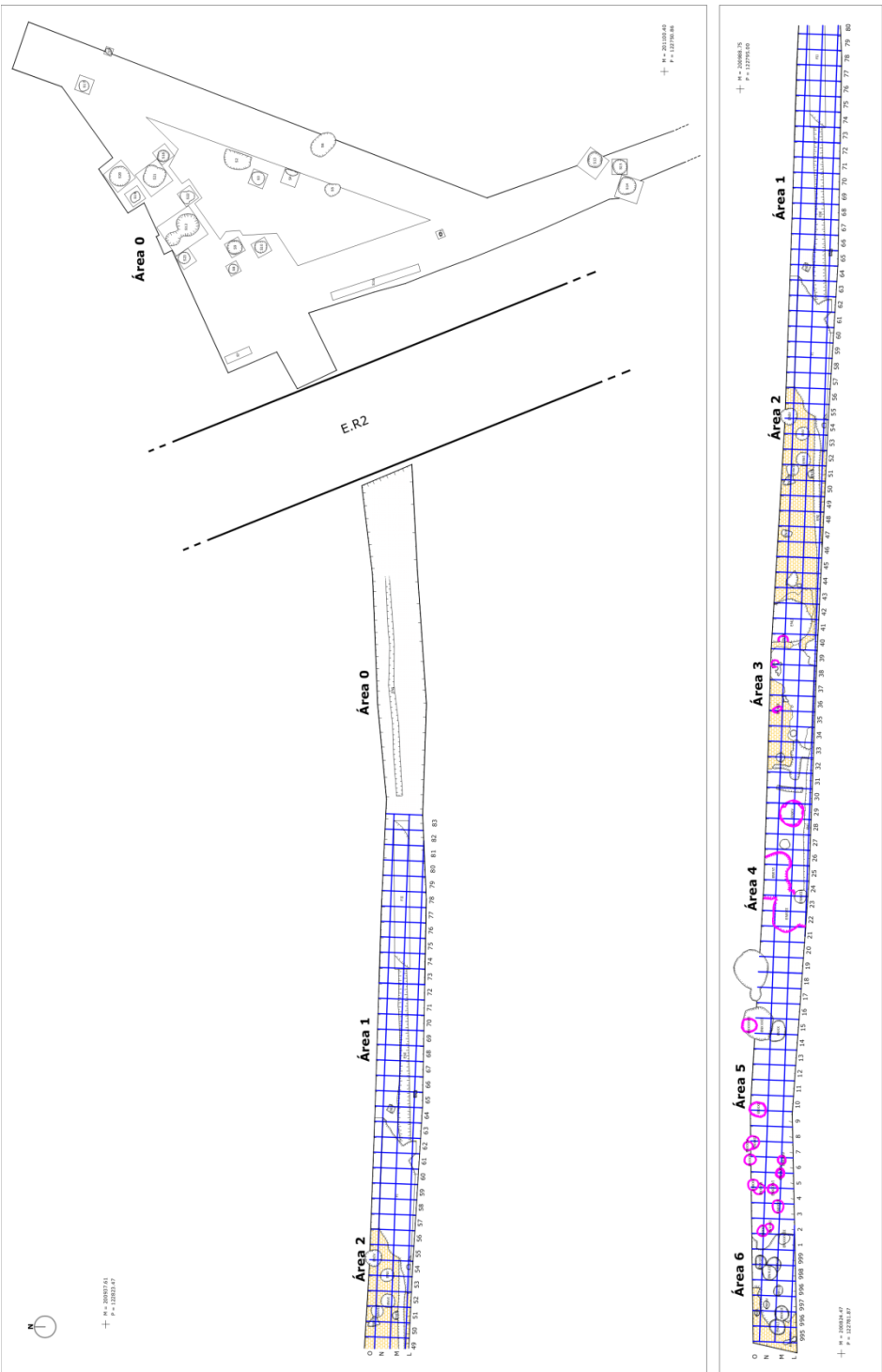


Figura 7 – Planta geral das áreas com a diferenciação cronológica das estruturas negativas (Rodrigues, 2013).



Figura 8 – Vista geral da área 3 (Rodrigues, 2013)



Figura 9 – Aspecto geral da área 4 (Rodrigues, 2013)

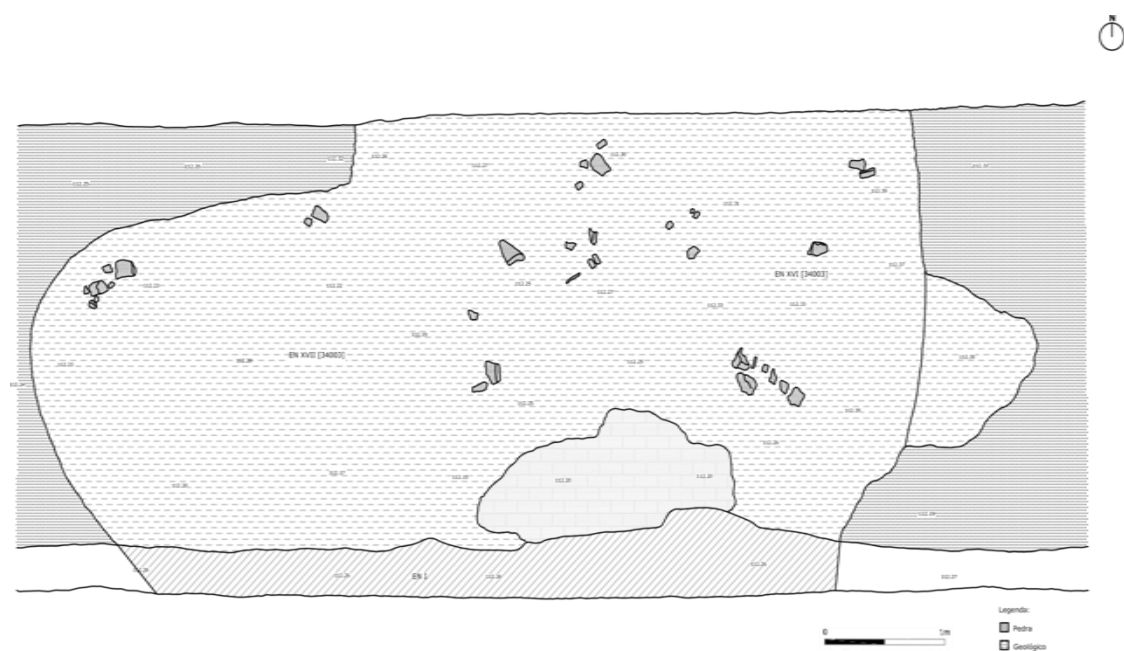


Figura 10 – Planta geral das EN XVI e XVII preenchidas pela U.E.[34003] (Rodrigues, 2013).



Figura 11 – Aspecto da EN XVI durante a sua escavação (Rodrigues, 2013).



Figura 12 – Perfil norte da estrutura negativa XVI (Rodrigues, 2013).

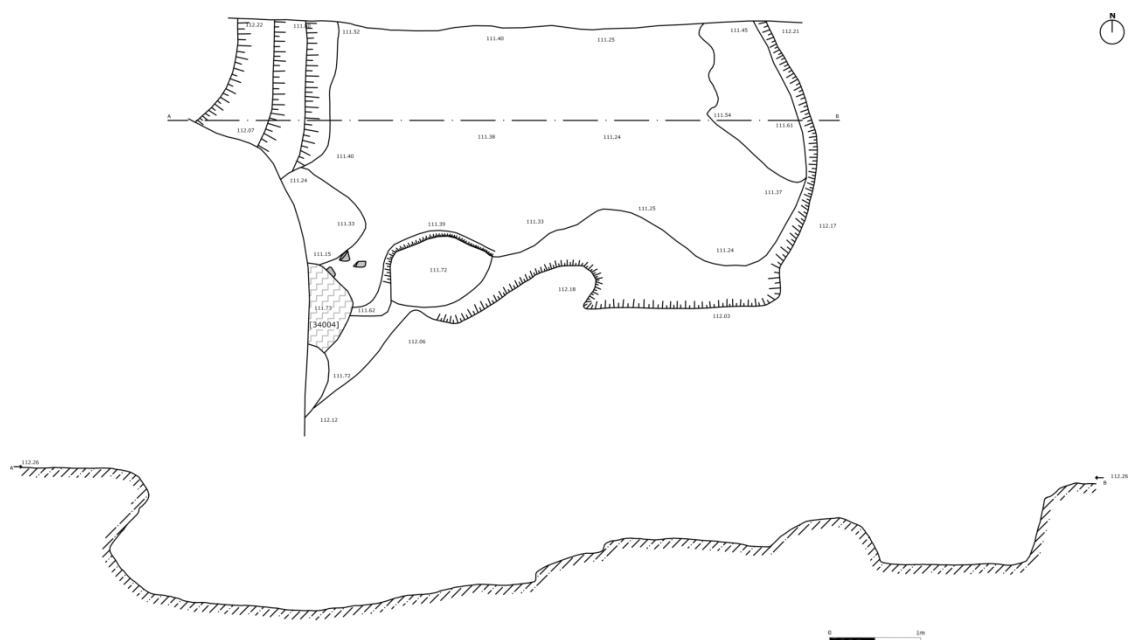


Figura 13 – Plano final e perfil transversal da EN XVI (Rodrigues, 2013)

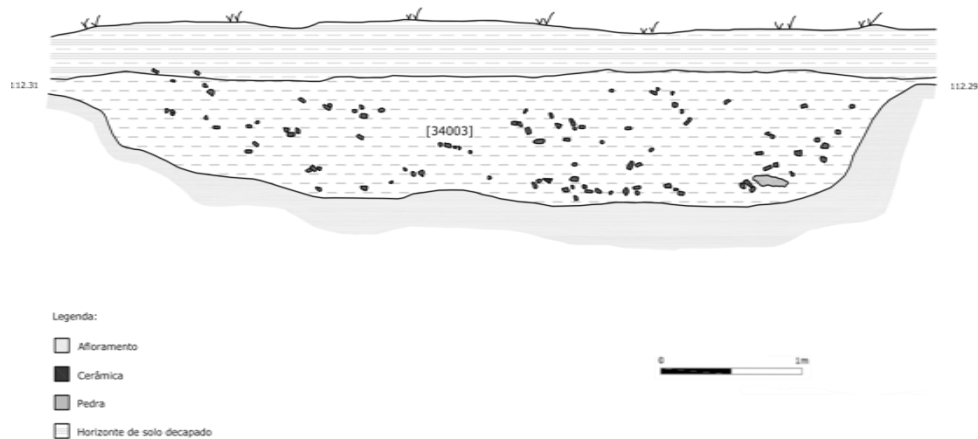


Figura 14 – Perfil norte da EN XVI (Rodrigues, 2013)

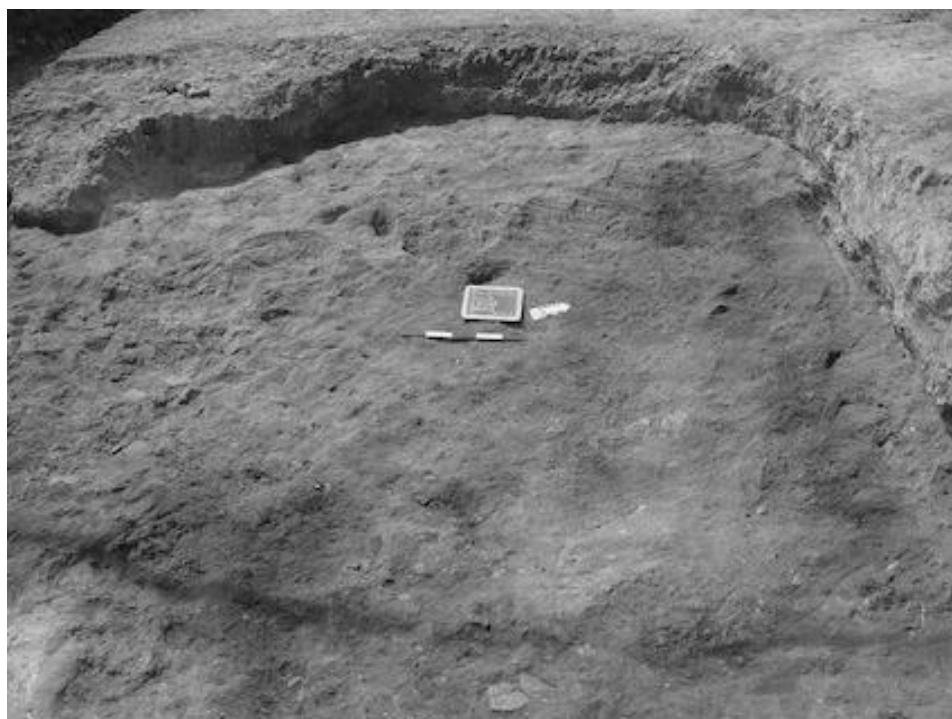


Figura 15 – Aspecto da EN XVII no início da escavação da U.E. [34005] (Rodrigues, 2013).



Figura 16 – Aspecto geral da EN XVII após a escavação (Rodrigues, 2013).

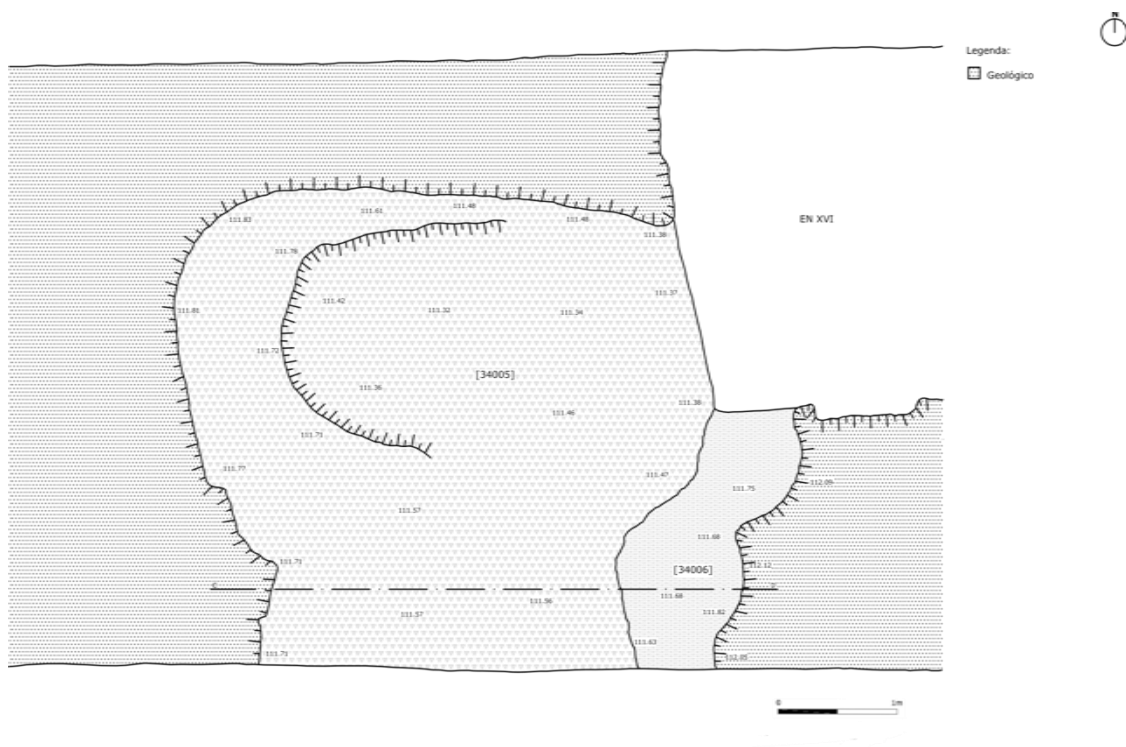


Figura 17 – Planta da EN XVII com o topo da U.E. [34005] (Rodrigues, 2013).

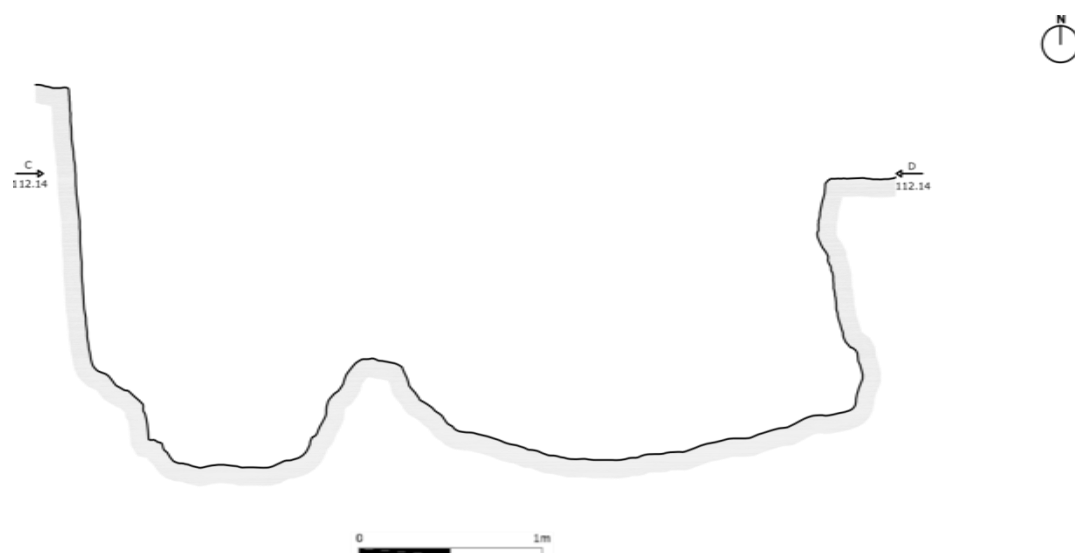


Figura 18 – Perfil transversal da EN XVII (Rodrigues, 2013).

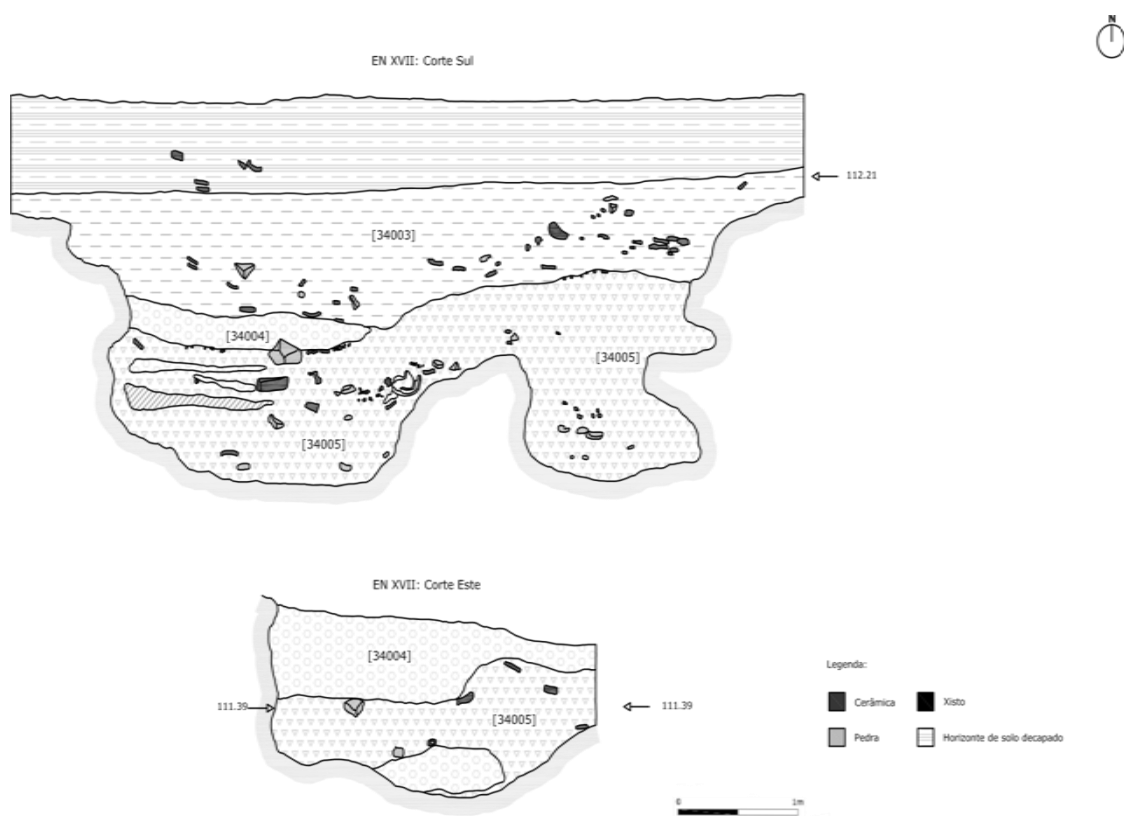


Figura 19 – Corte sul e este da EN XVII (Rodrigues, 2013).



Figura 20 – Vista geral da área 5 (Foto: Paulo Marques – EDIA, SA) (Rodrigues, 2013).

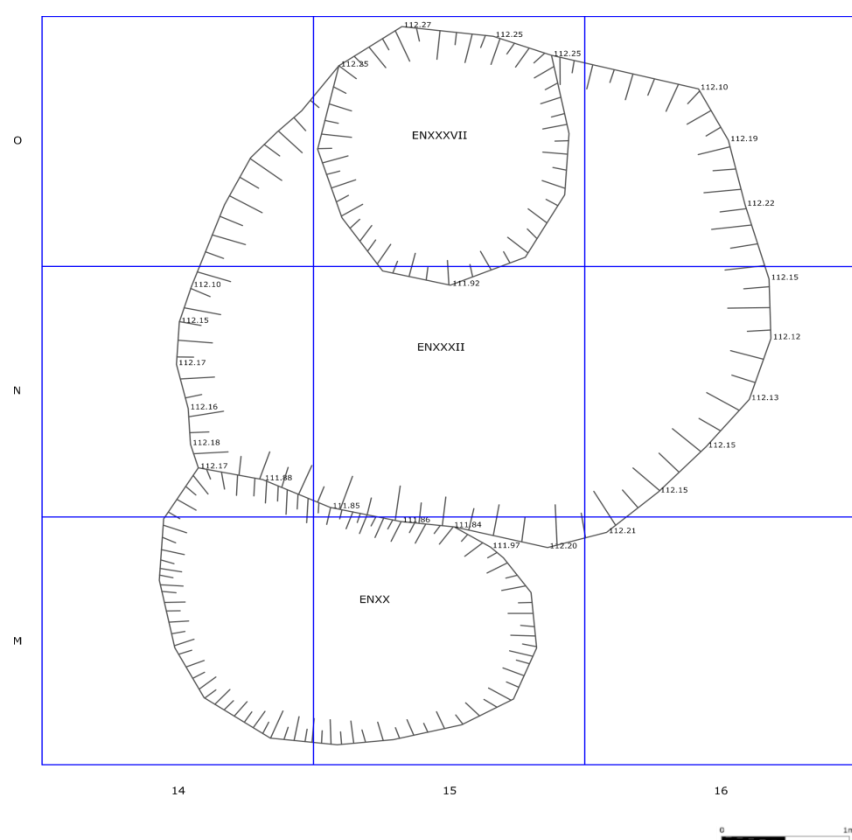


Figura 21 – Planta do topo da EN XXXII e XXXVII (Rodrigues, 2013).

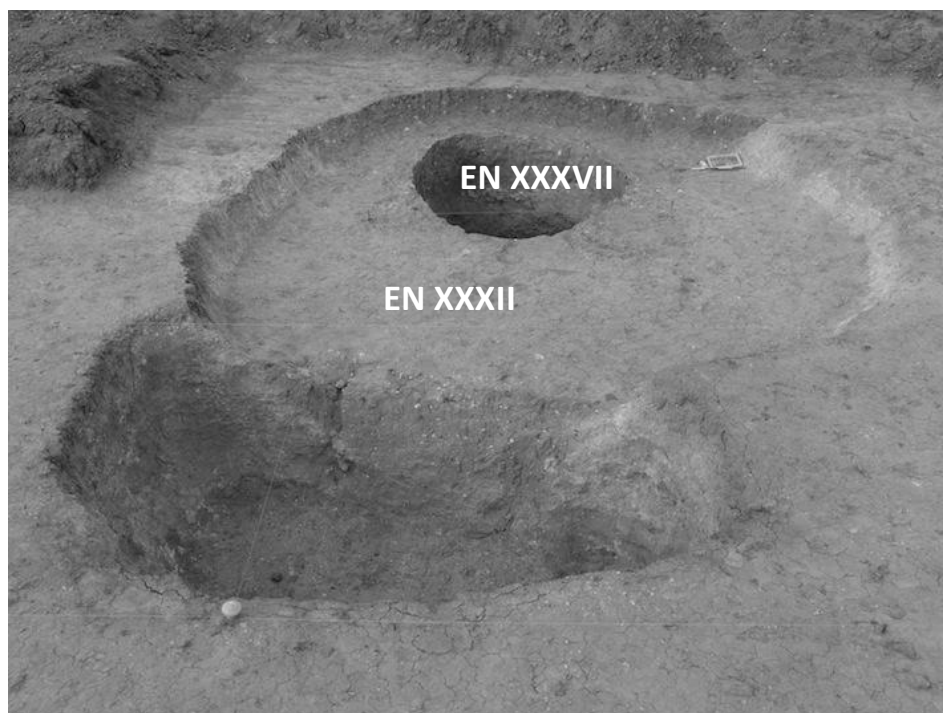


Figura 22 – Aspecto da EN XXXVII após a escavação (Rodrigues, 2013).



Figura 23 – Topo da EN XXX (Rodrigues, 2013).



Figura 30 – Plano final da EN XXXI (Rodrigues, 2013).



Figura 31 – Plano da U.E. [34009] (Rodrigues, 2013).

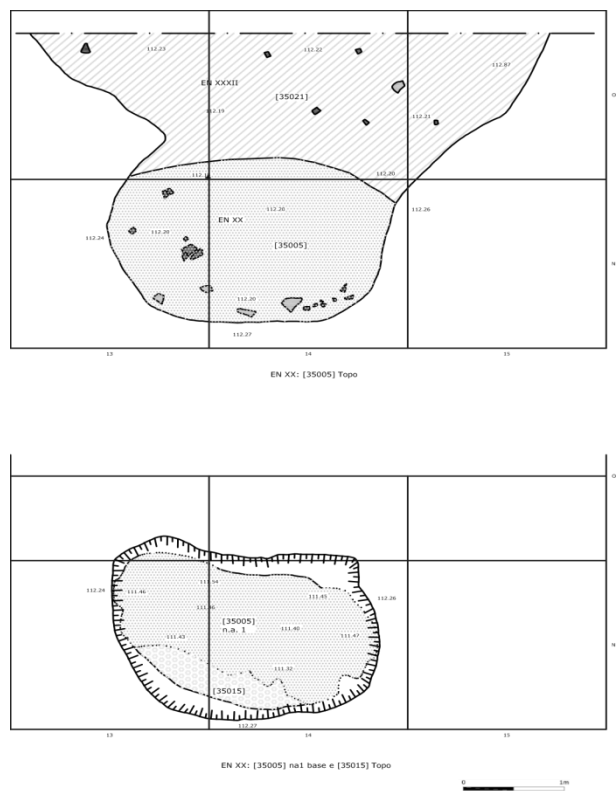


Figura 32 – Planta de topo e intermédia da EN XX (Rodrigues, 2013).

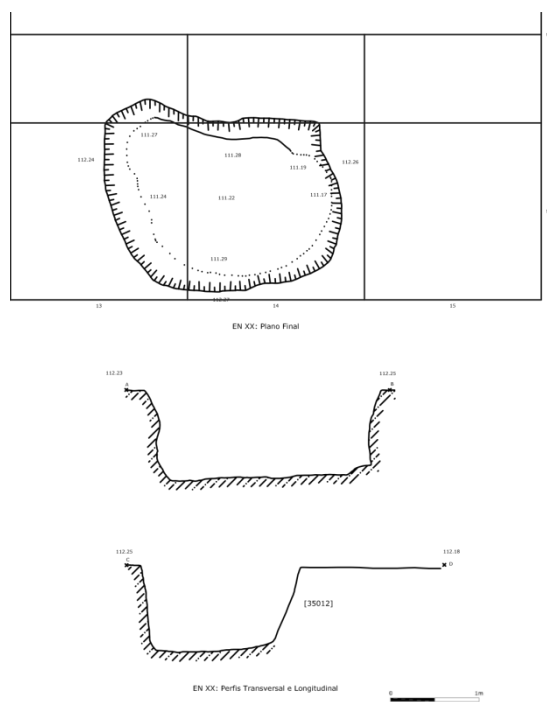


Figura 33 – Planta final e perfis da EN XX (Rodrigues, 2013).

Anexo II

Documentação gráfica e fotográfica do espólio

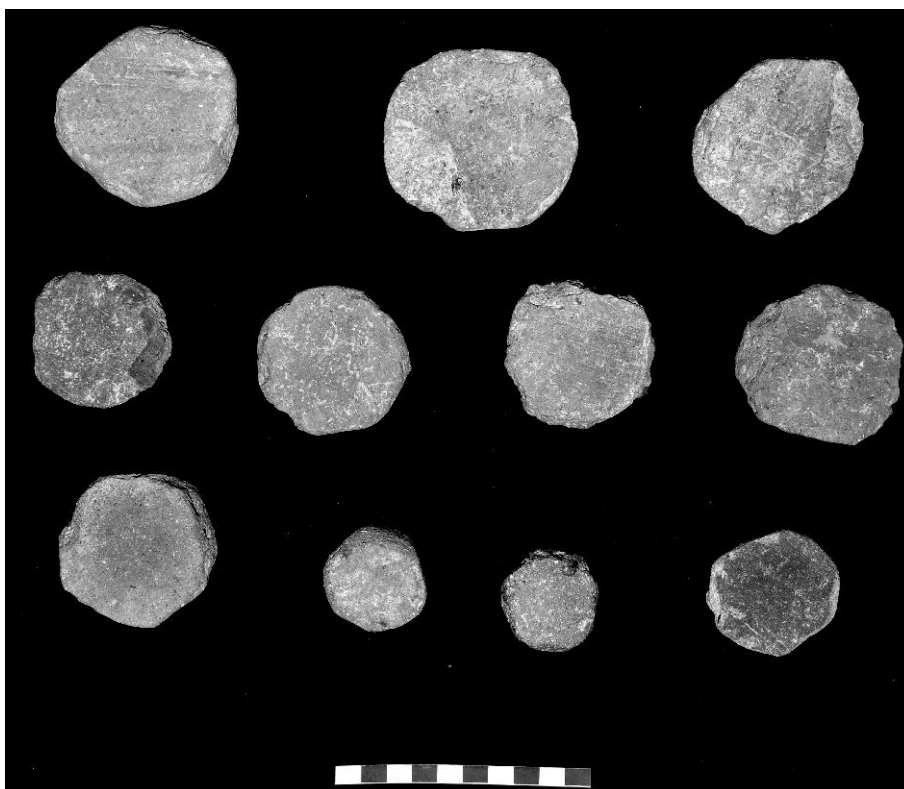


Figura 1 – Peças de jogo e/ou tampas identificadas na área 4

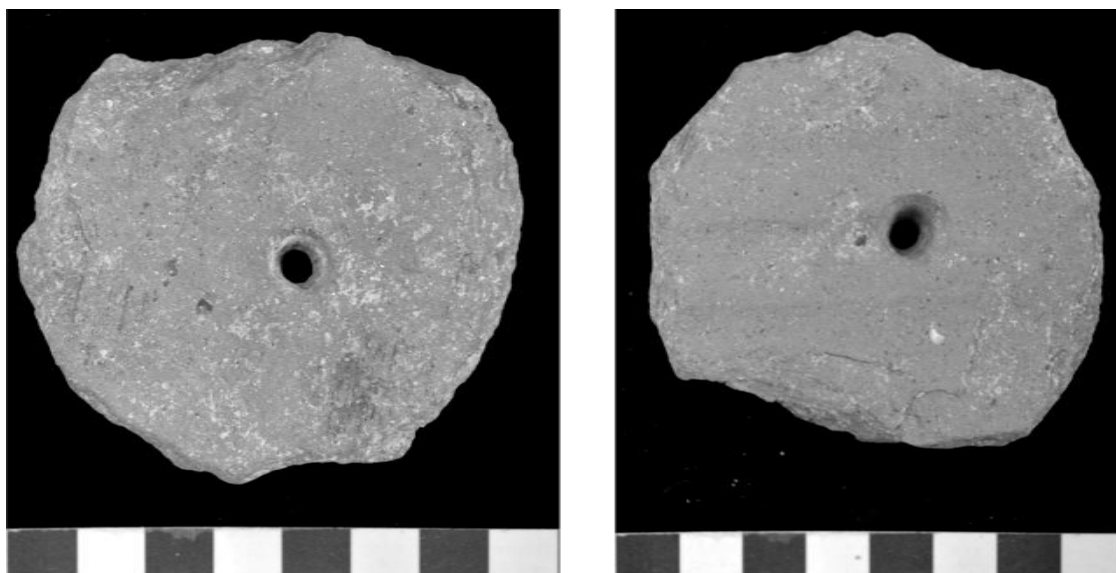


Figura 2 – Cossoiro em cerâmica identificado área 5

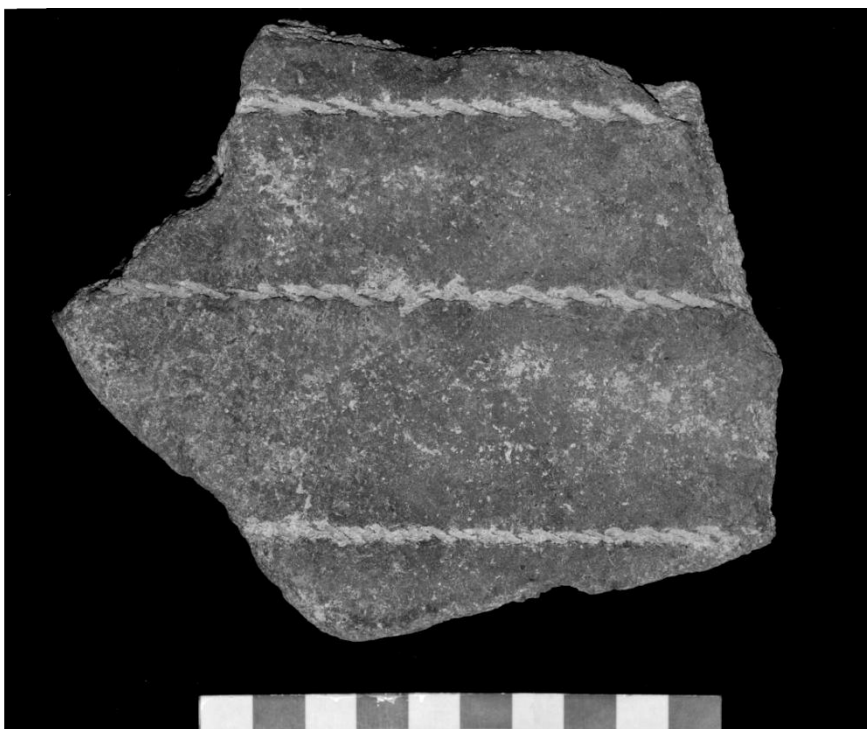


Figura 3 – Bojo de *dolium*/talha com decoração impressa em forma de cordão
identificado na área 5

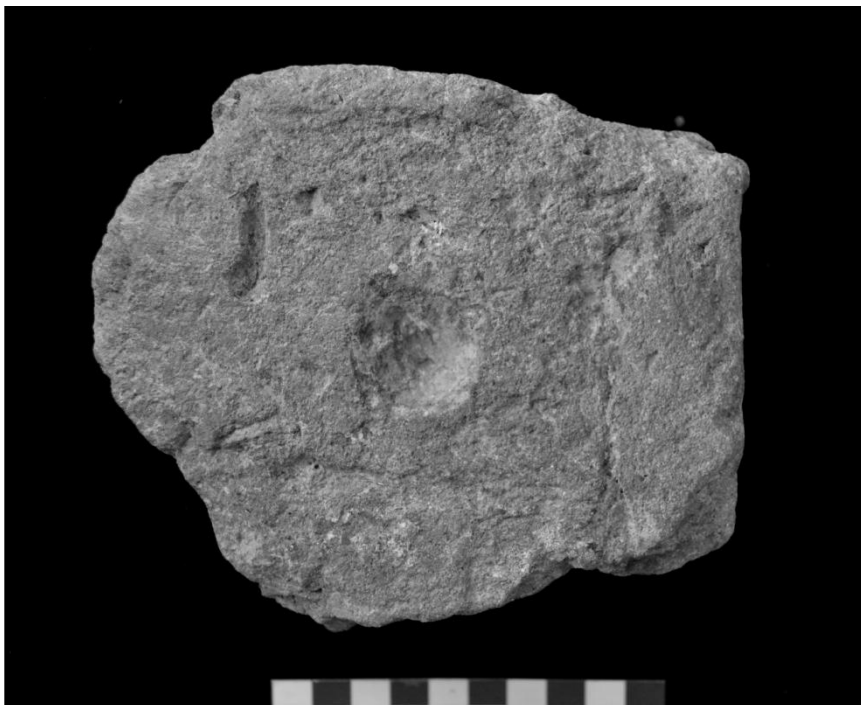


Figura 4 – Base de apoio para fuso de roca ou base de apoio para torno identificado na
área 4



Figura 5 – Base de apoio para fuso de roca ou base de apoio para torno identificado na área 4



Figura 6 – Base de apoio para fuso de roca ou base de apoio para torno identificado na área 4

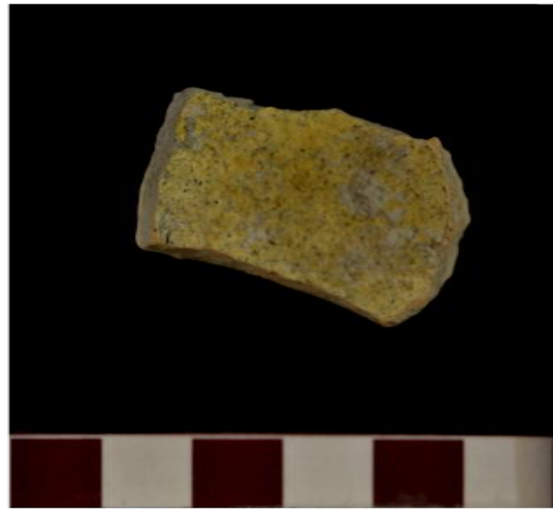


Figura 7 – Fragmento de bojo de jarrinho vidrado a verde e amarelo com arranque de asa identificado na área 4

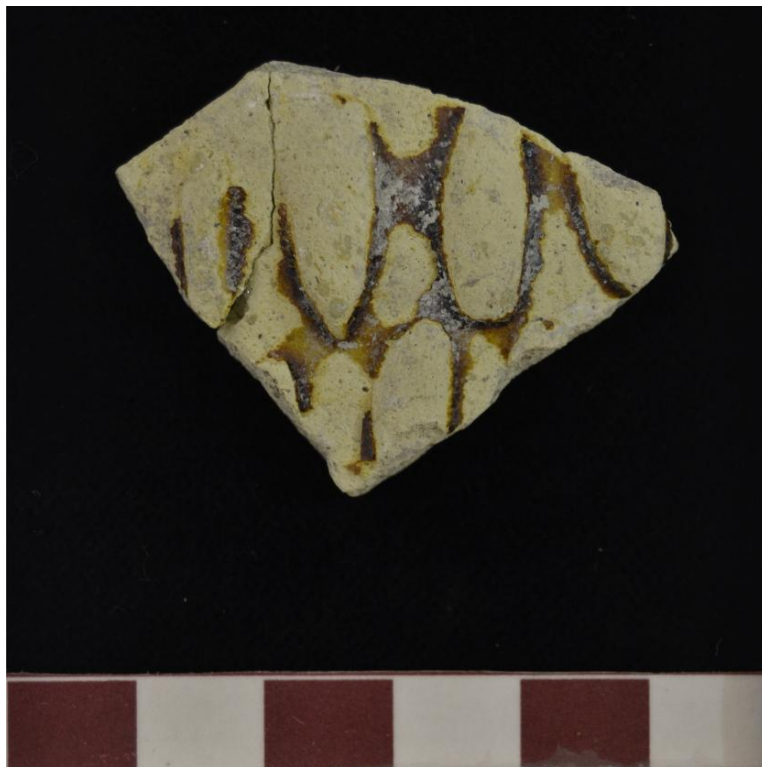


Figura 8 – Fragmento de bojo de jarrito? com vidrado castanho identificado na área 4



Figura 9 – Telha decorada com linhas horizontais identificada na área 5



Figura 10 – Telha com decoração ondulada identificada na área 4



Figura 11 – Telha com impressões digitadas identificada na área 4



Figura 12 – Tégula com punções e linhas digitadas identificada na área 5



Figura 13 – Telha com incisões identificada na área 4



Figura 14 – Telha com antropomorfo? Identificada na área 4

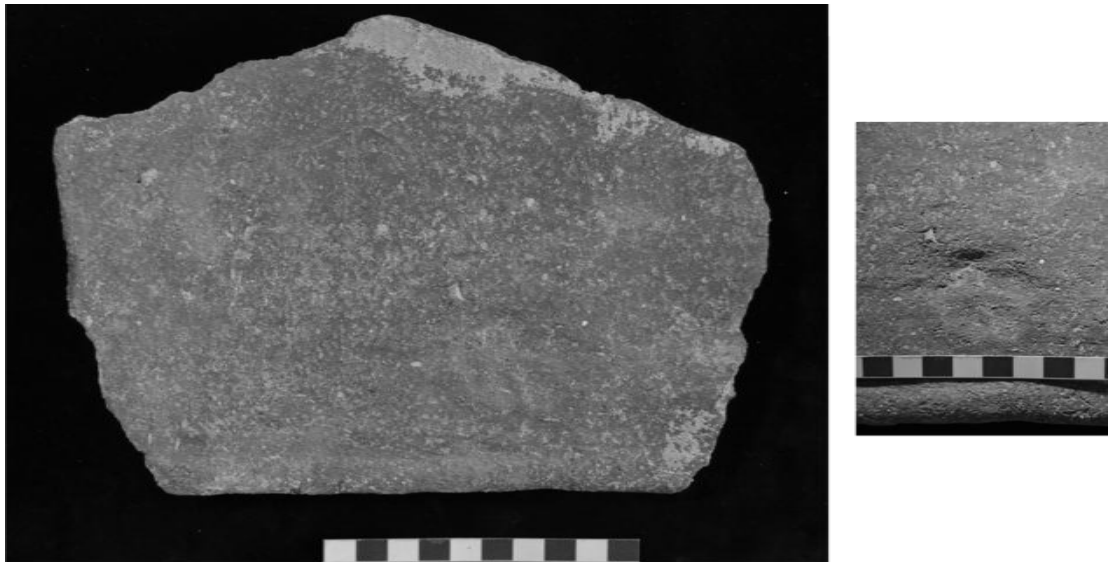


Figura 15 – Telha com impressão de pata de animal identificada na área 4



Figura 16 – Telha com inscrição identificada na área 4

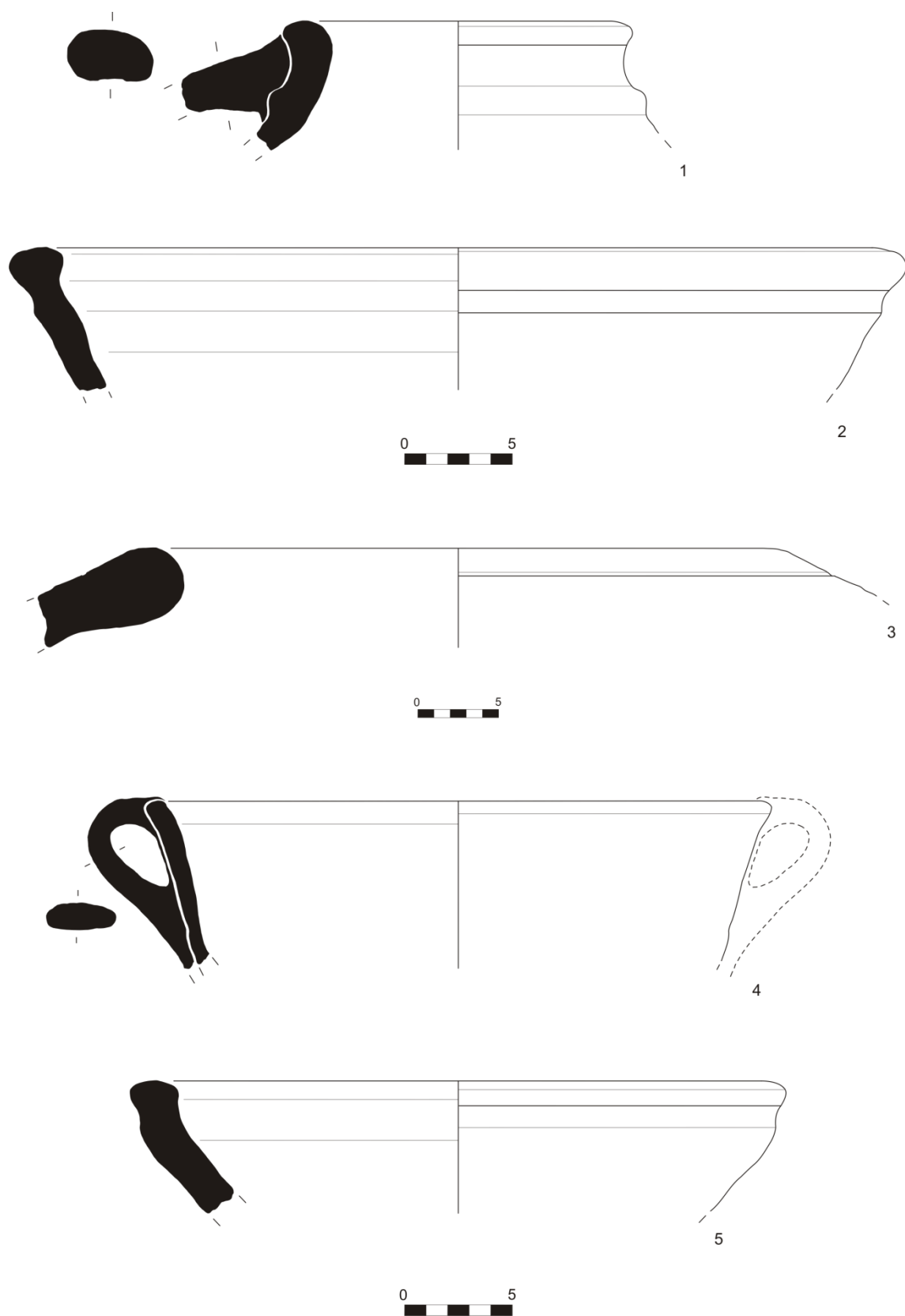


Figura 17 – Peças 1 a 5

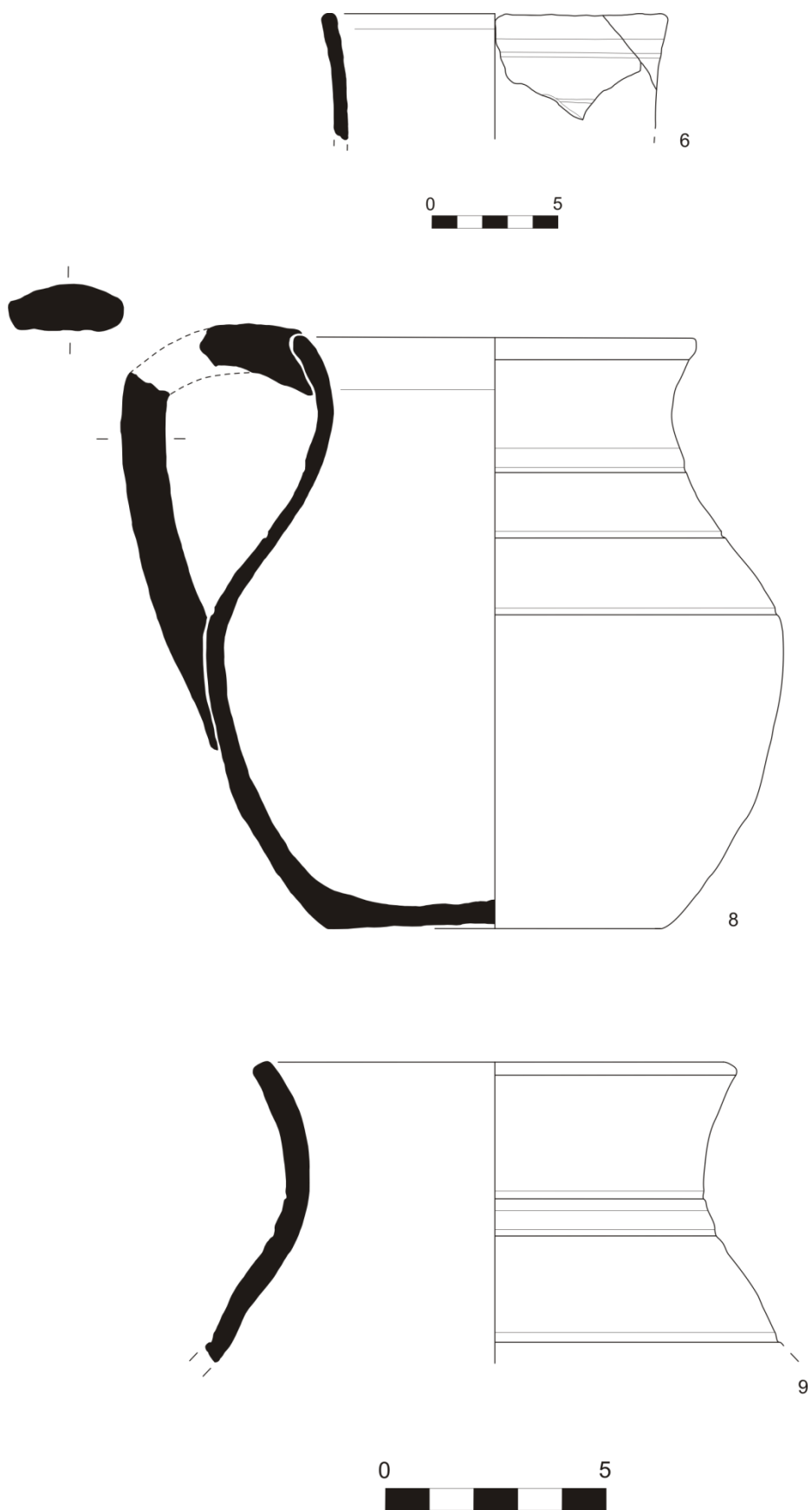


Figura 18 – Peças 6, 8 e 9

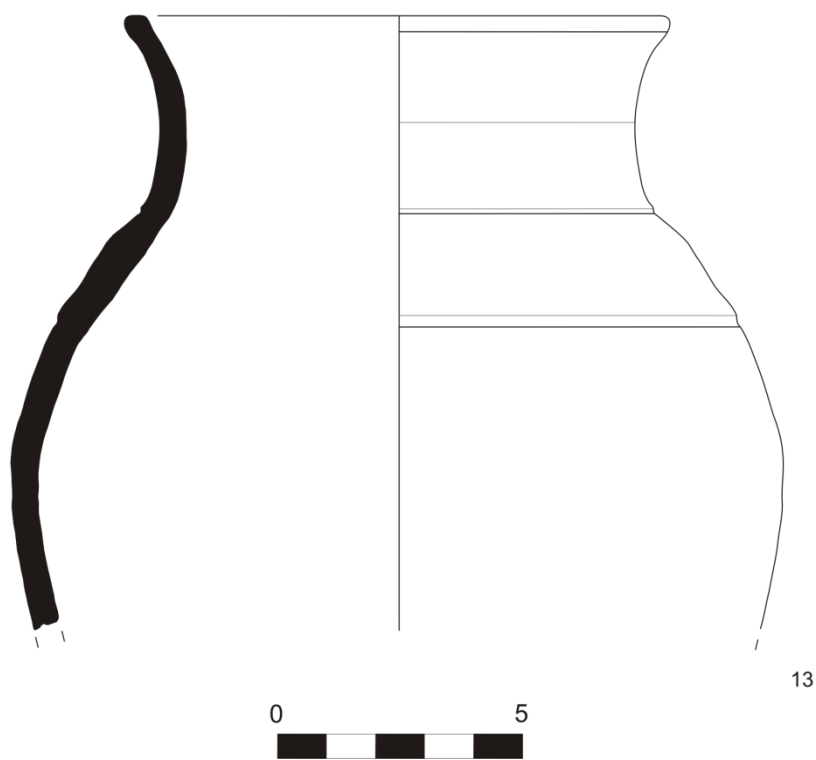
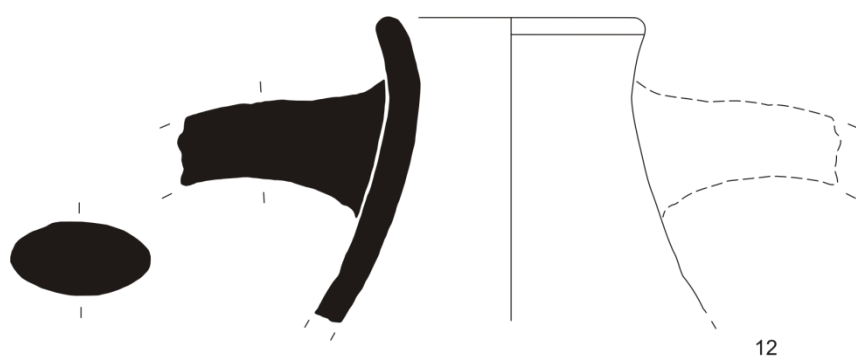
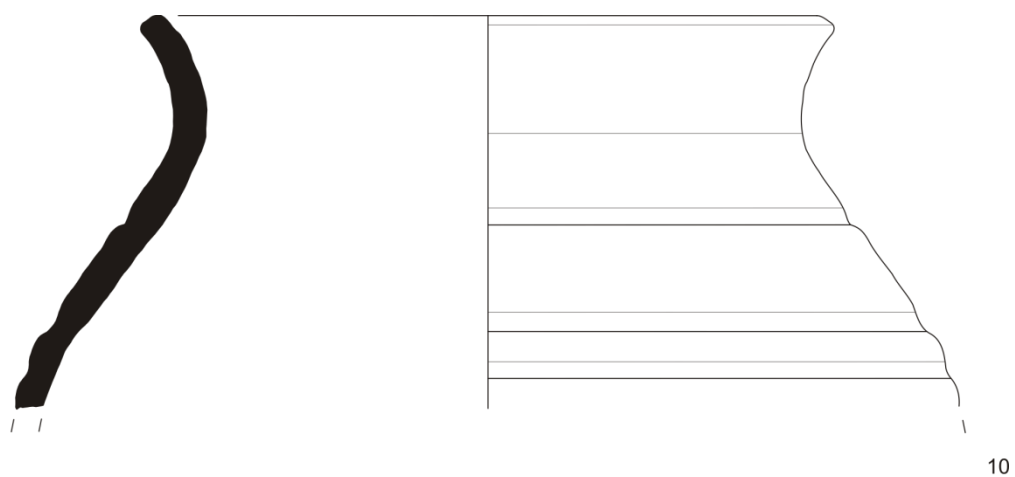


Figura 19 – Peças 10, 12 e 13

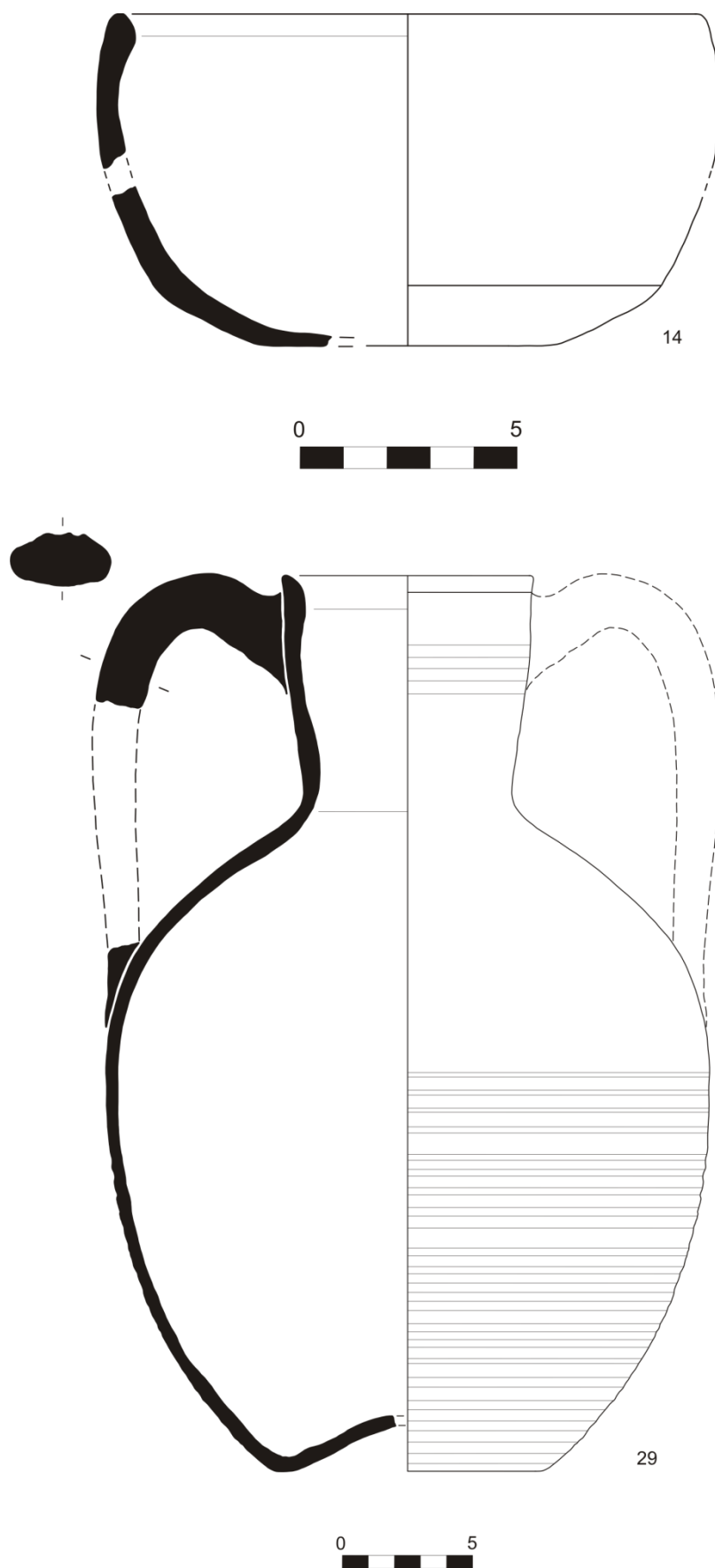


Figura 20 – Peças 14 e 29

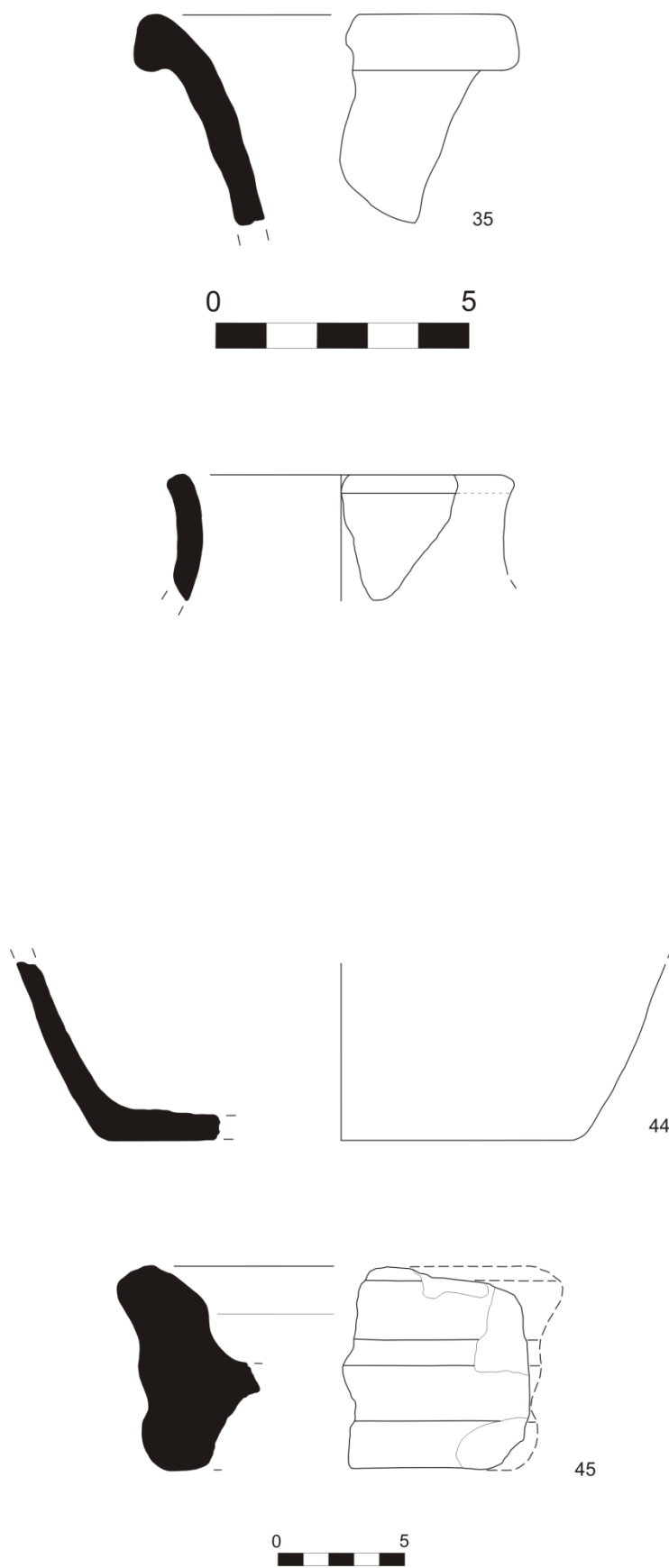


Figura 21 – Peças 35, 44 e 45

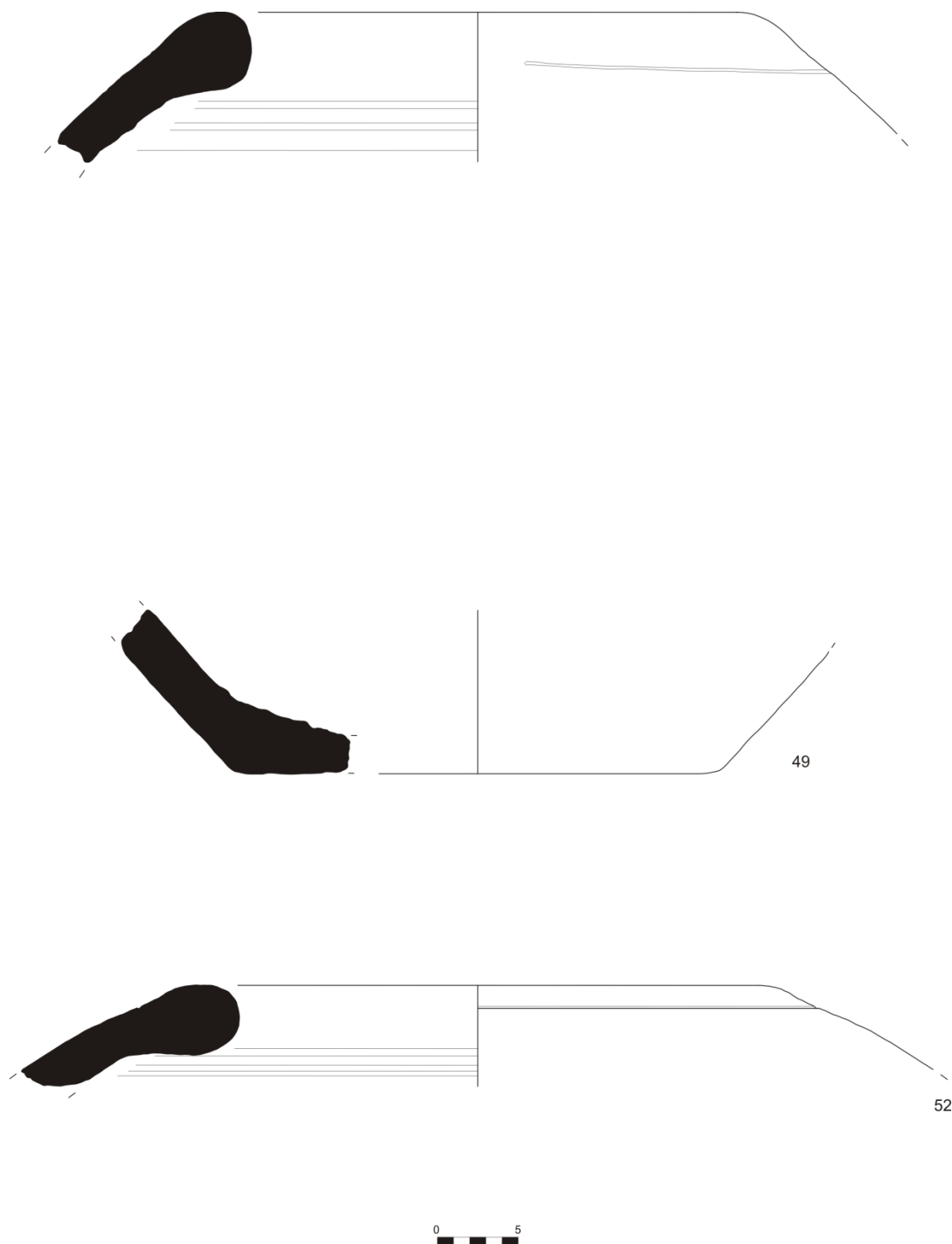


Figura 22 – Peças 49 e 52

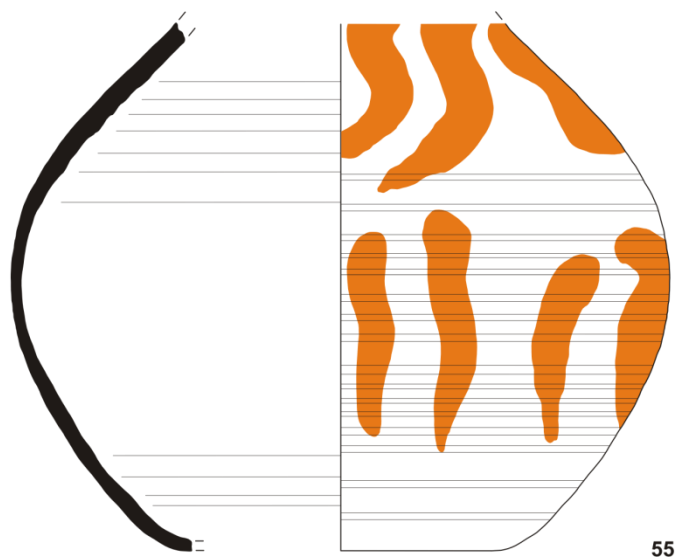
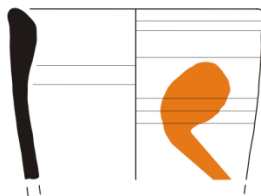
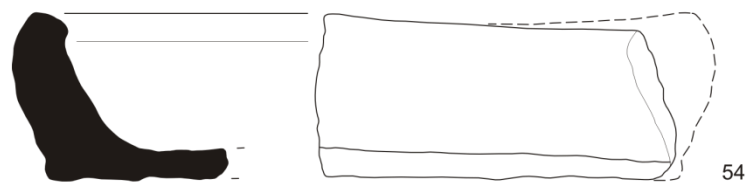


Figura 23 – Peças 53, 54 e 55

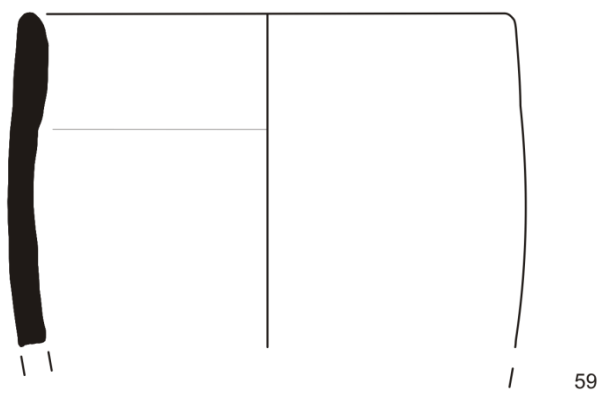
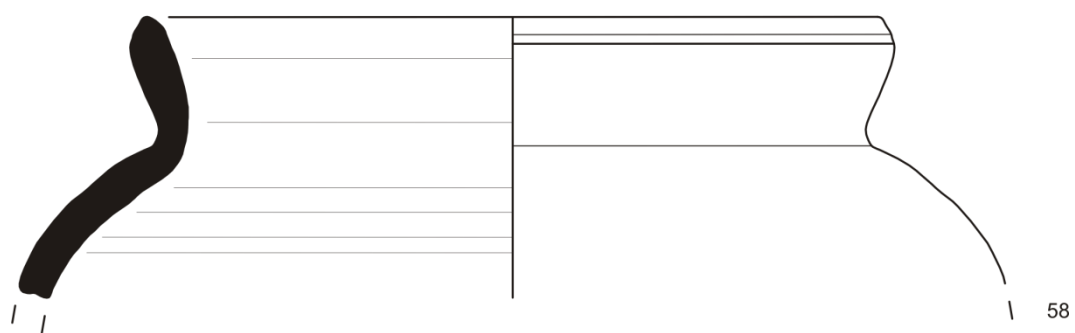
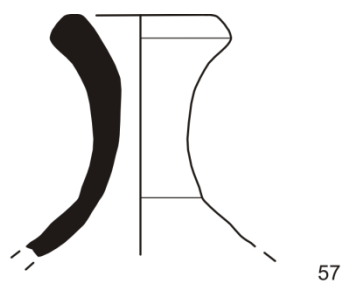


Figura 24 – Peças 57, 58 e 59

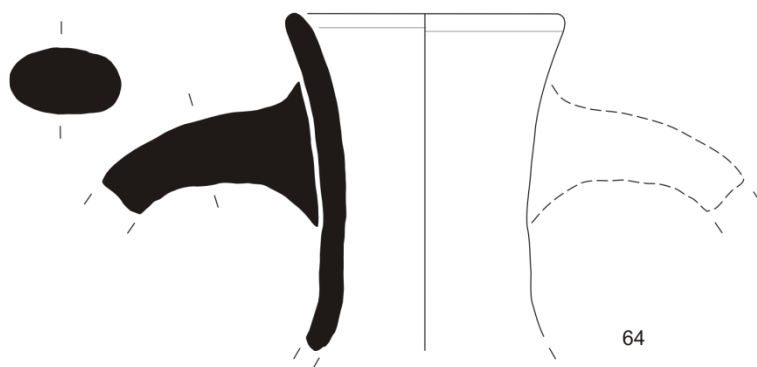
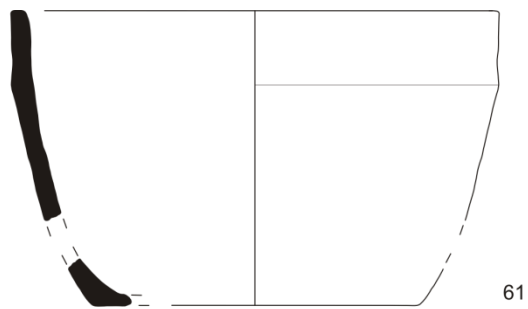


Figura 25 – Peças 61, 64 e 65

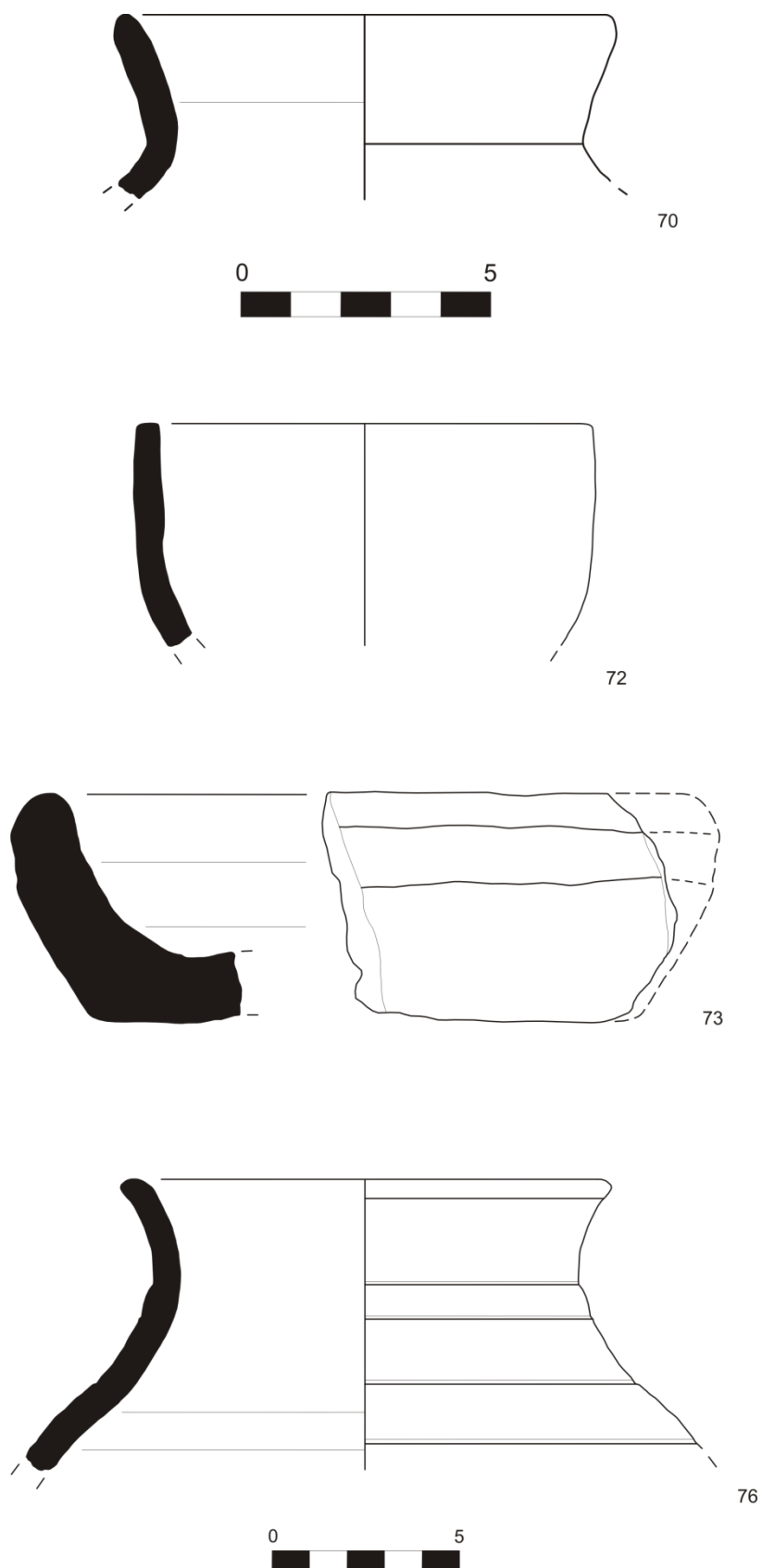


Figura 26 – Peças 70, 72, 73 e 76

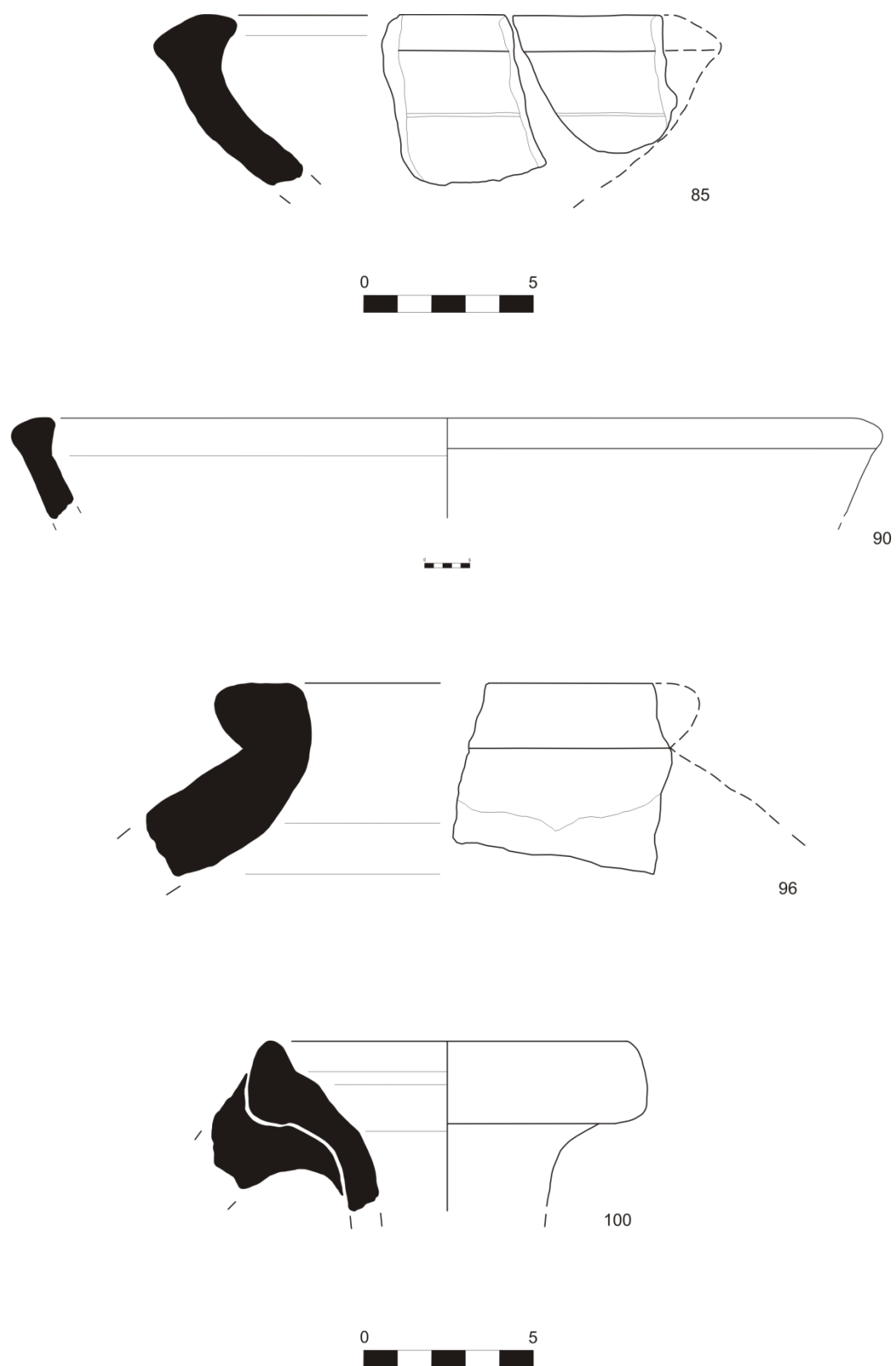


Figura 27 – Peças 85, 90, 96 e 100

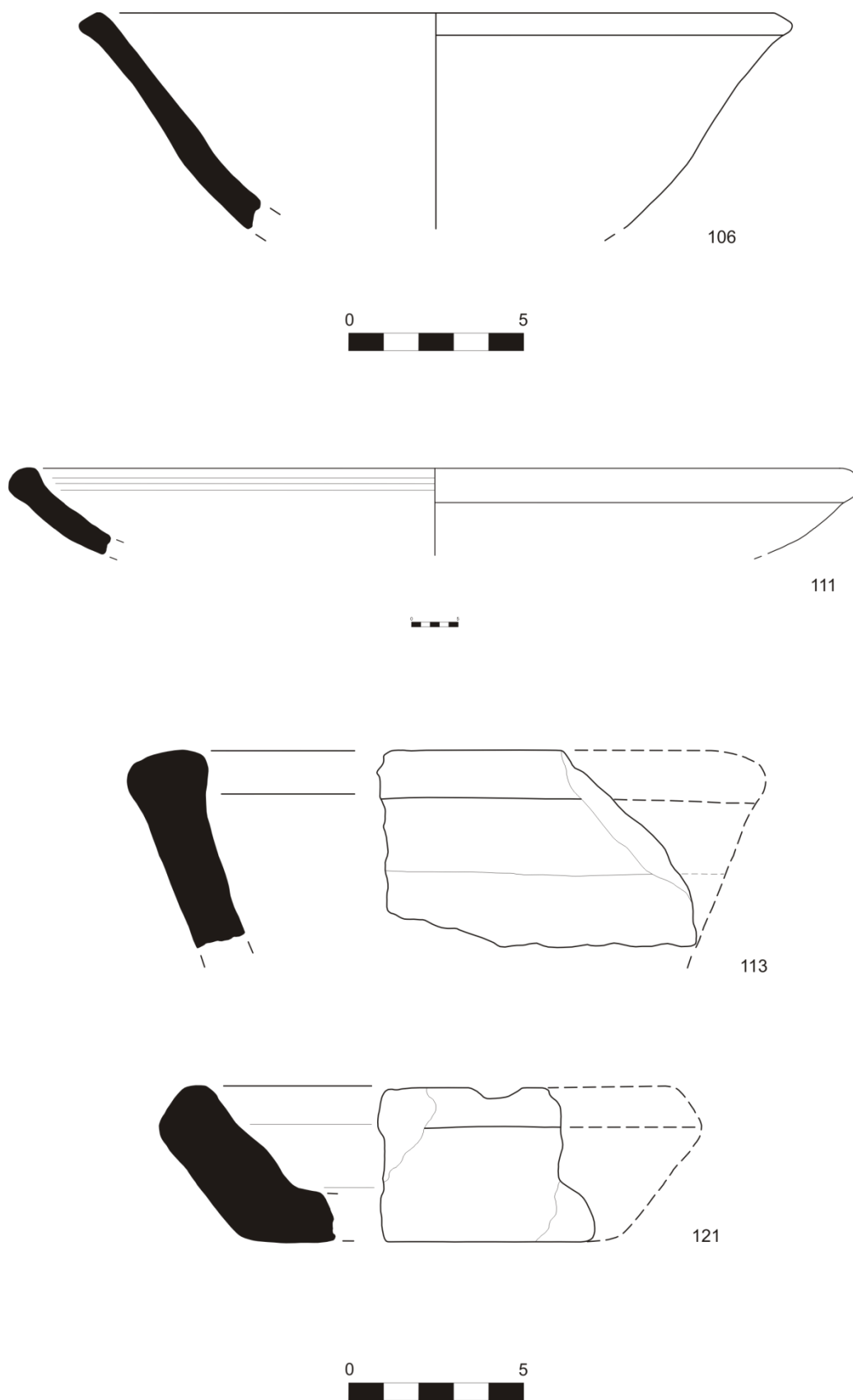


Figura 28 – 106, 111, 113 e 121

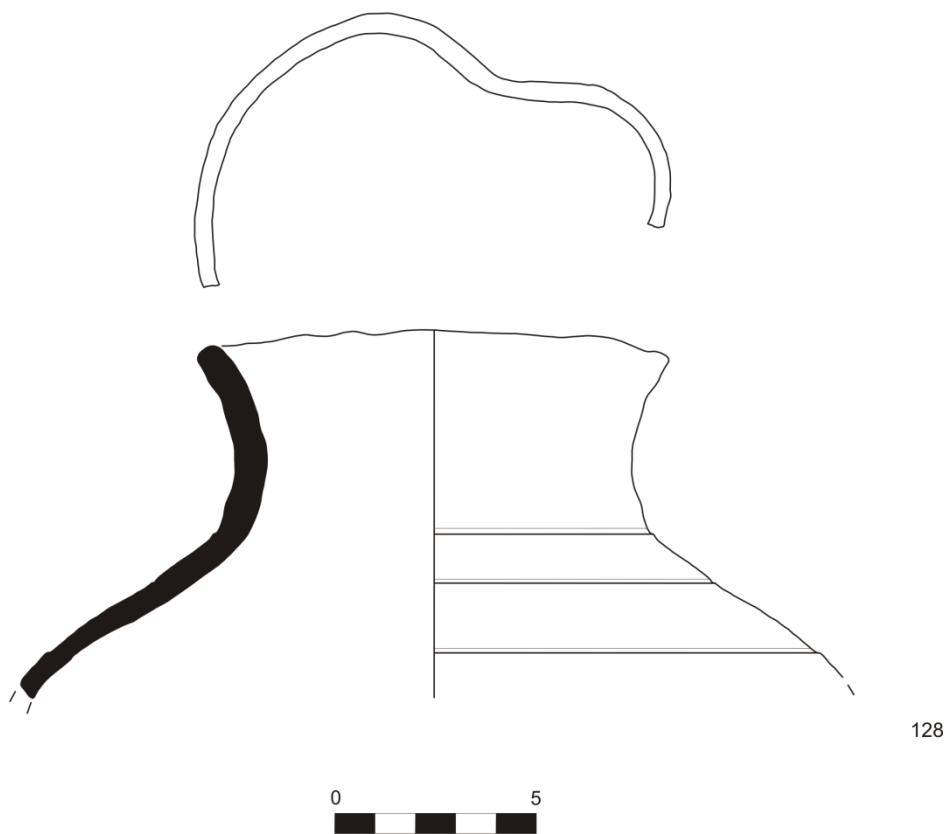
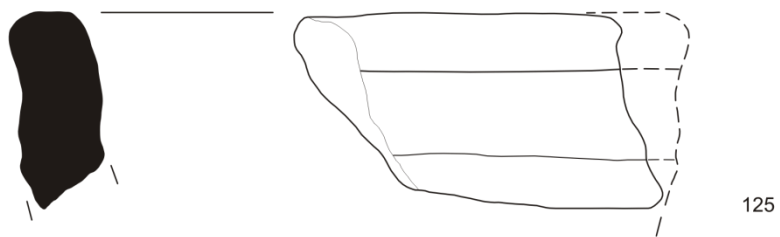
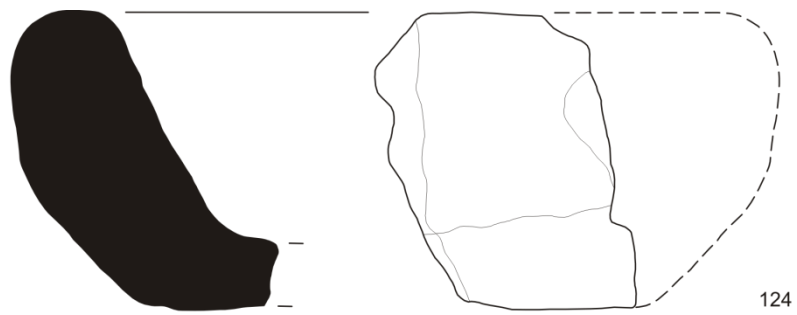


Figura 29 – Peças 124, 125 e 128

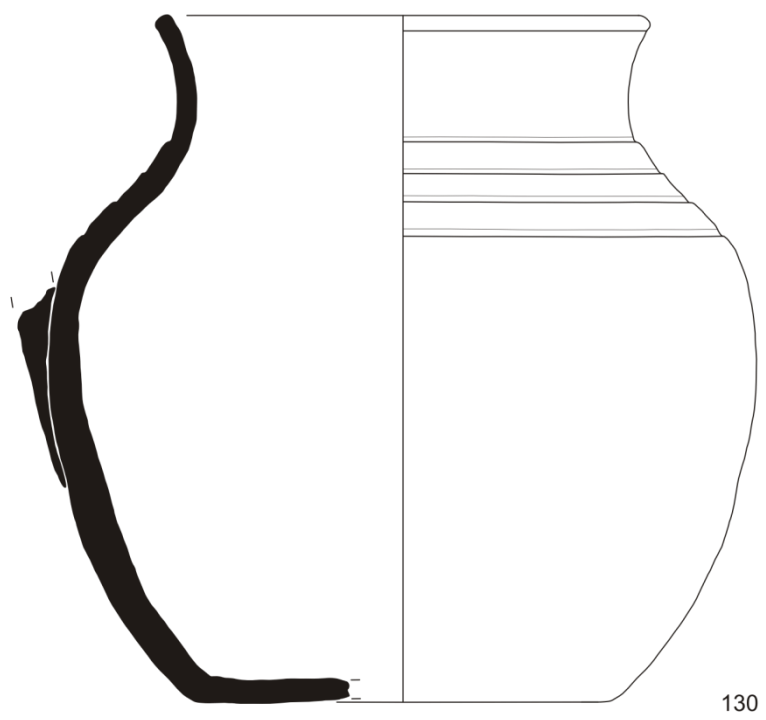
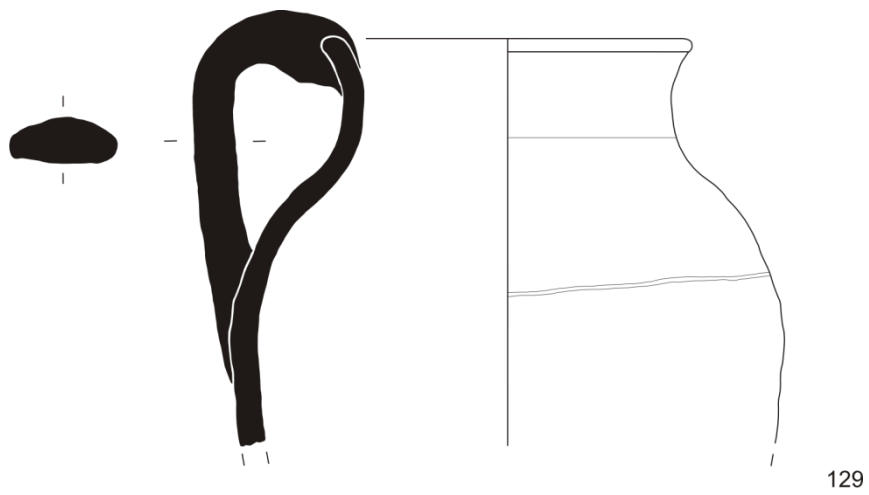


Figura 30 – Peças 129 e 130

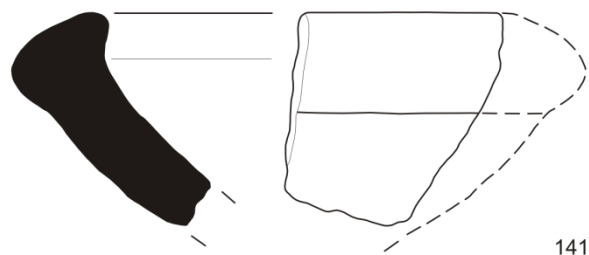
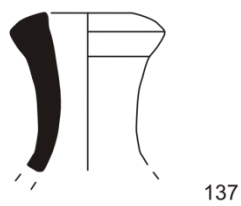
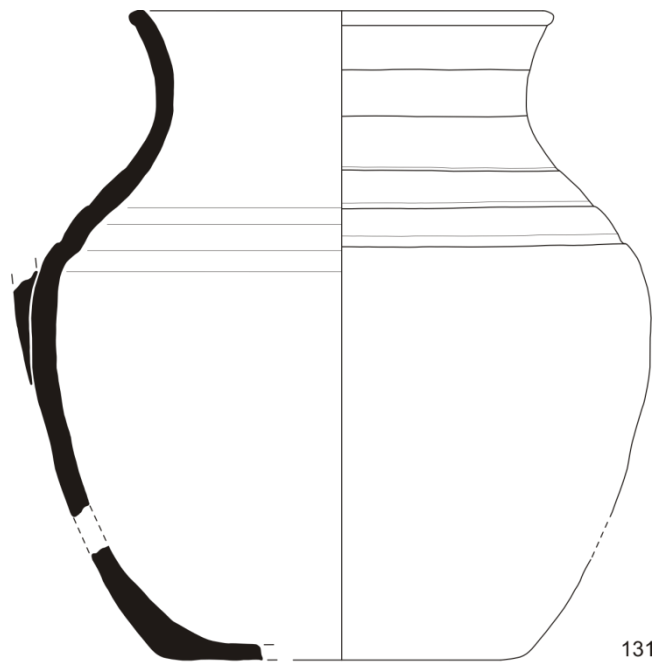


Figura 31 – Peças 131, 137 e 141

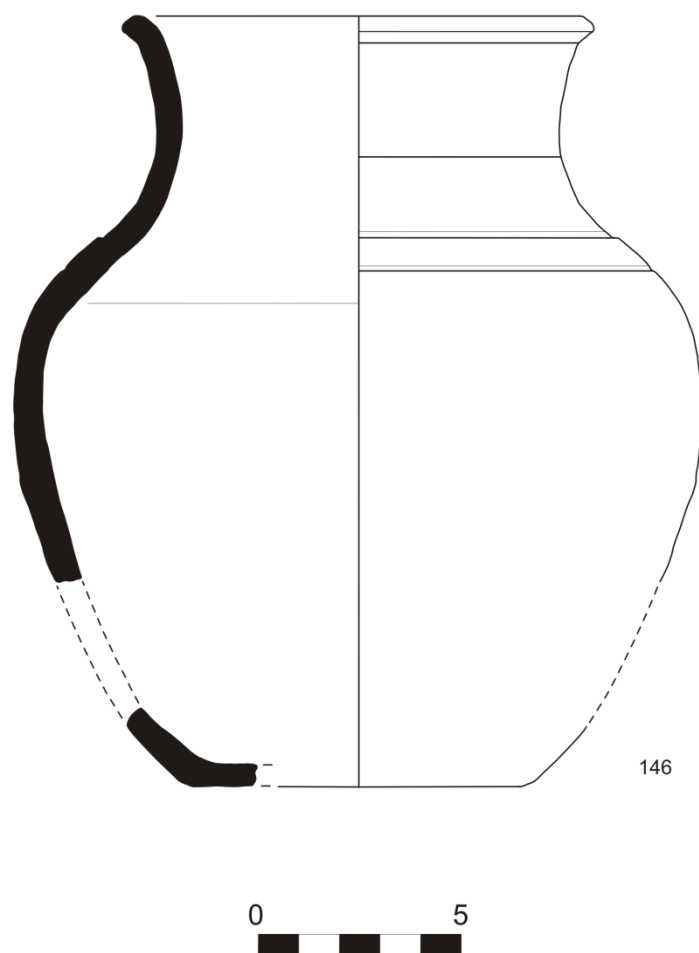
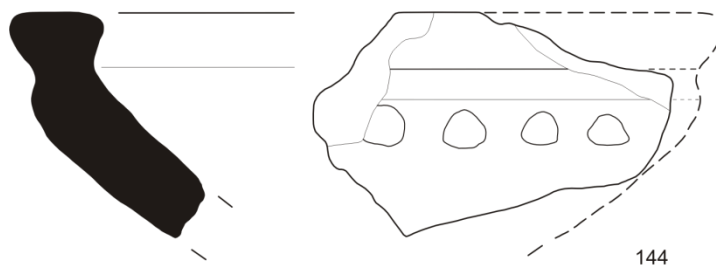
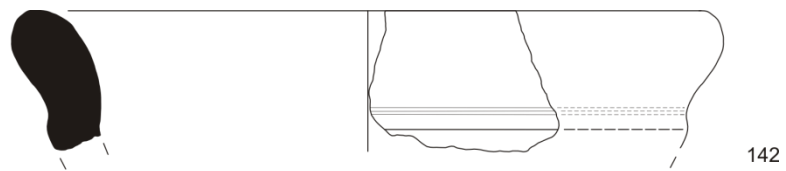
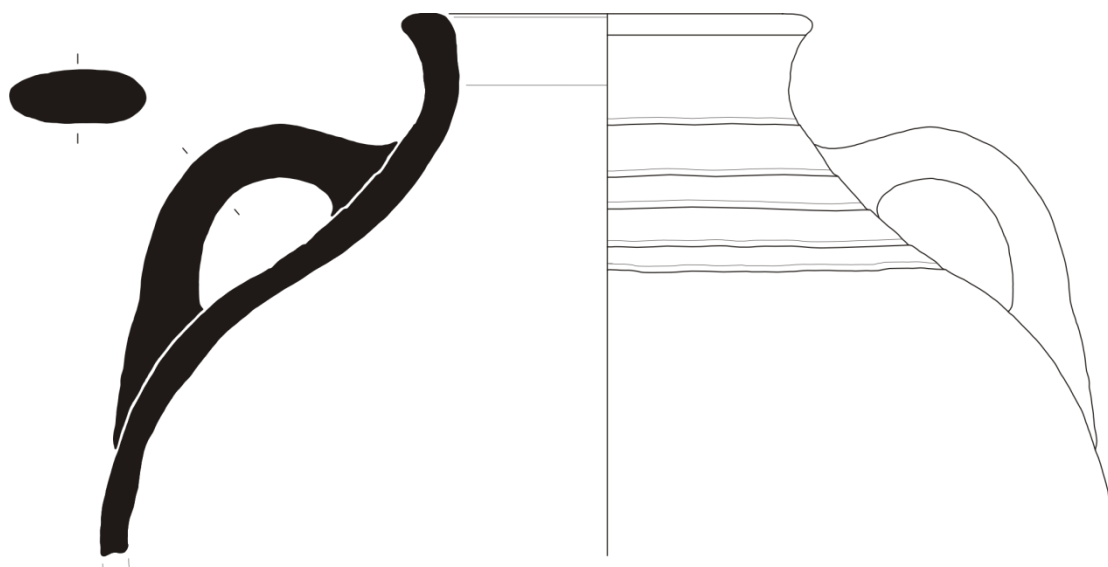


Figura 32 – Peças 142, 144 e 146



147



Figura 33 – Peça 147

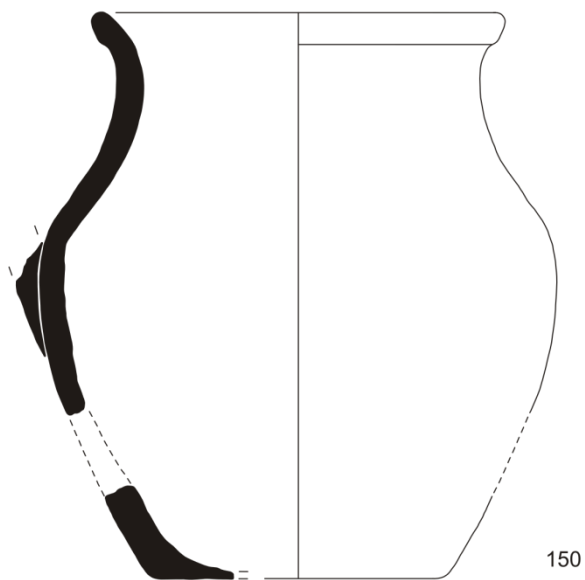
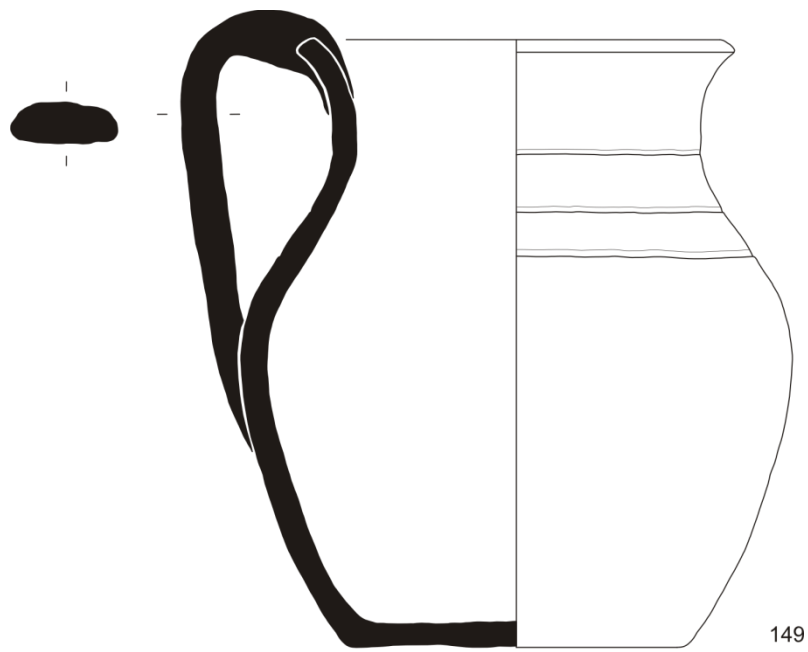


Figura 34 – Peças 149 e 150

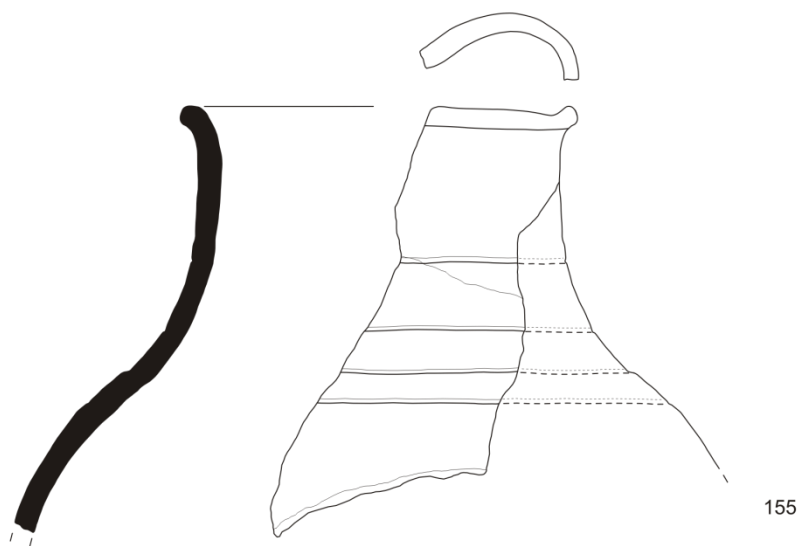
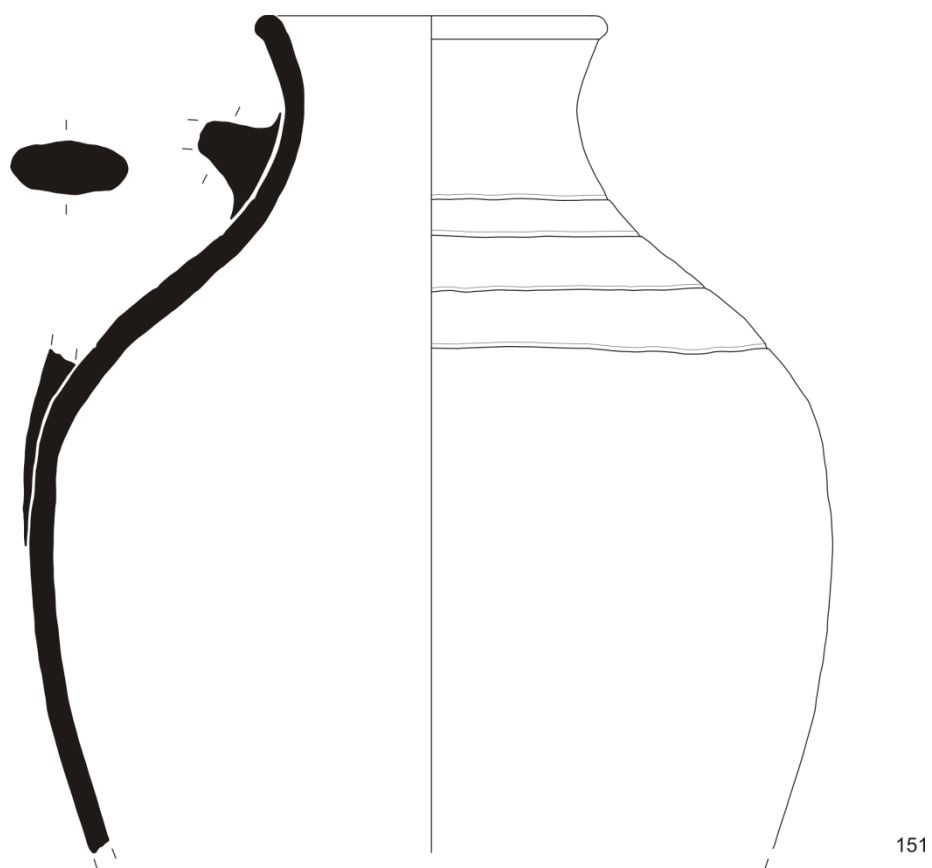


Figura 35 – 151 e 155

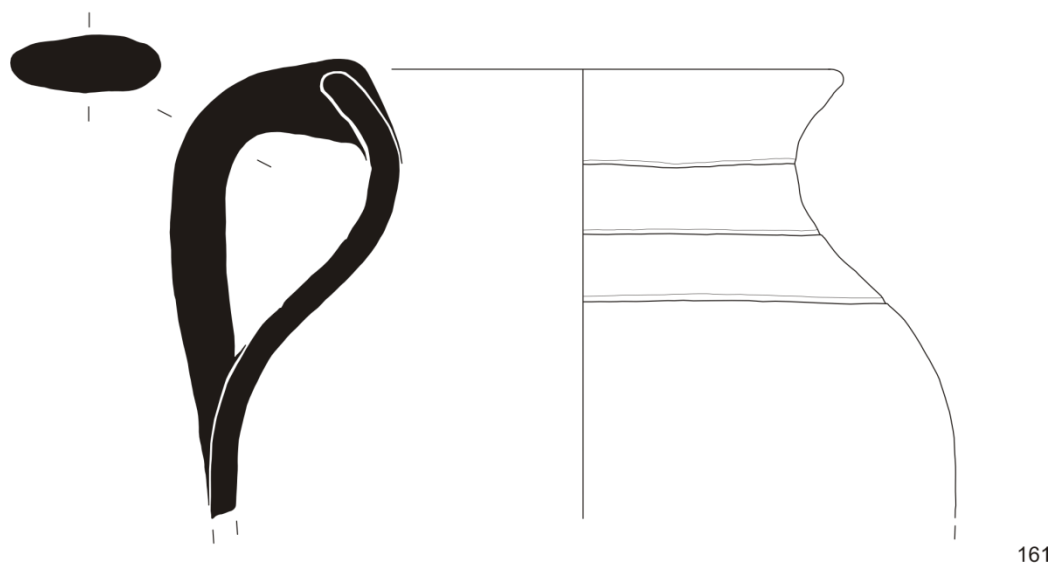
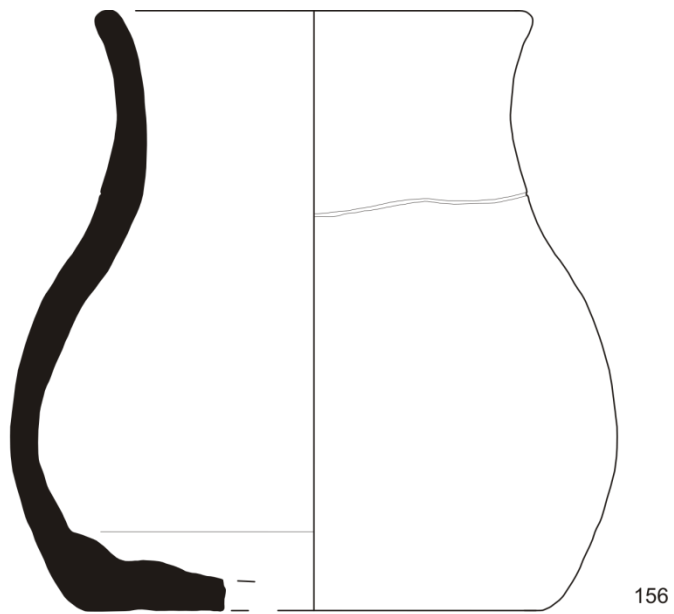


Figura 36 – Peças 156 e 161

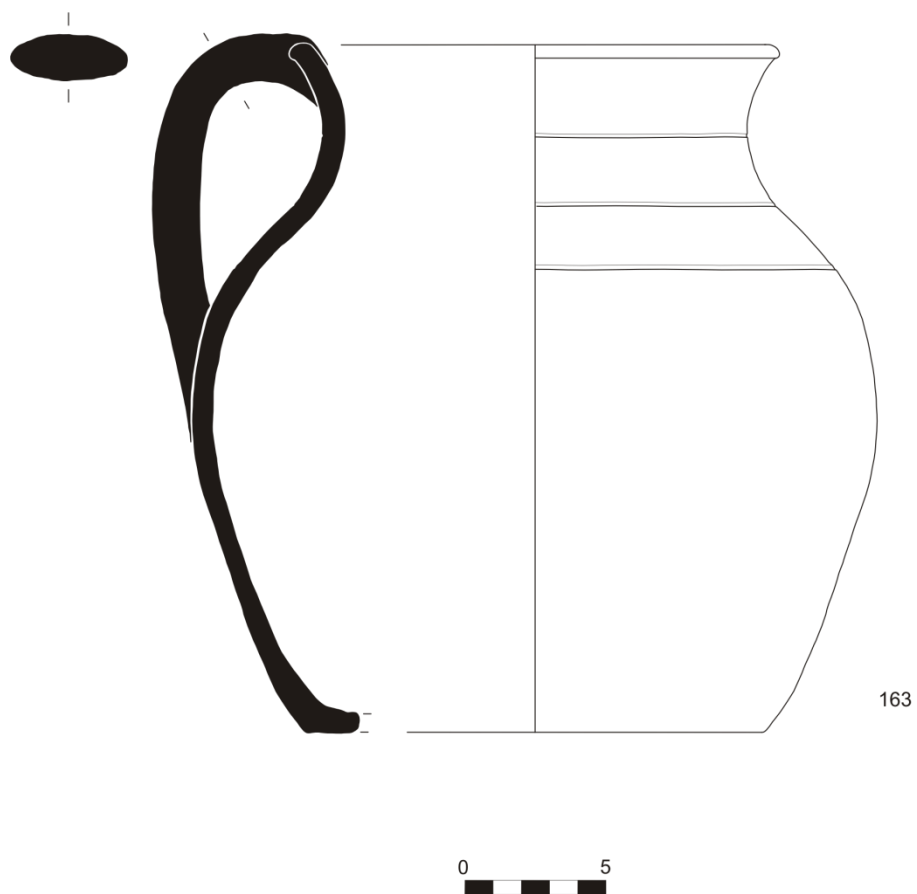
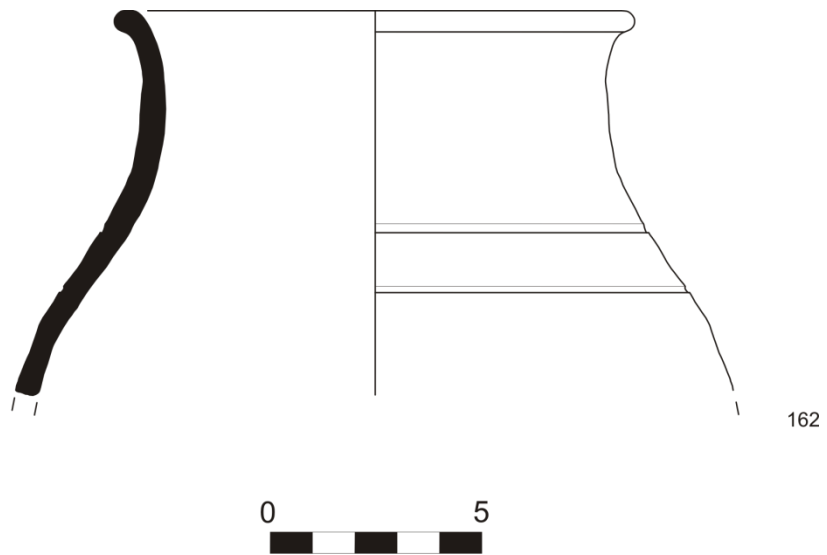


Figura 37 – Peças 162 e 163

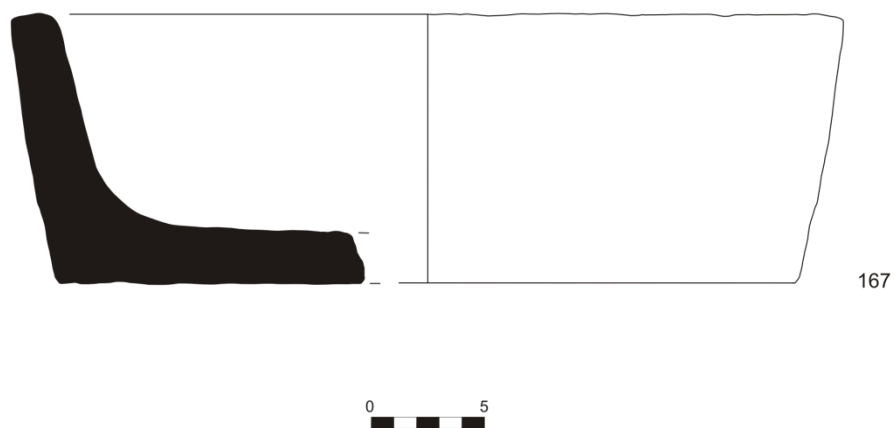
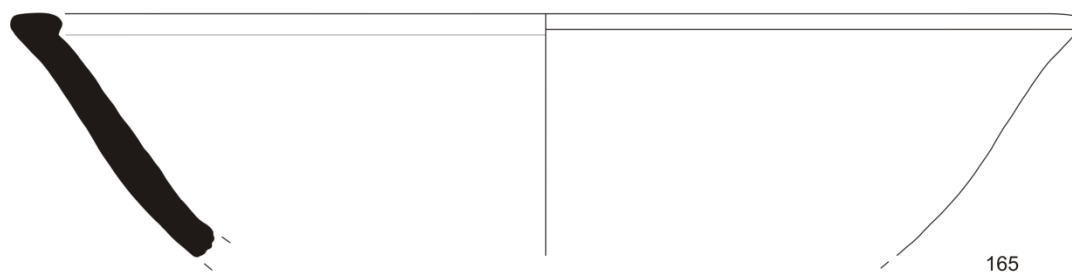
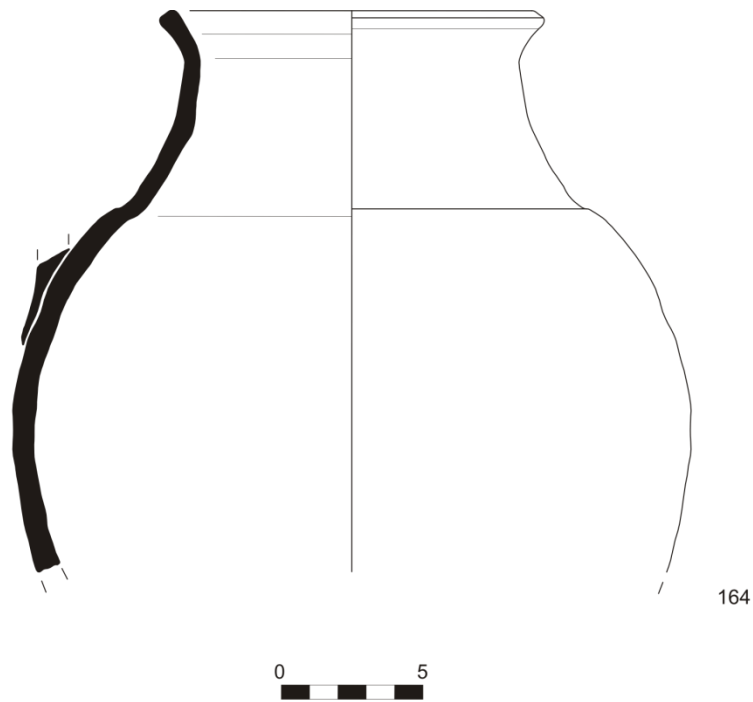


Figura 38 – Peças 164, 165 e 167

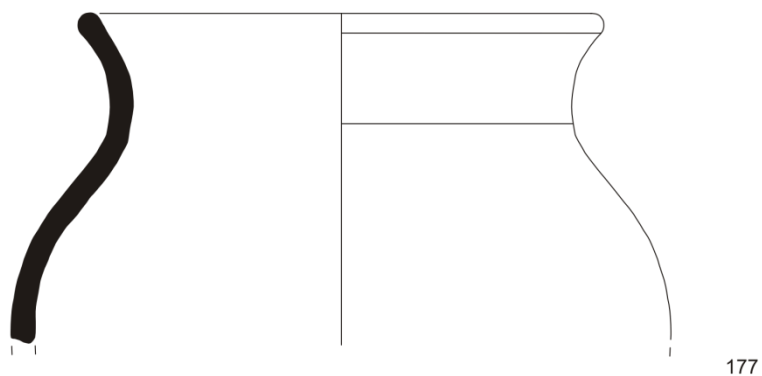
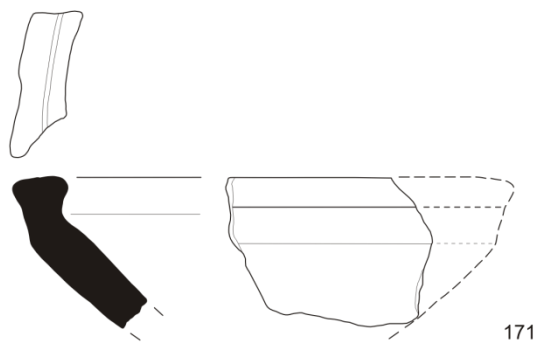
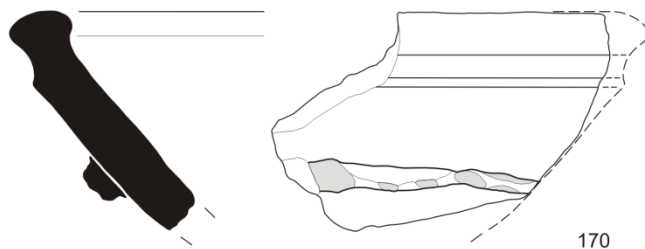
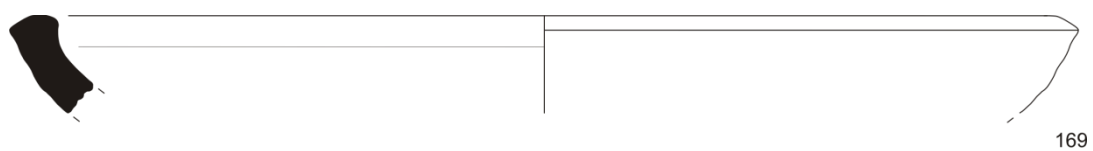


Figura 39 – Peças 169, 170, 171 e 177

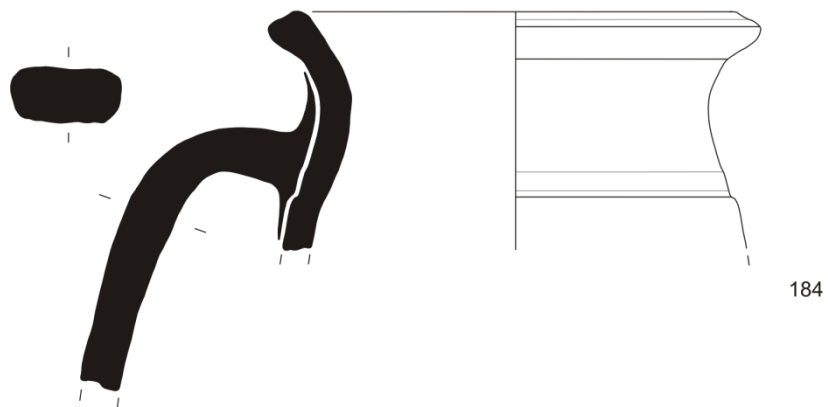
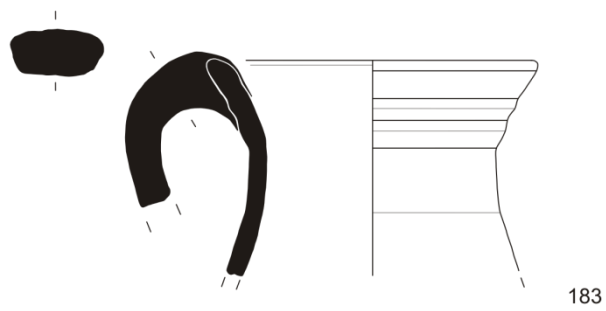
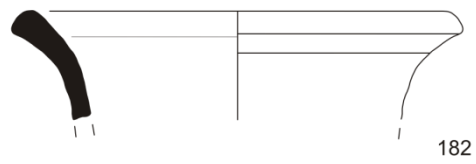
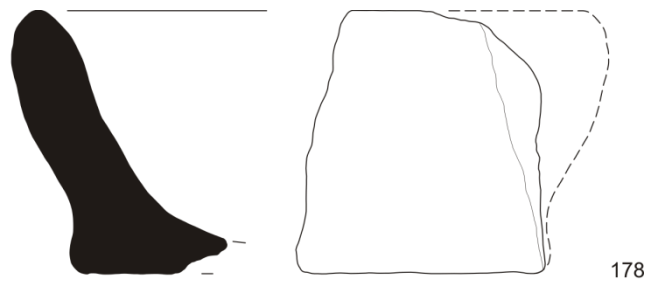


Figura 40 – Peças 178, 182, 183 e 184

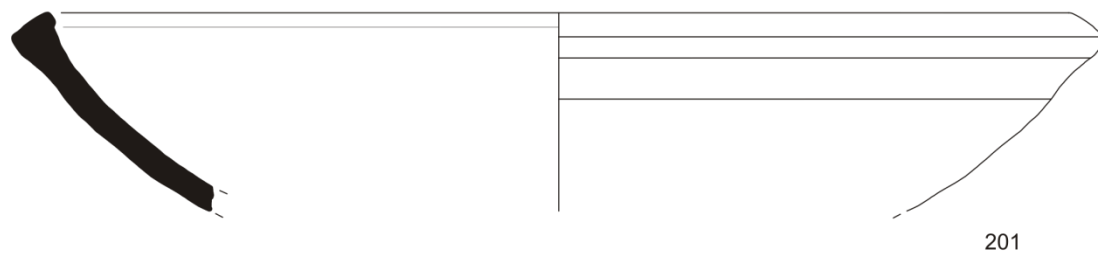
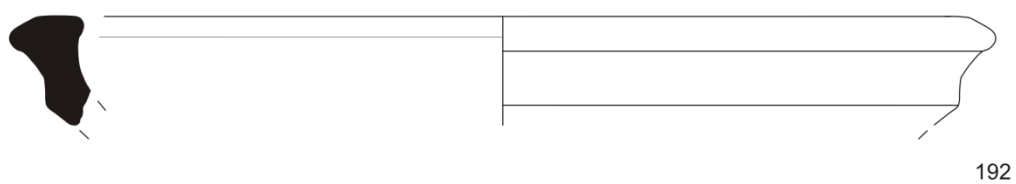
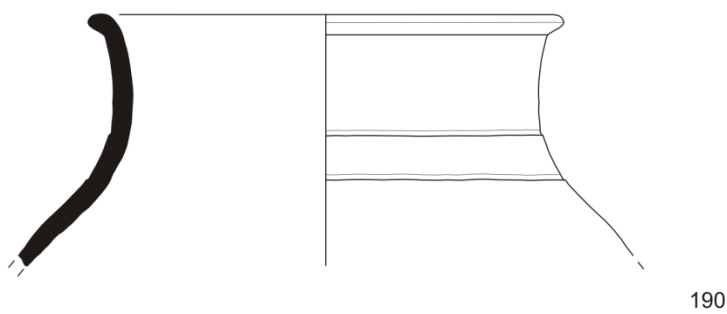
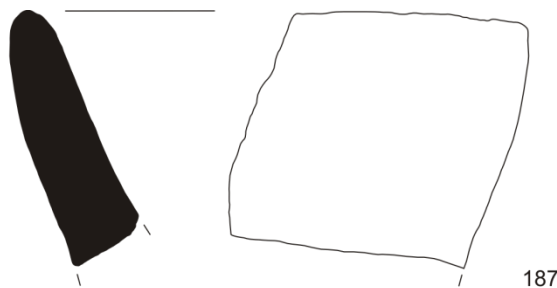


Figura 41 – Peças 187, 190, 192 e 201

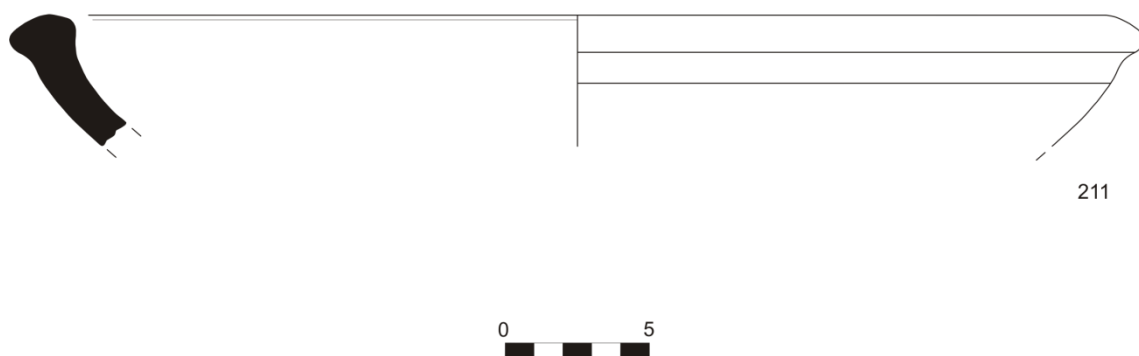
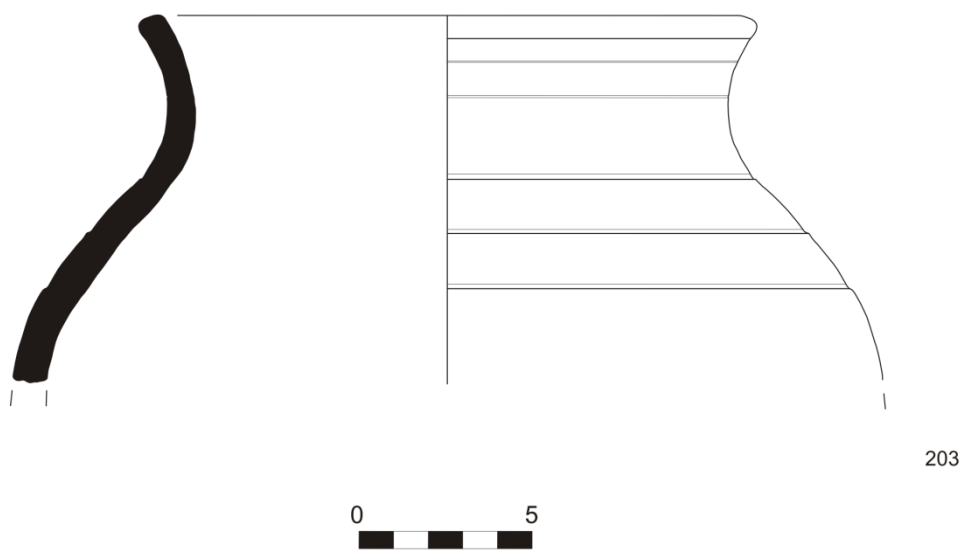
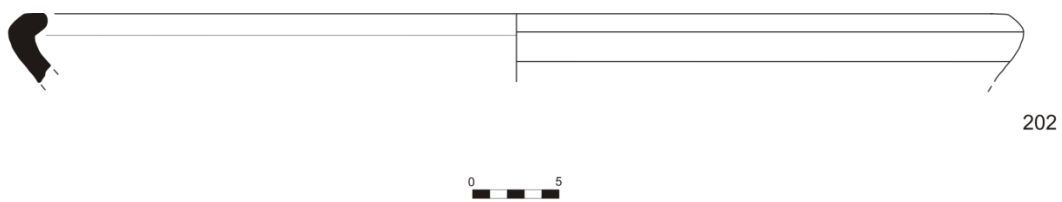


Figura 42 – Peças 202, 203 e 211

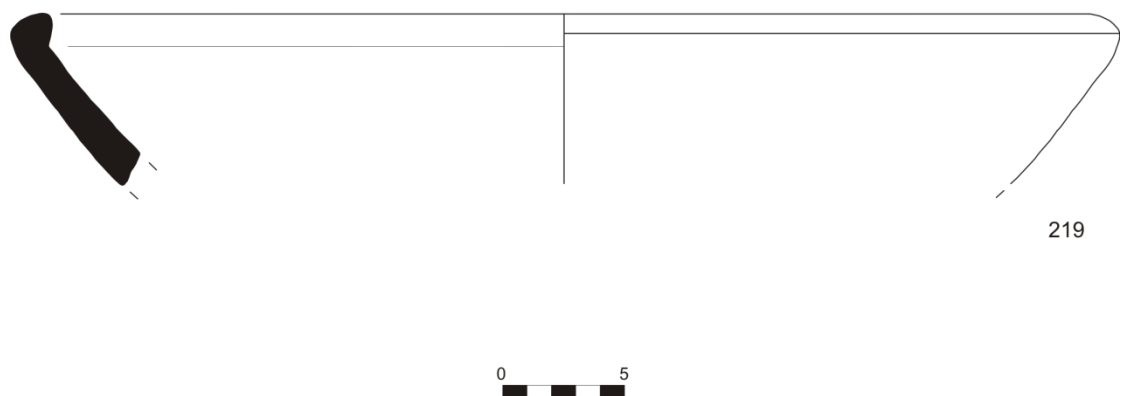
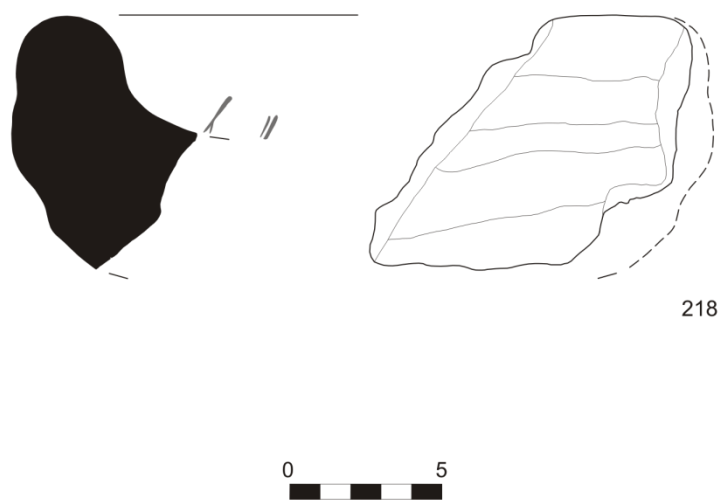
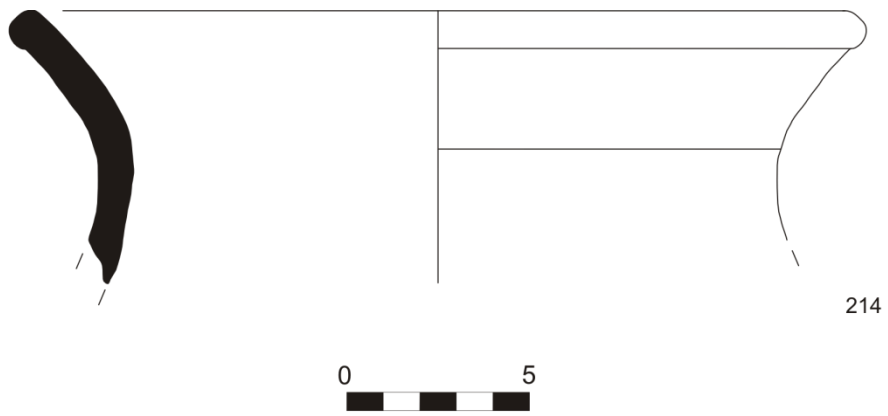


Figura 43 – Peças 214, 218 e 219



Figura 44 – Peças 1 a 6 (Autor: Vasco Vieira)

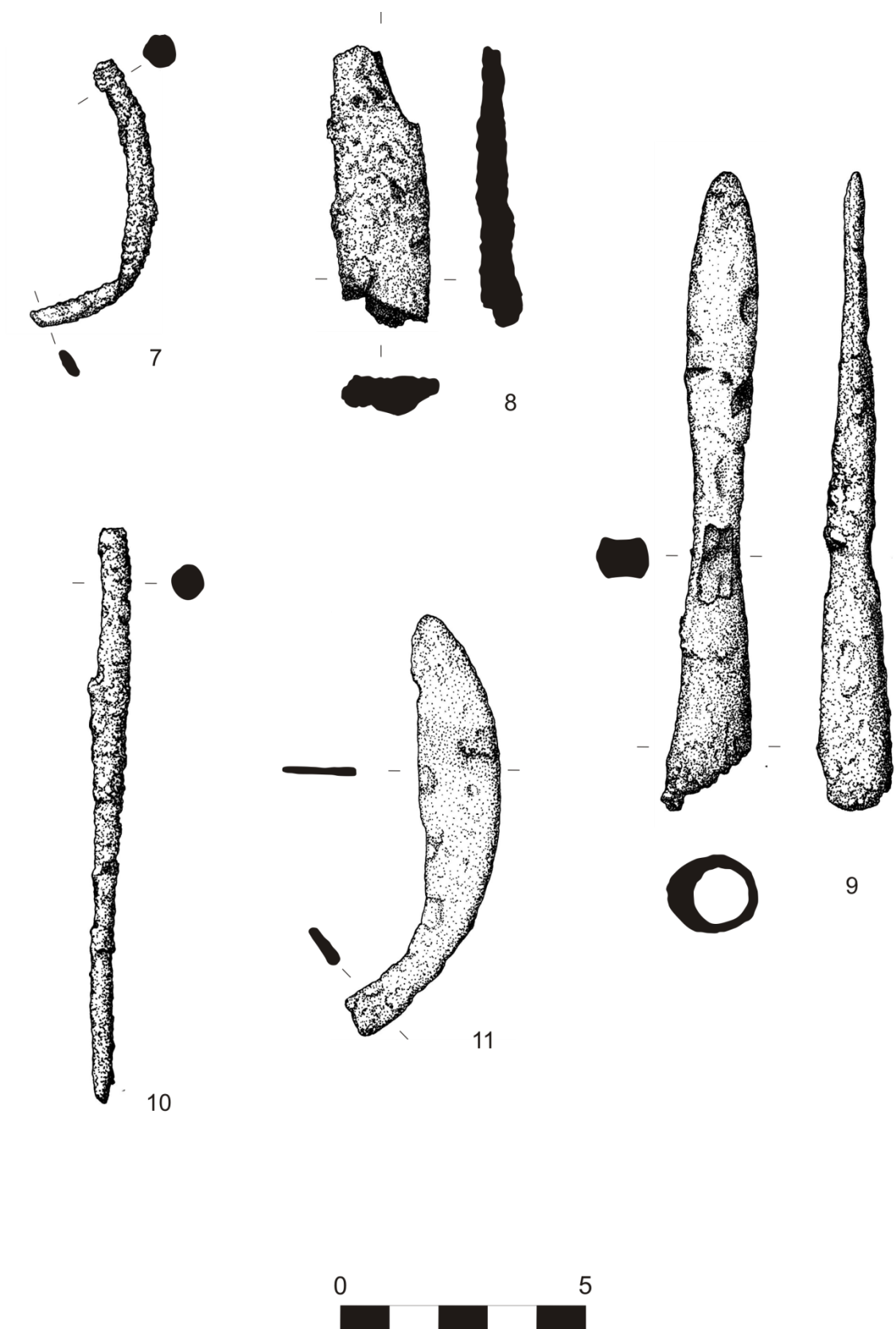


Figura 45 – Peças 7 a 11 (Autor: Vasco Vieira)

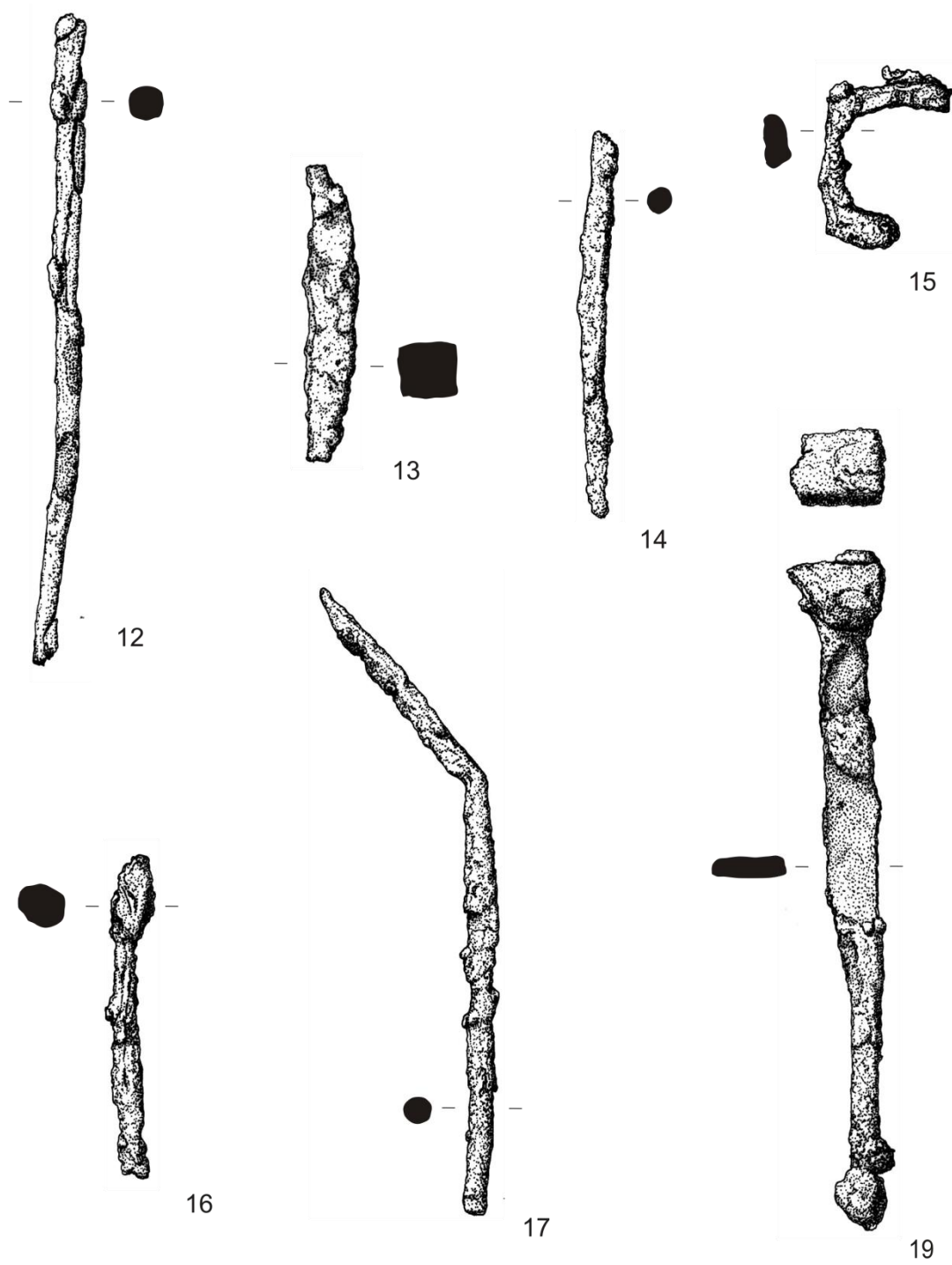


Figura 46 – Peças 12 a 17 e 19 (Autor: Vasco Vieira)

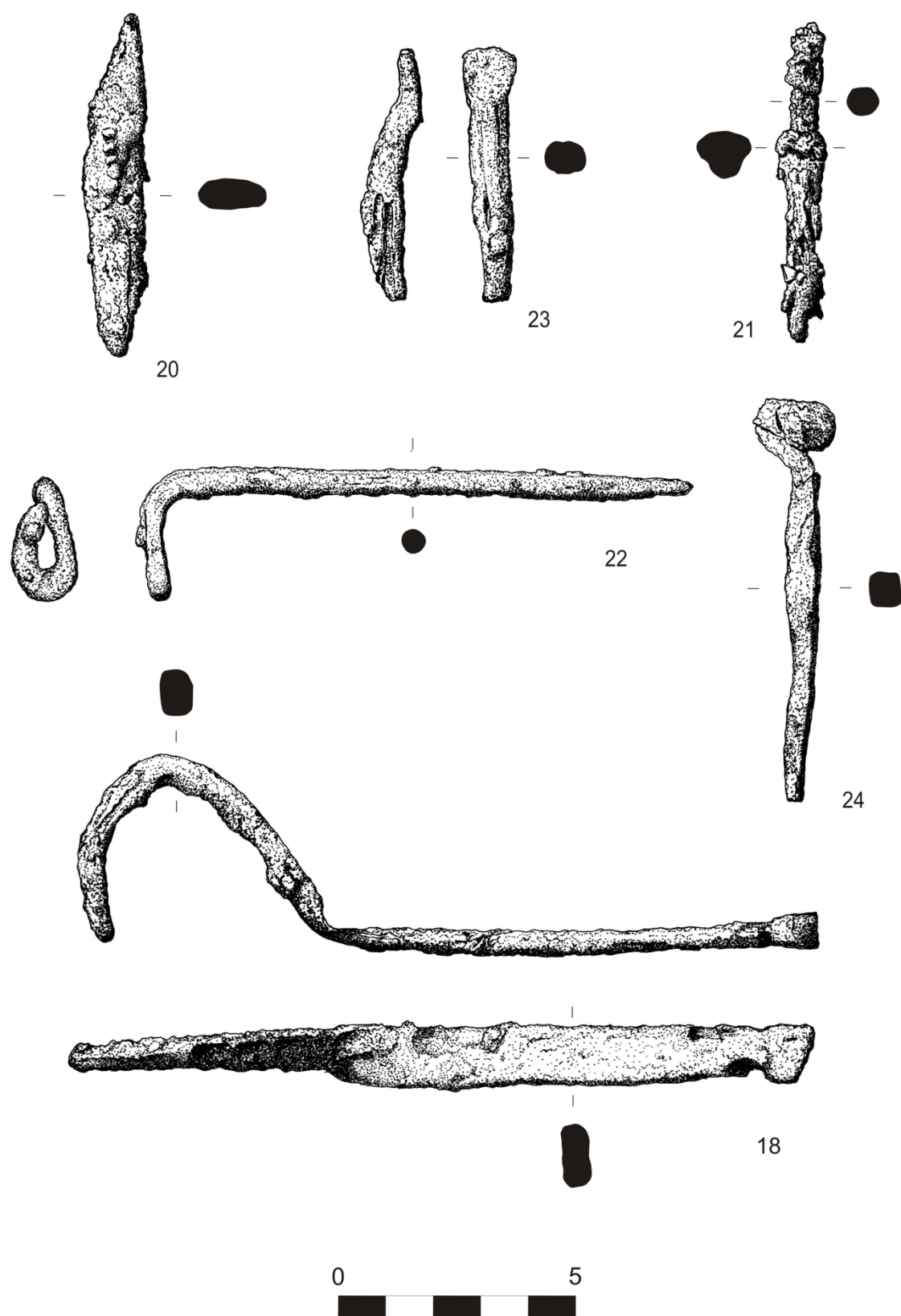


Figura 47 – Peças 18 e 20 a 24 (Autor: Vasco Vieira)

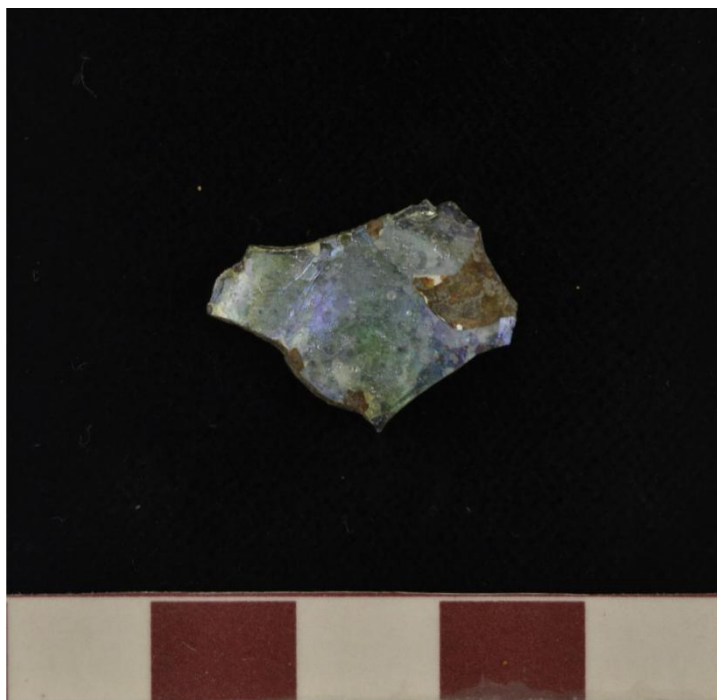


Figura 48 – Fragmento de base de vidro identificado na área 4

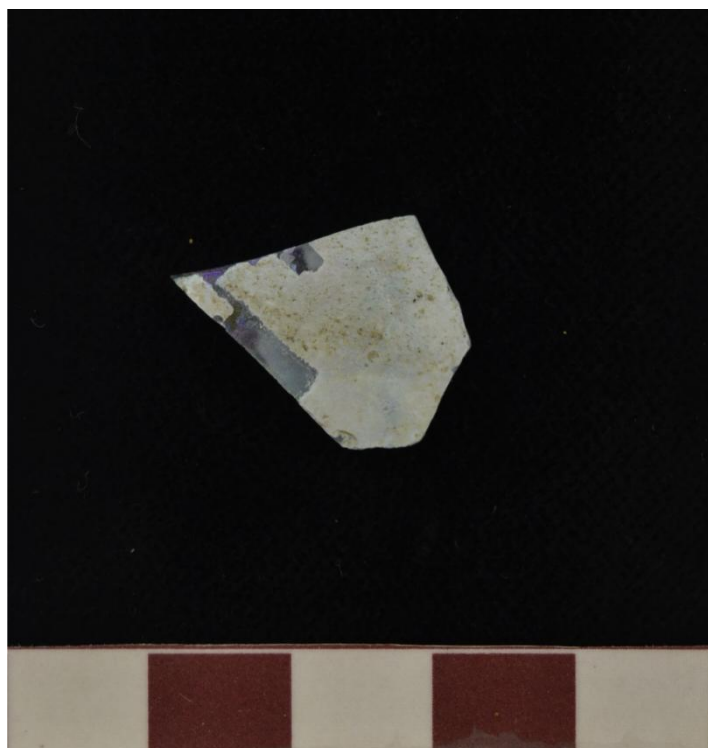


Figura 49 – Fragmento de vidro com vestígios de uma aguada branca nas superfícies
identificado na área 4